"A NEVASCA NATALINA MAIS
AÇUCARADA DE TODOS OS TEMPOS"

FIRE Christmas

UM CONTO DA TRILOGIA FIRE

EDUARDA BRITS

"A NEVASCA NATALINA MAIS
AÇUCARADA DE TODOS OS TEMPOS"

FIRE Christmas

UM CONTO DA TRILOGIA FIRE

EDUARDA BRITS


nutella
CHEFE
WHITE

Copyright © 2022 Eduarda Brits
Todos os direitos reservados

É proibida a reprodução total e parcial desta obra de qualquer forma ou quaisquer meios eletrônicos, mecânico e processo xerográfico, sem a permissão da autora. (Lei 9.610/98)

Essa é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos na obra são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes e acontecimentos reais é mera coincidência.

REVISÃO DE TEXTO
Andréia Idalgo Cardia

DIAGRAMAÇÃO
Larissa Chagas
@lchagasdesign

CAPA
Senara Sousa

LEITURA CRÍTICA
Ruth Feola

ILUSTRAÇÃO TREMIA 1
Gabriela Gois

ILUSTRAÇÃO TREMIA 2 | CHOSE | SCOTTER
Micheli Cruz

ILUSTRAÇÃO DE CAPÍTULOS
Camilly Lopes

FIRE CHRISTIMAS – Conto da Trilogia Fire [recurso digital] / Eduarda Brits. – 1ª Ed. 2022.
1. Conto. 2. Romance Contemporâneo 3. Erótico 4. Ficção I. Título

SUMÁRIO

PLAYLIST

DEDICATÓRIA

EPÍGRAFE

NOTA DA AUTORA

ALERTA DE GATILHOS:

CAPÍTULO CHOSE: Descoberta de Cores

CAPÍTULO TREMIA: Árvore de Gengibre

CAPÍTULO SCOTTER: Fogão de Açúcar

CAPÍTULO WHITE: Nevasca Açucarada

AGRADECIMENTOS

PLAYLIST

Acompanhe a playlist de
“FIRE CHRISTMAS” no Spotify.



DEDICATÓRIA

Para todas as pessoas que não dizem “Feliz Natal Véspera”,
aproveitem enquanto podem.

EPÍGRAFE

“Natal é o momento em que as pessoas
estão solitárias e desesperadas.
É a época mais maravilhosa do ano.”

— Barney Stinson,
How I Met Your Mother

NOTA DA AUTORA

Satisfação, porque prazer é só na cama.

Meu nome é Eduarda Bri… mas você já sabe disso, não é? Sério que realmente está aqui pronta para sofrer o turbilhão de emoções mais uma vez? Devo alertar que não tenho mais vagas para sessões de terapia.

E como se não bastasse querer sofrer, ainda me escolhe para leitura natalina, é o sofrimento duplo, triplo ou talvez até quádruplo. E eu sempre aviso.

Juramentos da Autora:

Prometo te fazer rir com piadas de duplo sentido envolvendo xícaras e árvores.

Prometo te fazer chorar, por fora ou por dentro, com a intensidade de uma garrafa e um fogão.

Prometo te dopar de cenas entupidas de fofura na neve.

Prometo te fazer sentir fogo extremo com jaquetas policiais, casinhas de gengibre e queimaduras.

Mas o que eu realmente prometo, e nunca deixarei de prometer, é dramatizar das minúsculas até as maiúsculas cenas.

Você já conhece minha escrita e a sede que tenho para transformar tudo

em autêntico e dramático. Pois então, não espere um conto simples de Natal que será esquecido. Espere, aguarde e presuma a maior nevasca açucarada de todos os tempos.

P.S.: É normal não conseguir mais encarar jaquetas policiais, igrejas, cervejas sagre, raposinhas, ruivas, tom rosé, cores, casinhas de gengibre, elevadores, suéteres, aventais, árvores de Natal, nevascas, xícaras de açúcar, tortas, garrafas de vinho e fogões sem lembrar deste conto, acostume-se.

Dramaticamente,
BRITS.

AVISO DE GATILHOS

Cenas de sexo explícitas, agressão, traumas em decorrência ao luto, ansiedade e suas vertentes, relacionamento abusivo, tóxico e obsessivo, surtos, palavras de baixo calão, alcoolismo, consentimento duvidoso, transtornos psicológicos: compulsivos sexual e alimentar.



CAPÍTULO CHOSE:

Descoberta de Cores

Pense em toda a diversão que eu perdi
Pense em todos os garotos
Que eu não beijei
Ano que vem eu poderei
Continuar assim tão boa
Se você desse uma olhada
Na minha lista de presentes
SANTA BABY - ARIANA GRANDE E LIZ GILLIES

ROSE BRAGA

Cor. É a impressão que a luz refletida ou absorvida pelos corpos produz nos olhos. Se a pomba branca é a paz e eu sou ruiva, então sou a guerra? O general sobre o cavalo reluzente não sou eu, mas às vezes ataco sem ao menos querer, faz parte da minha naturalidade.

23 de dezembro.

Os pinheiros são o exército mais verde que já tive a satisfação de observar, dando ênfase, é claro, às armaduras brancas de neve. As luzes e enfeites são coloridos como uma rajada de clichês amorosos natalinos. O ar é tão frio que me lembra a friagem solitária da minha geladeira de madrugada.

Caramba, sou tão sozinha a ponto de olhar decoração natalina e me ver encalhada? Parece que sim.

Eu deveria estar em casa me aconchegando na lareira quente e não nesse frio insuportável em frente a uma delegacia.

O que estou fazendo aqui?

É a pergunta que faço a mim mesma centenas de vezes e só meus pés sabem a resposta, pois foram eles que me trouxeram até aqui. E, talvez, o convite da *Dama Vermelha*, que não paro de acariciar como se fosse a chance de

encontrá-lo de novo.

Ah, meu senhor, é sério isso?

É sim, não posso vê-lo com um motivo tosco, ele se sentiria importante. Preciso da desculpa perfeita para encontrá-lo por acaso.

Muito acaso entrar na delegacia que o homem trabalha, a metros e metros de distância da sua casa, por total coincidência. Quer saber? Vou embora, perca de tempo ridícula, posso muito bem ir sozinha na festa da Sarah como sempre fui.

Mas você quer isso, Rose?

Não, pelo simples fato de que sozinha, ninguém vai me lançar contra uma parede arrancar minha calcinha e meter com força até que minhas pernas não funcionem.

Eu gostaria de não me importar com essa solidão ridícula, mas…

Aquela jaqueta volumosa, tão chamativa e… protetora? Sinto que com aquele distintivo ele me protegeria de todos os vilões de filmes sem qualquer esforço. *Ser protegida é tão sexy.* Sim, eu tenho uma queda por homens de uniforme. Além do mais ele é fofo, um rostinho tão angelical, mas também sabe ser bruto quando algo o atrapalha.

Eu o atrapalhei naquele dia.

O dia em que ele me fez chorar com gritos robustos e grosseiros, me ordenando entregar a minha melhor amiga para as algemas nos seus bolsos. Essa foi a primeira vez que o vi. Ou pelo menos, a vez em que o encarei de verdade. Apenas ouvia as reclamações da Sarah sobre o policial intrometido, mas ninguém nunca tinha me dito o quanto ele era bonito de perto.

Por mais que seja atraente, ele prejudicou Trevor e sou leal a ele. Não deveria nem mesmo estar no mesmo quarteirão dessa delegacia e muito menos a centímetros do vidro da entrada. Eu posso olhar, só um segundo.

Faço.

Seguro minhas mãos no batente da janela e dou uma boa olhada na multidão de policiais rindo de alguma coisa. Parecem estar combinando algo

para o Natal, e onde *ele* está? Rodo mais os olhos por todas as mesas com quilos de papelada e o encontro recostado em uma cadeira.

Nossa.

Lauden os analisa franzindo o cenho como se fossem todos idiotas e parecem mesmo. Um sorrisinho de canto estampado no rosto enquanto faz da cadeira um trono. É isso que ele aparenta ser, um rei de pernas entreabertas deixando à mostra o colo que eu queria cavalgar.

Rose Braga!

O peitoral bem definido está protegido por uma camiseta simples azul marinho, mas mesmo de longe consigo ver cada pequena elevação no tecido. Como é tão sarado assim? É algum tipo de pré-requisito para ser policial?

Rose, ele é pago para proteger a sociedade, acho que tem que ser fortinho mesmo. E eu aqui sou paga para mandar em secretárias assanhadas. Pelo menos elas transam, já eu? Minha boceta deve ter criado teias de aranha desde a última vez que alguém me tocou. A culpa deve ser minha mesmo, não deixo ninguém se aproximar mais do que a *Linha Ruivística.*

Ah, sim. A Linha Ruivística é o traço que divide o sexo sem compromisso, o que não acontece com frequência, diga-se de passagem, e qualquer atitude que se encaixe no quesito pessoal.

– Restaurantes

– Cinema

– Família

– Conversa

– Contato salvo

Em resumo, tudo que seja além das cervejas e a conversa constrangedora de matina.

Não é por mal, mas parece tão cansativo conhecer alguém, abrir o coração e não as pernas, criar assuntos para manter a outra pessoa entretida. E para quê? Um término fodido quando ele enjoar de mim.

Acho que o último homem que apresentei a minha mãe foi o Trevor e…

ele foi perfeito como sempre. Realmente acredito que se a Sarah não fosse tão louca por ele, nosso relacionamento teria dado em algo.

Mas, convenhamos, competir com Sarah Scott é um caso perdido.

Escapo um sorriso ao lembrar de quando a odiava. Não adianta, é um ritual de passagem, primeiro você a odeia subitamente depois a ama incondicionalmente. Não me arrependo de nada do que aconteceu há nove anos, aquele triângulo ridículo me trouxe minha melhor amiga. Mas também Trevor me estragou para os outros homens.

E isso que a versão que eu fiquei era a de dezoito anos, não posso imaginar o quanto os flertes dele melhoraram infinitamente e claro… com uma professora como a Sarah, ele deve transar como um profissional.

Por isso eu não deveria estar aqui, minhas duas pessoas favoritas odeiam esse homem, e com razão. Chris prendeu a Sarah e ainda fodeu a Garota de Mel. Meus lábios tremem e rio comigo mesma. Trevor deve estar *puto* com isso até hoje.

Na verdade, acho que Trevor ama tanto a Mia por esse motivo. Ela é doida. Ninguém nunca tinha ousado dizer "não" a ele tantas vezes e muitos menos transar com o inimigo do cara porque ele não fez o que ela queria.

Você curte mulheres malucas, Trevor.

E a Sarah curte cachorrinhos como o CEO de Baunilha.

Eles nunca se limitaram por ninguém, deveria ter aprendido com a Hills a ser mais ambiciosa. Posso ser. Posso fazer o que eu quiser. E eu quero tocar nas mãos dele mais uma vez.

Continuo observando pelo vidro tomando coragem para entrar fingindo estar confusa por alguma razão que não descobri. *Você consegue, Rose.* É apenas manipulação, Sarah consegue sempre tudo que quer assim. *Lá vamos nós, vai. Anda.* Meus pés não estão se mexendo, é medo. Christopher ri de uma piada mal feita de um dos idiotas e eu travo. Estou literalmente fixa a cada feição dele, atração ridícula, deve ser a jaqueta.

Um pequeno sorriso escapa dos meus lábios ao observá-lo e no mesmo

segundo que faço ele inclina um pouco a cabeça e me encara.

MERDA!

MERDA!

MERDA!

Esbugalho os olhos de susto e ele franze o cenho loiro confuso ao me ver. Me escondo às pressas atrás de um poste na rua e respiro como uma hiena ansiosa. Meu peito bate contra o tecido do meu agasalho com tanta força que acredito que pode explodir, minha temperatura sobe e tenho certeza de que minhas sardas devem estar tão vermelhas quanto um pimentão. O metal do cilindro em minhas costas cria um choque térmico com meu pescoço, é suor quente, estou terrivelmente assustada por um único olhar.

É apenas um homem como todos os outros.

Só estou com medo por fazer alguns anos que não gosto de ninguém. É só isso. Ele não é a última *Coca-Cola* do deserto. *Volte a respirar, Rose, por favor. Você só quer sexo, nada mais que isso, que homem iria recusar isso?* Nenhum.

— Rose? — ele me chama com a voz galante de policial e enrijeço o rosto todo, quieta. — Sabe que consigo te ver atrás do poste, não é? — Nesse momento estou xingando todos os palavrões que posso imaginar por não ter me escondido no beco.

— Sim — cuspo a sílaba ainda com os olhos fechados.

— Então… por que não sai de trás do poste? — ele ri.

— Eu não recebo ordens de você. — *O quê? Vai ficar aí parada então, sua ridícula?*

— Desculpe, Srta. Braga. Por favor, poderia sair de trás deste cilindro metálico para que eu a cumprimente de forma devida?

Cretino.

Me fez rir.

— Parece plausível, Policial Lauden. — Obedeço e me viro ao mesmo tempo que me silencio.

Meus lábios entreabrem quando o vejo com as mãos enfiadas nos bolsos da jaqueta azul. Um sorriso por tê-lo deixado me ver e mesmo no dia nublado os cabelos loiros são reluzentes como areia de praia. Lauden molha os lábios na espera que eu me pronuncie, mas continuo quieta observando a barba mal feita.

— Você veio aqu…

— Comprar uma árvore de Natal! — Ergo o nariz soberba quando penso na ideia genial ao ver alguns pinheiros amarrados num caminhão ao lado.

— Nossa, mas dois dias antes do Natal? — *Merda, tem isso.*

— Sim, é que a minha quebrou e estou procurando uma árvore grande e grossa para iluminar meu Natal. — *Caramba, essa foi profunda e desnecessária, que vergonha. Grande e grossa?*

— Tenho certeza que sim — bufa rindo.

— Não acredita em mim? — retruco o atacando quando ele ergue as mãos em defesa me fazendo segurar um riso.

— É claro que acredito, Ruiva.

— Não me chame assim. — O encaro com fogo nos olhos. Não sei por que fiz isso. Minhas feições mudaram imediatamente, *controle-se.* — Trevor me chama assim.

— Ah, ótimo. Mais uma. — Lauden revira os olhos e o sorriso some.

— Como é que é?

— Não vá me dizer que também é apaixonada por ele.

— Somos bons amigos e eu sou leal a ele. Diferente de você que não deve ser leal a ninguém.

— O quê? Você aparece do além em frente à minha delegacia, mente sobre uma árvore e ainda me insulta?

— Eu não ment…

— Poupe o fôlego, Braga. Meu trabalho é desmascarar mentirosos em interrogatórios a quatro paredes. Vai ter que se esforçar mais se quiser me enganar.

Minha boca se abre imediatamente após o autoritarismo dele. Ele fez de

novo. Era um homem angelical que se transformou em um militar arrogante, assim como no dia do elevador. Ele não é o certo. Não serve nem mesmo para sexo se me trata assim. Tenho que respondê-lo, gostaria de usar minhas frases azedas sem o mínimo de sentimento, tais frases que fazem todos pensarem que tenho uma pedra no lugar do coração.

Mas não consigo.

Minha garganta queima, é como se estivesse tomando lava por ouvir sua voz elevar o tom mesmo que pouco, todas as pouquíssimas vezes que conversei com ele foram assim. Pareço uma mulherzinha sensível de TPM, chorando por tudo de mais ridículo. Poderia confrontá-lo, dizer o quanto ele é imbecil, jogar na cara que nunca vai ser detetive ou falar da merda que fez com a Garota de Mel, eu poderia. *Eu quero falar.* Mas se ele não serve mais para me jogar nas paredes do interrogatório não tem porquê investir. *Diga apenas que ele é um idiota.* Abro minha boca, descolo os lábios, e forço para sair a junção de palavras agressivas que minha mente projeta e não adianta tentar lutar. Eu quero chorar.

Chega.

Não vou me humilhar por mais um homem.

Respiro fundo e tomo coragem para me virar e deixá-lo plantado após uma feição de ódio minha. Caminho, sem correr nos passos, indo embora dessa delegacia maldita.

— Espera! Rose, por favor, não precisa ir embora! — A voz dele fica cada vez mais baixa à medida que meus passos aumentam.



Vermelho, verde e branco.

As cores da bandeira que enrolam o vidro da minha cerveja favorita. E se o rótulo enrola, eu o descasco, mania ridícula de nervosismo.

Eu amo bares.

São escuros como os corredores de filmes de terror, cheiram a álcool puro, tão amargo e fascinante. Álcool me deixa elétrica, solta e me tira da versão real e decepcionante do mundo. Entendo o porquê dos alcoólicos sofrerem tanto para largar esse líquido, ele é… *poderoso*. É puro poder engarrafado, além de afastar as piores mágoas com algumas doses.

Sinto que nem deveria ter levantado da cama hoje, talvez eu devesse ficar sozinha mesmo, gosto de ser assim ou pelo menos é mais fácil. Eu me conheço, sei do que preciso e me cuido até que bem. Quer dizer, geralmente é fácil, porque agora ao invés de ver minhas séries de drama, eu fico pensando naquela jaqueta. Nem ao menos sei por que gosto tanto de ficar perto dele. Atração sem sentido algum, exceto por aquele momento no tribunal.



Primeiro dia.
Tribunal de Aliciamento Sexual.

Ódio. Como pude ser tão burra? Dizer que a Sarah estava de luto na frente da advogada. É um prato cheio para Tavares acabar com a Loira Vermelha e por minha culpa, eu deveria ter sido perfeita como a Morgan foi para o Trevor.

Fico apenas encarando o espelho sentindo raiva por achar que tenho o direito de chorar. Sarah, ela sim pode chorar depois da merda que fiz. E se ela for presa? É a única pessoa que me entende, me ama e cuida de mim. Como vou ficar sem ela?

— Srta. Braga? — Assim que escuto uma voz na porta do banheiro corro para a cabine e tranco. Não preciso que ninguém me veja assim e nem mesmo que sintam pena. — É Rose, certo? — Permaneço calada. — Eu vi o que

aconteceu no tribunal, não foi culpa sua, as advogadas não têm coração.

E por que ele acha que sou diferente delas? Por que ele acha que eu tenho um coração?

Ouço o barulho do batente se descolando e seus passos caminham pelo banheiro até que os vejo por debaixo da fresta na cabine.

— A Sarah não parece brava com voc…

— VOCÊ NÃO A CONHECE! — eu berro tão alto que ele se cala instantaneamente.

Quem ele pensa que é? Achar que sabe mais dos sentimentos da minha melhor amiga do que eu.

— Tem razão, você a conhece há anos. Acha mesmo que uma única palavra vai fazer com que ela sinta ódio de você?

Touché, Lauden.

— Pode abrir a porta? — Meu corpo não reage. — A qualquer momento alguém virá atrás de você para terminar o interrogatório e não quero que te encontrem impotente assim.

— Por que você se importa? — Fungo o nariz enrolando o papel higiênico nas mãos.

— Destranque a porta. — *Quer saber? Que se dane.* Obedeço e assim que retiro o trinco ele entra aos poucos testando o terreno para ter certeza de que não vou matá-lo. Poderia, mulheres emocionais são perigosas.

— Feliz? Outra donzela em apuros que o *policialzinho* ridículo vai salvar — provoco atirada por não querer que o foco seja meu choro.

— Donzelas não precisam de homens para salvá-las, apenas servem para cortejar.

— Está me cortejando? — Mordo meu lábio totalmente fixa aos seus olhos azuis.

— Gostaria se eu estivesse?

Ele murmura, as palavras saem de sua boca atrevidas, mas com fundo de inocência. Chris é assim, um misto do *Policial Certinho e o Policial Malvado.*

Então eu me pergunto, qual dessas personalidades seria capaz de me atacar? *O seu olhar é tão angelical, Lauden, é tão diferente do que seus lábios dizem.* Eu vejo você em silêncio, todos os sons somem. As conversas paralelas no corredor e os carros atravessando a avenida ao lado. Eu só escuto o meu coração batendo rápido e seu pequeno riso nasalado, quase imperceptível, por notar que eu travei.

O que está acontecendo comigo?

Essa sensação que me queima por dentro, minhas mãos estão suando o papel higiênico, a respiração que não controlo. Estou chateada, chorando, emocionada, deve ser por isso. E não por *ele*. Eu nem sei ao menos quem ele é, só ouvi seus gritos do dia em que levou a Sarah, por que ele está tão perto de mim? E, por Deus, por que eu quero me aproximar dele? Eu quero ficar mais perto da boca que me perguntou se eu gostaria de estar sendo cortejada. Esse peitoral que sobe e desce junto com meu busto, essa jaqueta maldita que não sai do corpo sarado dele.

Me deixaria usá-la?

Do jeito que me encara, Christopher, eu poderia te deixar louco de excitação, assim como está fazendo comigo. Seria justo, não? Você me ataca com essas palavras e não vai ficar impune. E se eu chegasse mais perto? Me aproximando, bem mais próxima, sentindo esse cheiro de… não consigo descrever, é atraente. Algo como couro novo e talvez, cravo? E se eu imagino cravos, penso em beijos, eu quero sua boca na minha, Chris. Reaja, está vendo que eu quero, que estou louca para cometer o erro de te dar atenção.

Eu me inclino mais para frente e por mais que Lauden me encare com incerteza de qualquer ato, não me limita, continua intacto como uma estátua de arte me deixando livre para realizar o que desejo. Se antes eu sentia seu cheiro, agora escuto a respiração ofegante e até mesmo se me esforçar, o som cativante de cada vez que ele engole em seco por estar nervoso. Penso em investir, quando ele crava as mãos no meu cabelo e puxa minha cabeça para trás. *Ah, mas… era isso que eu queria, Policial.* Ele não me beija, me deixa sofrer na força de seus braços que me puxam ainda mais para ficar à mercê dele. Não conhecia esse seu

lado, na verdade nem ao menos o conheço de qualquer maneira, mas gostei disso.

Meus olhos chegam a brilhar de tensão, feliz, Trevor? Você tem razão. *Olhos brilhantes podem significar duas coisas. Raiva Súbita ou Amor Sublime*, mas o que eu sinto por você, Chris?

— Rose! — a voz estridente que só poderia ser da Dama Vermelha esmurra a porta com batidas fortíssimas. — Está aí dentro? Por que trancou?

Assim que ela grita, o Policial me larga e pela primeira vez tenho ódio de ouvir a voz da minha melhor amiga.

— Eu não tranquei pelo motivo que pensa, eu juro, nunca que… — Paro de ouvir enquanto ele balbucia frases de perdão. Ele acha que eu me importo se trancou a porta? Chego a rir por dentro por respeito a ele, porque a verdade é que ficaria feliz se trancasse a porta *dessa* cabine. — Eu não te obrigaria a nada, sei que deve achar que estou mentindo pelo meu erro com a…

— Chris. — Lanço meu dedo em seus lábios para silenciá-lo. — Eu sei que você não me obrigaria a nada, você é todo certinho — sussurro com um riso baixo e ele franze o cenho. *Não gostou que te chamei assim? Então seja mau.*

— ROSE! — A loira berra e tenho certeza que pode quebrar o banheiro inteiro.

— Estou indo, Sarah! — Assim que digo e ela escuta minha voz, os gritos se acalmam. — Se esconda ali — murmuro e aponto para a cabine ao lado.

— O quê? Na privada? — ele questiona balbuciando baixinho.

— Isso, só por alguns minutos, se ela te encontrar aqui, aí sim vai ter problemas. — Ele ergue a sobrancelha mais uma vez pensativo e eu resolvo fazer algo. Inclino minha cabeça para frente e me mantenho fixa ao seu olhar azul. — Por favor — imploro, molhando os lábios e os seus segundos de silêncio mostram o quanto se hipnotiza fácil.

— Eu faço. — Ele obedece como um cachorrinho e eu sorrio correndo para abrir a porta do banheiro.

— Oi — chamo-a e assim que volto ao mundo real a vejo me fitando extremamente desconfiada.

— Por que trancou a porta? — Ordena uma resposta com os lábios vermelho vivo.

— Ah… eu…

— Estava chorando? — me silencio. — Rose, eu não estou brava, foi apenas uma palavra, até mesmo eu com aquela pressão toda teria errado.

— Você não merecia isso.

Afirmo a verdade, por mais que tenha sido apenas uma palavra, comprometi todo o argumento da Samantha em segundos por um deslize ridículo. *Porra*, são dez anos, e a única vez que ela realmente precisa que eu a defenda, faço isso. Talvez, esteja certa em amar mais o Trevor, pois ele com certeza vai ser perfeito. *Ama falar de você, Sarah, faz isso com a maior excelência do mundo.*

— O que está pensando? Quando fica muda assim, cria cenários irreais.

— Eu deveria ter sido perfeita, como a Morgan foi para o Trevor.

— Ah! — Ela se ofende e me empurra de leve para dentro do banheiro fechando-o. — Sam fez perguntas simples a Morgan, Trevor não é o réu, a imagem dele não é tão importante para Tavares. Por isso, ela focou tanto em te desestabilizar, porque é a única além do Trevor que me importo e ela acha que pode manipular.

— Não está chateada mesmo? Se estiver podemos ir na padaria ao lado, eu vi um *Red Velvet* enorme com glacê…

— Rose, o que eu preciso, você não pode me dar. — Ela me encara maliciosa mas com fundo de melancolia.

— Ele voltou mesmo com a Mia? Tenho certeza que não negaria se você pedisse.

Nem Deus em forma humana negaria os estímulos sexuais de Sarah Scott.

— Não é mais a mesma coisa.

— Como assim? Isso é ridículo, essa química não acaba.

— Não é a química, é o sentimento. O jeito que ele olha para Miranda é… *sublime*. E além do mais, eu estava imaginando algo mais singular.

— Singular?

— Gostos singulares — ela balbucia e joga o olhar penetrante azul para o chão.

— *Aham*, e talvez esteja pensando nesses "singulares" — brinco com os dedos. — Por causa da advogada que trouxe o gosto cinza à tona?

— O quê?! Odeio essa cor ridícula, eu nem pensei nisso, quer saber, está ficando maluca trancada nesse toalete.

— Sarah, *toalete*, sério?

— Todos deviam falar assim, a outra palavra é deselegante.

— Banheiro?

Ou casa de banho, mas esse ela odeia ainda mais, rio comigo mesma.

— Aqui não tem chuveiro, tem? Não faz sentido.

— E também não tem toalhas.

— Chega, quer saber, recomponha-se porque preciso daquele bolo, te espero em frente à padaria. — Ela coloca os dedos albinos em minhas bochechas, limpa o restante das minhas lágrimas e beija minha testa. — Eu te amo, e você foi sim perfeita. — A loira sorri e deixa o toalete… opa, banheiro.

Nossa, Sarah, deixe de me manipular!

Alguns segundos depois de parar de ouvir seus saltos batendo no chão de madeira, me aproximo da cabine e abro-a bem devagar encarando Chris abraçar os joelhos sobre a privada. Eu abro um sorriso pelo favor que me fez e estendo a mão que ele segura para sair do cubículo.

— Obrigada — digo e volto ao espelho para arrumar meu rosto manchado.

— Não tem de quê.

Enquanto deslizo o zíper da minha bolsinha de maquiagem percebo que ele está me encarando passar batom nos lábios, rímel nos cílios e quando seguro

o pincel para colocar pó em minhas bochechas ele trava meu movimento com o braço robusto. Viro meu olhar franzido sem entender.

— Você não precisa disso.

— Acho que não é você quem decide, e por que não?

— Esse pó cobre suas pintinhas no rosto — ele ronrona e ergo as sobrancelhas surpresa com o que acaba de dizer.

Esse homem é totalmente diferente do policial grosso que gritou comigo naquele dia. Está tão manso que eu poderia acreditar que rolaria no chão e pediria para jogar bolinha.

— Chamam-se sardas, comuns em ruivas — explico.

— Não importa o nome.

— Você gosta delas? — lanço a frase para testá-lo.

— Quando tudo isso acabar, você gostaria de almoçar comigo? — Ele ergue os lábios em um sorriso de canto e nos milésimos de silêncio após a pergunta eu travo meu corpo inteiro.

Ele quer me levar para almoçar? Eu nem o conheço direito, e por que ele quer almoçar comigo? Quer sexo? Ou talvez uma amiga. *Ah, Rose, homens querem transar com mulheres que sentem atração*, assim as táticas do Trevor tem apenas esse objetivo.

Eu não quero transar com ele.

Aham, mentir é feio, Braga.

Encaro seu olhar azul brilhante, tal jeito de observar que me deixa inteira paralisada, como se eu fosse uma delinquente que ele está detendo por ser malcriada. E se eu não te desse o que quer, Chris?

— Não — digo curta, fecho minha bolsinha e caminho para a porta.

— Como?

— Eu disse não. — Sorrio virando apenas a cabeça para ele.

— Eu acho que estou interpretando mal seus sinais.

— Provavelmente, Policial Lauden.

— Então, se a sua amiga não tivesse nos interrompido, você não teria me

beijado?

— *Uhum*, não teria.

— Entendi, e se eu tivesse te beijado, recusaria?

Mas que merda…

— A resposta é não, Chris. — Tiro forças do além para negar mais uma vez.

Ele dá alguns passos, devagar, lento para que eu escute ansiosa a proximidade que vem ao meu encontro. Lauden, ergue uma mão em permissão e eu assinto sem ao menos pensar. Seus dedos tocam meu queixo que ele ergue e me mantém fixa ao seu rosto angelical.

— Eu vou conseguir um sim, custe o que custar.



Sim, realmente aquilo foi um **momento** e tanto.

Só que isso já faz meses, e por mais que ele tenha insistido no convite algum tempo depois, permaneci firme na resposta negativa. *Até que ele parou.* Eu tenho ódio de mim mesma por tê-lo rejeitado inúmeras vezes e quando o homem toma para si um pouco de amor próprio eu o quero de volta.

É a Teoria da Lagosta, de Robin Scherbatsky em *How I Met Your Mother*[1]. Ela nunca sentiu vontade de comer lagosta até saber que era alérgica, e o fato de não poder nem chegar perto do crustáceo foi tão excitante que quase morreu lambuzada de crise alérgica.

Não poder ter algo é ridiculamente desafiador.

— Mais uma, Rose? — O barman que conheço há anos me pergunta já com o abridor na boca de outra garrafa.

— Sabe que sim, Tiago. — Ele sorri e lança a cerveja pelo balcão.

Coloco o vidro amarelado nos lábios e deixo o líquido escorrer amargo

por toda minha garganta. Poderia ser *outro* líquido amargo.

— Caramba, esse é o último lugar que imaginaria te encontrar! — A voz do policial me faz engasgar e quase cuspir tudo no gargalo da garrafa.

Como ele me achou aqui?!

Tusso com toda a força na tentativa de parar de uma vez e mesmo assim continuo sem ar. Chris se aproxima e tenta tocar em minhas costas, mas afasto meu banco mais para a esquerda, o toque dele me faz travar, não posso senti-lo… *não agora.* Como é? Já não tinha decidido que não vale a pena?

— Desculpe, não quis assustá-la.

— Como… — Tomo mais da cerveja para amenizar. — Como me encontrou aqui?

— Tenho meus truques. — Ele sorri e ao mesmo tempo um pastor alemão atravessa suas pernas sentando ao seu lado como um policial mirim. O barulho da coleira que pode ser escutado a quilômetros de distância e a letra “L” bem enfática.

— Ele é bonito — elogio, fixa aos olhos do cão que assim como ele, deve ter dupla personalidade. Certinho e Malvado. — Como se chama?

— Lover.

O jeito da pronúncia é diferente. Não como *lóver* relacionado a amor, e sim *lôver*, até parece uma piada. É manso, amoroso, mas também forte dando *game-over* nos adversários.

— Não te imaginava frequentadora de um bar às três horas da tarde, muito menos que tomasse tantas garrafas.

— Ah, então mulheres não podem beber? — questiono raivosa.

— Espera, estamos brigando de novo? Não quero isso, eu vim por outro motivo.

Não estou brigando, é ele que provoca.

— Eu quero me desculpar por ter sido grosso na delegacia. — Lauden se aproxima e senta no banco ao meu lado. — E quero ajudar com a sua árvore.

— Árvore? — *Do que ele está falando?*

— Sua árvore de Natal, não estava procurando uma? — Ele franze o cenho desconfiado.

— Ah! Claro, sim, a árvore. — *Nossa, sou uma péssima mentirosa.*

— No que estava pensando? Disse grande, qual tamanho?

— Uns vinte. — Rio baixinho.

Quanto tempo será que ele demora para perceber?

— Vinte, quer dizer dois metros?

— Não sei se aguento — murmuro molhando os lábios.

Meu Deus, ele é tão puro assim?

— Sua sala é pequena?

— É… bom, eu só queria algo chamativo, assim, que me fizesse gritar de alegria.

— Sim, árvores grandes são bem chamativas, mas talvez se você decorar bem uma menor e…

— Mais grossa.

— Exato, teria o mesmo efeito.

Lauden, mas nem assim?!

— E a cor? Tem pessoas que gostam de árvores coloridas.

— Pensei bem rosa.

— Combinaria com seu nome.

— Christopher! — exclamo incrédula que ele não percebeu nem com a cor. — Não estou falando de árvore.

— Mas como assi… Ah, nossa.

Como se eu apertasse um botão em seu cérebro, automaticamente ele sorri morto de vergonha e me encara surpreso.

— Você é bem…

— Atrevida?

— Safada — conclui, fixo ao meu rosto que agora tem mais cor que o vermelho em meu cabelo.

— Você que é certinho demais.

— Gostaria que eu fosse mau?

— Não faz ideia do quanto. — Talvez seja o álcool. *Com certeza é o álcool.* Me faz ficar mais solta e esquecer das decisões que tomei há segundos atrás.

Não vale a pena.

Não vale a pena.

Não vale a pen…

Os olhos dele são tão azuis, e estão me encarando sem nenhum pudor, desse jeito fica até mais fácil crer que ele pode ser esse Policial Malvado.

Como se fosse interrupção divina um grupo de policiais empurra a porta do bar com tanta força que faz meu amigo barman os encarar com raiva. São extremamente escandalosos e bobões.

— Lauden, está fazendo o que ainda aí parado? Vai ter é um belo ***laudo*** médico quando o patrão ver você moscando!

Trevor teria rido dessa.

— Eu disse que encontraria vocês lá, mas que merda!

— Você ficou com a chave do carro, inteligência rara. — Chris revira os olhos como se quisesse matá-los pela interrupção e antes de lhes entregar a chave me encara.

— Rose, o que vai fazer hoje à tarde?

Espera, isso é um convite? Outro? Posso aceitar? Não, claro que não. Tenho que parecer ocupada, segundo as regras da Sarah para manter homens interessados, respire, droga.

— Sim, eu tenho que…

— É algo melhor do que ajudar crianças carentes perto do Natal?

— Acho que agora qualquer coisa que eu disser vai me fazer parecer insensível.

— Esse é o intuito — ele ri.

— Não me dou bem com crianças.

Nunca gostei muito delas, talvez por isso elas não gostem de mim.

— Ah, só precisa vestir uma fantasia e sorrir. Com certeza vão adorar ver uma mulher bonita ao invés dos policiais de sempre. — Assim que ele me elogia os colegas o zoam com piadinhas baixas que finjo não escutar.

— Vão chamá-la de foguinho do jeito que você é…

— Dalpino. — Lauden o restringe com o mesmo olhar mortal que prestigiei no dia do elevador.

— Certo, esperamos lá fora. — Chris os espera sair e levanta do banco chamando o cão.

— Desculpe por isso, eles não têm nem um pingo de limite.

— Não sei se me sinto protegida com essa segurança pública — brinco.

— Se aceitar almoçar comigo posso ser seu policial pessoal.

Ah, ele chamou de novo, ainda está interessado!

— Tentador, mas a resposta ainda é não.

— Por enquanto.



CAPÍTULO CHOSE:

Descoberta de Cores

Minha jaqueta nem sai de casa
Eu quero fingir
Que estamos no Pólo Norte
Transformando o calor num feriado bem gelado
Feito apenas para mim e meu amor
E nós vamos fazer coisas típicas de inverno
WINTER THINGS - ARIANA GRANDE

CHRIS LAUDEN

Cor. É a impressão que a luz refletida ou absorvida pelos corpos produz nos olhos. Eu nunca escolheria o laranja, tudo o que faço, penso e desejo é ser soldado azul. Sei qual é o lado correto e o sigo com excelência, mas às vezes… o laranja não é um macacão, e sim uma ruiva.

Nome: Rose “Raposinha” Braga

Data de nascimento: 12 de novembro de 1995

Endereço: Rua Augusta, Prédio Santa Maria Maior, apto. 82.

Número de celular: +351 933 702 446

Ocupação: Administradora. Universidade do Porto. Administração - Especialização em *marketing*.

Emprego: Gerente de secretárias, Scott Mídia. Empregada desde 2012.

Análise de desempenho: Excelente.

Mãe: Cristina Braga

Ocupação: Desempregada, ex-secretária, Thompson Mídia.

Pai: Telório Guimarães Braga.

Ocupação: Jardineiro.

Ex-namorado: Não encontrado.

Orientação sexual: Desconhecida.

Fiadora: Sarah Alice Scott.

Estado civil: Solteira.

Extra: Internação grave de motivo não revelado em 2013.

Analiso pela centésima vez as informações do resumo que fiz alguns meses atrás. Decorei tudo e o papel passa no meu cérebro como um filme enquanto dirijo a caminho da igreja. *Você é tão misteriosa, Srta. Braga.* Olhando assim apenas para esses tópicos, faz parecer que é insignificante.

Os fatos sobre você que ainda não tenho resultado emergem em minha mente. Sua mãe trabalhava na antiga Thompson Mídia, então foi assim, ela te deu o emprego? Seu pai gosta de flores aparentemente, já que a profissão interferiu no seu nome, lindo por sinal. Por que a Scott é sua fiadora? Você ainda não consegue alugar uma casa depois de dez anos? É dependente demais.

Mas nada disso me faz pensar mais do que a internação em 2013. Eu li e reli todo o relatório até porque é extremamente curto, provavelmente ela ainda era menor para não terem relatado. Não foi um acidente, pode ter sido tentativa de suicídio…

Não, ela não faria isso.

A não ser com um motivo realmente grave.

Lendo essas palavras me faz tirar a conclusão de que além de ser dependente, ela também não é ambiciosa como a Mia, e sim, acomodada. Tem o mesmo emprego há anos, com Trevor e Sarah ao lado dela com certeza poderia ter o emprego que quisesse.

Você tem medo de mudanças, Braga?

Só pode ser esse o motivo para não ter nenhum namorado há nove anos, e namorado esse de 2012 que não consigo encontrar de jeito nenhum. Rolei todas as redes sociais e as únicas fotos que encontrei foram genéricas sem rosto.

Está esperando o homem certo?

The One, como diria Ted Mosby.

E quais seriam seus critérios?

Christopher!

Meu Deus, não posso voltar a ficar obcecado pelo emprego de detetive. Até parece que sendo um *stalker* maldito vou conseguir, mas que é divertido saber tudo de todos, com certeza é sim.

Já tinha arquivado esse resumo faz um mês depois dela ter recusado meu pedido pela oitava vez, e então *do além* ela aparece na minha delegacia. *Eu posso não ser tão promíscuo quanto você, Rose, mas bobo, como os caras da minha unidade, pode ter certeza que não sou.*

Está certo, eu demorei uns cinco minutos para perceber que ela estava dando em cima de mim falando de toras de árvores…

MAS!

Em minha defesa, estava querendo ser cavalheiro e com foco em ajudar na procura, só que não imaginei que a madeira estivesse entre minhas pernas.

Como ela pode ser tão depravada?

Safada, foi a palavra que deixei escapar dos lábios. Poderia ter dito outra junção de sílabas, mas se ela pode brincar, eu também posso.

Não que eu fosse conseguir ter ideias de cantadas tão… Senhor! Não entendo o porquê de estar correndo atrás dessa mulher. Ela é extremamente atrevida, azeda, bipolar e trabalha demais. Eu observei, é ela quem mantém a empresa daquela dupla dinâmica funcionando. Os funcionários a obedecem com facilidade, se hipnotizam pelo Trevor e temem a Sarah. *Você é amada por lá, não temida, no entanto, tenho a impressão de que não sabe disso.*

O potencial que ela emana é tão visível como a estrela da árvore que achei que a Ruiva queria.

Ah, não posso chamá-la de Ruiva.

Porque Trevor White já roubou essa também.

Convenhamos, cara, impossível competir com Trevor. Metade de Lisboa já ajoelhou no chão por ele e isso é muito irritante.

Tudo bem… eu não o odeio mais tanto quanto antes, desde a festa de *Halloween* e toda aquela confusão, ele tem sido mais gentil comigo. Mas esse

fator não elimina o carinho e a dívida que tenho com a namorada dele. Parece até sacanagem, a única mulher que senti algo depois de anos eu dou um jeito de estragar tudo bêbado…

Posso me desculpar centenas de milhares de vezes... ela me perdoou, disse isso no hospital naquele dia, e mesmo assim me sinto culpado.

Não traí apenas a confiança dela em mim que estou reconstruindo aos poucos em nossas conversas, mas a minha honra como policial. Honra essa que sempre foi e será meu maior valor.

A culpa foi sua, Daniel.

Se tivesse ficado vivo, eu não teria feito.

Tenho ido a algumas sessões de terapia obrigatória da delegacia após o luto, e as reuniões do Alcoólicos Anônimos têm ajudado um pouco. Nada que me faça esquecer do meu melhor amigo. Éramos tão diferentes daqueles tolos, a lei e proteção eram nosso lema, salvando mesmo que pouco do mundo todos os dias.

Quando ele morreu… acho que tudo de importante que achávamos ser o maior valor sumiu. A bebida... a mesma cerveja que Rose tomava naquele balcão, tal garrafa que tomei vinte e seis vezes, nosso número de dupla policial. Tudo na tentativa de me aproximar dele de alguma maneira. Poderia ter me deixado ir, teria ficado vivo e construído a família de três filhos que tanto sonhava.

E o que eu estou fazendo de importante?

Valeu a pena dar a vida por mim, Deni?

Às vezes, de vez em nunca, o escuto dizendo que eu encontraria a tal garota que me faria sair do apelido ridículo de puritano.

Se isso não aconteceu com a Mia, não acho que vá acontecer…

Ou pelo menos não achava até ver a tal secretária enrolando as mechas do cabelo ao falar comigo. Acendeu como mágica a tal luzinha brilhante que diz “ei, talvez seja ela”.

Deni dizia que eu tinha que ser mais ativo do que passivo. Fazer como…

sei lá, o Trevor faz. Jogando em paredes e toda aquela porcaria. Ao invés de ficar a chamando para almoçar, é isso que as mulheres querem, ação.

Parece tão difícil, elas não poderiam gostar de atenção e carinho gradativo?

“Não, Chrisfreira.”

Foda-se. Eu gosto de ser assim, de conhecer bem antes de trocar intimidade com as mulheres. Talvez eu tenha o espírito da saga *Bridgertons* incorporado. Não do Anthony[2], óbvio.



— Achei que fosse ter conversa no caminho — Ah, *dane-se você, Trevor. A* **ruiva** me questiona com um biquinho.

— Desculpe, deixe-me explicar. — Sacudo um pouco a cabeça mesmo fixo ao trânsito. — Todo ano os policiais da minha brigada ajudam nesse projeto antes do Natal para alegrar as cria…

— Caramba, eu estava falando outro tipo de conversa, não essa.

Essa mulher é extremamente confusa.

— Que tipo de conversa?

— Se aqueles otários não tivessem entrado no bar, o que teria respondido? — Tento ser eu mesmo perto dela, manter meus limites de cavalheirismo, mas essa secretária pede a cada dois minutos que eu diga o quanto acho…

Ah, foda-se.

O quanto eu acho essa ruivinha gostosa para um caralho. Ela não tem limite algum, como pode? Que tipo de mulher usa uma blusa branca tão apertada? Ou sou eu que estou tão vidrado nos seios dela desde que colocou os pés na minha delegacia. E se fossem apenas peitos, tudo bem, qualquer mulher

tem isso, mas *porra*… essa pele. Ela é tão branca que a única coisa que penso é até onde vão essas cores claras. *Você é assim inteira, Rose?*

Me diga, esse cabelo ruivo ficaria ótimo enrolado nas minhas mãos? Se eu tivesse a coragem de te perguntar tenho certeza que diria sim. Ou não, é só isso que ela diz para mim. Eu a convido, e a resposta é não, mas em cinco segundos está mordendo a merda dos lábios me encarando com os olhinhos pedindo para que eu contribua com seus desejos sórdidos.

Por que não para de tentar me corromper?

Você não gosta de mudanças e quer me mudar?

— O gato comeu sua língua? — Eu realmente não me lembro o porquê de gostar dela.

— Não. — Bufo, estacionando o veículo em frente à igreja.

— Então por que não me responde?

— Estou respondendo.

— Como uma secretária eletrônica.

— Você é a secretária. — Assim que digo seus lábios formam uma circunferência de ofensa.

— Sou gerente de secretárias! — impõe com poder, toda nervosa.

É como ir à feira e encontrar o mais colorido pimentão vermelho.

— É a porra da mesma coisa.

Mas que merda, é assim que quer que eu seja? Grosso e ridículo?

— Por que você é assim? Uma hora é gentil e na outra um otário?

— E por que você é tão estressadinha? Quando um não quer, dois não brigam.

— Quando um não quer, dois não flertam.

Porra, mulher.

Antes que eu possa responder alguma frase pronta de contra-ataque ela sorri. Um sorriso maldito que está mexendo com a minha virilha. Acabei de confirmar novamente o quanto ela é bipolar.

— Você me odeia?! — lanço sem pensar.

— O quê? — a voz dela agora é baixa.

— Diz não a todo momento e fica brigan…

— Eu disse sim agora, estou aqui.

— Disse sim para as crianças carentes — lembro e Rose revira os olhos.

— Tem razão, você é uma criança carente.

— Hã? E você é uma menina nervosinha carente.

— Quer saber? Chega, eu vim ajudar as crianças e é isso que vou fazer. — A ruiva transforma sua pele em um misto bem mais avermelhado de raiva, sai e bate forte a porta do carro da polícia.

Rolo os olhos o mais alto que consigo por sentir essa atração ridícula por uma mulher difícil dessa. Saio do veículo e quando me viro a encontro abraçando a si mesma de frio.

— Isso que dá usar essas blusinhas apertadas — provoco.

— Blusa essa que você não parou de encarar.

— Eu não estava encarando a blusa. — Dou de ombros com um sorriso que a deixa fervendo de fúria e surpresa.

Realmente, é divertido surpreendê-la.

Tiro minha jaqueta e estendo para que ela pegue quando a vejo paralisar.

— Você não quer? — questiono franzindo o cenho.

A minha pergunta flutua no ar, tão perto das nuvens escuras pelo clima de dezembro, que nem ao menos lembro mais há quanto tempo a questionei. Rose ainda abraça o próprio corpo com força e deixando marcas de dedos na pele de seus braços. Apertando ainda mais o busto que sobe e desce como cavalos de carrossel. Uma sincronia perfeita, ou pelo menos era perfeita até segundos atrás, pois agora ela hiperventila. Nem tenho consciência do que está fazendo, apenas acompanho fingindo ou tentando olhar fixamente para os seus olhos que não tinha admirado com tanto vigor.

São extremamente verdes.

Não algo como esmeralda brilhante, mas sim como florestas frias de Natal, é sombrio. Como se houvessem histórias a serem contadas que esses olhos

viram. E se penso nos acontecimentos de sua vida é impossível não reparar nas tatuagens minimalistas. São desenhos de todos os tipos, alguns de flores, outros animais marinhos e datas. Sua pele não é poluída como a maioria dos caras que deti, é sensível e feminino. Rose é limpa, exalando empoderamento, mas também é suja como um poste de *striptease* por sua mente promíscua. E se falo de atrevimento, penso nos seus cabelos de fogo, tão chamativos que poderiam ser vistos a quilômetros daqui. É uma roda gigante brilhante ruiva.

É isso que você me faz sentir, Rose.

Uma roda gigante cheia de sentimentos.

Me faz subir no alto das nuvens quando enrola os dedos envergonhada pelo jeito que a encaro. *Ah, esses dedos que brigam com o ruivo assim como fazem comigo.* Ela me ataca com fervura e ao mesmo tempo se sente tão atraída que trava a fala. No entanto, essas nuvens que toco quando te elogio ficam cada vez mais distantes quando se torna tão defensiva. Caramba, agora que pensei nisso, a encarando tão fixo.

É rejeição.

Tem medo que eu te rejeite, Rose?

Eu nunca faria isso, não precisa me dizer não centenas de vezes quando sei que foi até aquela delegacia para me ver.

— Aceite, por favor — peço e a sobrancelha desconfiada que sempre estampa seu rosto acaba sumindo.

Eu posso te tratar sempre assim, apenas faça o mesmo comigo.

— Obrigada — depois de longos segundos ela responde e segura o agasalho.

Chego até a arfar uma risada silenciosa quando a vejo sentir o peso do tecido. Dou a volta por seu corpo e a ajudo a se vestir um braço de cada vez, depois volto à sua frente e fecho bem devagar o zíper da minha jaqueta policial. Tão lentamente que um pudim de forno poderia ficar pronto, não quero que isso acabe. *Não quero? Como assim, Chris? É apenas um zíper.*

Não… é o zíper da minha jaqueta fechando esse corpo pálido com curvas

de uma ruiva que me deixa louco.

Eu sempre tive uma queda por ruivas.

Subo mais alguns milímetros até que uma de suas mãos cobre a minha me limitando. Quer que eu pare antes de esbarrar um pouco em seus seios. Eu paro. Não que eu queira, mas eu paro se quiser.

— Pare aqui — pede ainda em contato com minha mão.

Acho que não tinha sentido seu toque ainda, é macio, as mãos dela parecem algodão ligadas a garras vinho. É gostoso senti-la tão próxima assim. É como se rufassem os tambores para o que poderia acontecer de espetáculo principal. Essa sensação ansiosa prestes a um momento de lembrança é bem mais fascinante do que o momento em si.

— Assim pode continuar encarando — murmura molhando os lábios.

— Está me dando permissão? — falo baixinho.

— Gostaria que fizesse mais sem eu ter que permitir — arfa.

— Eu faço — obedeço. — Ah… temos que ir, não demora muito, tudo bem? Disse que tinha compromisso.

Se é que tem mesmo.

— *Aham* — ela assente e tranco o carro.

Caminhamos um ao lado do outro, mas não a toco. Minhas mãos não deslizam em seus dedos como eu queria, apenas passeiam a centímetros de distância enquanto ela anda lindamente com os cabelos ruivos ao vento.

É realmente uma bela visão.

Abro as grandes portas de madeira da igreja e é como se tivesse aberto uma festa infantil cheia de brinquedos para todos os lados. É uma alegria luminosa que abunda todo o castelo católico. Por mais que a arquitetura seja sofisticada, com gesso impecável e pinturas da Bíblia desenhadas no teto e nas paredes, ainda assim, as crianças fazem parecer uma baderna. E confesso que adoro essa época. Me lembro de brincar entre esses bancos de polícia e ladrão com meus amigos, criávamos uma cadeia no altar e usávamos os microfones da missa para berrar o barulho das sirenes.

— Aí não! Guilherme, desça! — a voz de calmaria e desespero vem da Irmã Agnes.

Uma senhora gentil ao extremo, vive para dar o melhor aos outros esquecendo dela mesma. Por isso sempre mando um presente grande de aniversário. Enrolada em uma espécie de tenda branca, eu vejo assim quando as pestes a desarrumam. Por alguns segundos a encaro e quando me vê dá passos largos para me abraçar.

— Christopher! Obrigada por vir! — Suas mãos amaciam minhas costas, eu a aperto e logo percebe a presença de Rose ao meu lado. — Ah, meu senhor, estou enxergando direito? — ela sorri tão imersa nos pensamentos positivos que transmite a alegria para mim.

— Te trouxe uma mulher bonita, não é uma miragem — eu elogio e a ruiva se transforma em um pimentão mais uma vez.

— É uma grande satisfação conhecê-la, me chame de Irmã Agnes e seja muito bem-vinda! — Antes que eu possa limitá-la, já está abraçando-a também.

— Muito obrigada — Rose murmura as sílabas um pouco assustada com a rápida demonstração de afeto.

Não costuma receber carinho?

— Pode deixá-la respirar, Irmã — brinco. — Onde estão as fantasias?

— Estão na copa, não demore porque já se atrasou, *hein*? Os meninos estão te esperando no campinho, e você... — Ela mexe no cabelo de Rose e como se fosse imediato meu corpo se arrepia e engulo em seco por nunca ter tido a chance de fazer o mesmo. — Depois venha comigo, vamos para a oficina de tranças. — A secretária sorri e eu tomo coragem para puxar sua mão na tentativa de tirá-la do aperto da Irmã. Parece estar bem desconfortável.

Assim que nos distanciamos o bastante deixo de segurar sua mão, com a maior dificuldade do mundo, diga-se de passagem, e a deixo entrar primeiro no cômodo cheio de caixas com itens de Natal.

— E então você quer… — remexo nas bagunças. — Rena, boneco de neve ou mamãe Noel?

— Mais simples possível, não quero chamar atenção — ela murmura, o que acende um alerta em mim que me deixo aproximar.

— Não gosta de abraços?

— Gosto… não sei. Ela nem ao menos me conhece.

— É animação, sente muito afeto por mim, te ver aqui já cria as esperanças de te ver de vestido branco nesse igreja, não ligue, por favor. — Rio vasculhando outros itens.

— Você quer casar?

— Com você? — brinco e ela paralisa. — Bom, quem não iria querer? Acho que se encontrasse a pessoa certa, com certeza, sem pensar duas vezes. E você?

— Ah… eu não penso sobre isso, mas que bom que tem esse apoio dela. — Ela coça um pouco a nuca e eu me aproximo cada vez mais perto do seu corpo.

— Por que você não escolhe a minha e eu escolho a sua?

— Por que você não mostra o seu que eu mostro o meu? — O biquinho amuado de segundos atrás se torna um sorriso promíscuo bem brincalhão que eu não resisto em copiar.

— Você não tem jeito — confesso e coloco sobre sua cabeça uma tiara decorada de rena.

— Você que é certinho demais. — Assim que reafirma encontra um cachecol verde e vermelho que enrola em meu pescoço. — Pronto, um boneco de neve.

— E… — Seguro nas mãos uma bolinha vermelha e encaixo bem devagar em seu nariz. — Uma Rena Ruiva, vai ficar difícil não chamar atenção com esses cabelos de fogo.

— Fica difícil não chamar atenção com o tamanho do seu…

— Uau, vou ter que te limitar aqui, estamos sobre o teto da casa de Deus. — Mantenho o olhar para cima perto do divino.

— Eu ia dizer cachecol, seu pervertido! — se ofende e me abandona

sozinho na copa.

Duvido que ela ia dizer cachecol do que jeito que é safada.

ROSE BRAGA

É óbvio que estava me sentindo no mínimo deslocada, não pensei muito quando aceitei o convite solidário. Minto. Pensei sim, apenas pensei que estaria perto dele com uma ótima desculpa de estar ajudando crianças carentes. E foi um bom plano até a tal de Irmã Agnes me abraçar como se eu fosse a única mulher da Terra e noiva dele.

Não gosto de ser o centro das atenções como a Sarah. Sou mais de ficar na minha, invisível fazendo meu trabalho e não recebendo tanto carinho. Minha mãe nunca foi muito de dar afeto, apenas dizia o que deveria fazer com a minha vida. Estudar e trabalhar. Já meu pai sempre foi mais avoado no mundo das flores, o que eu gosto, amo os jardins dele. O fato é que esse tipo de carinho me assusta.

Apenas queria sexo.

Eu só quero sexo.

É só nisso que eu penso quando o vejo, ou pelo menos era até ele me entregar a jaqueta… Deus, como ele parecia um super-herói musculoso e gentil, com certeza Chris seria o *Capitão América* da *Marvel.*

E como mágica, o coelho saindo da cartola maravilhando o público, eu me encantei. Os olhos bem azuis dele me encaravam com tanta profundidade que me fez ficar tonta, a jaqueta que eu suspirava e imaginava fora do seu corpo estava sendo entregue a mim. A jaqueta azul repleta de emblemas costurados e o distintivo de metal bem brilhante. O peso do tecido até me desequilibrou, é bem volumosa, e digna de um corpo como o dele.

Sei… eu sei que é apenas uma jaqueta.

Mas parece um ato tão grandioso pensando em quanta honra esse

agasalho já passou com ele. Sinto como se estivesse vestindo uma proteção do mundo todo e ainda de quebra ele fica mais exposto e posso ver um pouquinho mais das curvas do seu peitoral na camiseta.

— Está se divertindo? — A Irmã se aproxima sentando ao meu lado. Uma mesinha com vários desenhos para colorir, foi o cantinho que arrumei para mim em toda essa bagunça e sem o Chris por perto. Ele já foi jogar bola com os outros policiais e meninos faz uma hora.

— Ah, sim. As meninas são muito educadas. — Sorrio ao lembrar dos elogios que me fizeram e o quanto dão atenção a uma companhia feminina. Me perguntaram sobre maquiagem e se eu tenho namorado. Estão querendo me empurrar para o policial, pensam que não sei. Chego a rir com o pensamento manipulador.

— São bem dedicadas também como o Christopher era. — A afirmação me faz ficar curiosa com o tempo que se conhecem.

— Você o conhece há muitos anos?

— Desde os dois aninhos, foi uma das minhas primeiras crianças — ela diz com carinho ao lembrar.

Primeiras crianças?

Ele morou aqui como essas meninas?

— Ele não tem família?

— Hoje sim, os Lauden o pegaram quando tinha quinze anos, antes disso vivia indo e vindo de lares adotivos.

Christopher, como você esconde isso tão bem? Olhando para você, vejo um homem de família perfeita e ceias de Natal bem arrumadas por toda a infância.

— Ele não te contou? — ela questiona quando percebe minha surpresa, nem eu mesma percebi o silêncio mórbido que deixei no ar.

— Nos conhecemos não faz muitos meses.

— Me desculpe, não quis assustá-la, sou mesmo uma boca grande! — Suas sobrancelhas mostram preocupação.

— Sem problemas, não me assustei, apenas fiquei surpresa. E ele vem aqui te ajudar todo o Natal?

— Sim, ele desenvolveu esse projeto com a brigada policial, sempre foi um dos objetivos.

— Desculpe voltar no outro assunto, mas por que rejeitavam tanto ele nos lares adotivos? Chris parece ser tão correto e obediente.

— Ele também é bem quieto e passivo, tinha dificuldade de se abrir e enturmar, o que dificultava a convivência de uma família que gostaria que ele fosse diferente. — Não tinha pensado por esse lado, poderiam o achar mal educado por não se comunicar.

— Não o vejo com dificuldade de conversar hoje, acredito que tenha evoluído.

— Sim, os Lauden foram bem pacientes e o deixaram sempre à vontade para ser como quisesse. — Ela dá um pequeno sorriso.

— Uma sorte.

— Sorte a deles de terem Christopher como filho — ela me corrige. — Mesmo que ele tenha ficado distante ultimamente.

— Por que acha isso? — Franzo o cenho enquanto pinto de azul um policial animado no papel.

— Desde que o Deni morreu, ele não tem mais o mesmo espírito para ser policial, os dois eram inseparáveis. — Não acho que ela saiba o que ele fez com a Mia.

Não tenho a mínima ideia de quem seja Deni, mas não seria difícil ligar os pontinhos que o luto afetou suas decisões. Vivo ao lado de duas vítimas de luto todos os dias, sei o quanto essa perda pode afetar a mente.

— Talvez ele tenha se sentido distante da própria honra.

— Pode ser, mas fiquei feliz de vê-lo depois de meses e ainda mais com você. — Por mais que eu saiba que estou aqui apenas por atração, sorrio por saber que de alguma forma melhorei seu dia.

— Roubado, totalmente roubado, juiz péssimo! — Ouço as vozes cada

vez mais altas dos caras brigando.

— Não tinha juiz, idiota!

— Exatamente por isso, deveria ter um pra barrar a sua falta.

— Vocês são muito chorões, caramba — a voz do policial me faz deixar de pintar na folha de papel e derrubar o lápis. E quando penso que a Irmã não percebeu, ela sorri. — E então, se divertindo com os desenhos, Rose? — Lauden senta ao meu lado inteiramente suado e minha raiva interior transborda por ainda estar com a camisa azul ao invés de sem como os outros.

Isso só pode ser sacanagem.

— Estou bem surpresa na verdade. — Ergo a sobrancelha e ele faz o mesmo sem entender.

— Eu e a Mia estamos nos divertindo muito!

Assim que a ouço dizer o nome da Garota de Mel meus lábios se entreabrem, meus olhos se fecham, e sinto o som das sílabas me penetrarem inteira. *Então você falou daquela bolsista de quinta categoria para essa segunda mãe? Parabéns, Chris, você é um iludido de merda mesmo.*

Nunca em um milhão de anos você venceria do Trevor. Tudo o que ele quer, consegue. Ele a fez aceitar a Sarah.

Não sei o que estou fazendo aqui, interferindo na vida dele, conversando com essa senhora sobre o passado dele, eu não me importo.

Então por que odiou saber que ele gosta da bolsista?

Deixo de me preocupar comigo mesma e o vejo travar o corpo todo, ele está em desespero por ver meu rosto franzido de puro ciúme. *O que? Ciúme? Mas cacete, Rose, é apenas sexo, apenas isso.*

Ela já transou com ele.

Como eu tenho vontade de matar essa mulher as vezes, já faz semanas que Trevor não aparece no nosso jantar de fim de semana, sempre com um compromisso atrás do outro. Eu sei que ele está em um relacionamento com ela, mas a Ross não pode afastá-lo da família desse jeito. E o pior de tudo isso é guardar minha opinião para mim mesma, já que a Sarah odeia falar dos dois

juntos, e é óbvio que não vai questionar o Trevor. Ela deveria gritar com ele, como sempre fez, dar uma boa bronca e trazê-lo de volta.

— Rose, eu…

— Não diga nada — eu o limito de imediato. — Já está ficando tarde, foi uma satisfação conhecê-la, Irmã Agnes, feliz Natal adiantado — digo me levantando da mesinha.

— Ah, me desculpe, eu que me confundo mesmo, querida! Minha memória é péssima, deveria ter…

— Acho que a senhora se lembra do que é muito falado.

— Me deixe explicar, me dê um minuto. — Lauden agarra o meu pulso com força e assim que seus dedos enrolam minha pele é como se um tiro de lembrança me dopasse.

“Me deixe explicar, me dê um minuto, Ruiva. Eu posso aguentar essa atração, não me vejo em um relacionamento com uma mulher tão promíscua assim!”

“Ela te manipula, não enxerga isso!”

“Eu estou dizendo que não, que eu nunca diria sim às provocações dela enquanto estiver na sua vida”

E parece que eu estava certa, Trevor, começou quando a citava em todas as conversas.

Me recuso a passar por isso mais uma vez.

Eu te amo, Sarah.

Eu te amo, Branco.

Eu amo vocês juntos, mas não o que tudo isso fez comigo.

— Largue o meu pulso, Christopher — respondo ríspida e ele obedece imediatamente.

Meus pés me levam como um feitiço para fora da igreja, eu não os controlo, exatamente igual as minhas emoções. Elas mudam tão rápido, são segundos, eu gosto dele? Eu odeio ele? Ou a verdade é que sou traumatizada demais para tudo que Trevor tem agora?

O frio da brisa percorre as mechas do meu cabelo e derrubam a tiara que Chris colocou com carinho em minha cabeça. São momentos, assim como no tribunal, não são reais ou pelo menos não tão reais. Eu os sinto, mas só fazem com que eu me iluda mais.

E tudo sempre me faz voltar…

Disco o número dele no celular e coloco ao lado do ouvido esperando e torcendo para que atenda.

— Branco. — A voz me tira de todo o desespero que passei a segundos atrás.

— Ruiva.

— Faz tempo que não me liga, eu aprontei alguma com a Sarah? — ele arfa uma risada.

— Se aprontou eu ainda não escutei — digo e assim que as palavras saem da minha boca, percebo o quanto minha garganta está queimando e a pequena lágrima que escorre na minha bochecha esquerda.

— Rose, sua voz está rouca, aconteceu algo? Onde você está? — abro os lábios para responder, mas as sílabas não saem. — Não é o que estou pensando, é?

— N-não…

— Eu disse que não te queria perto desse policial.

— Eu estou bem, não sou de vidro! — Limpo outra lágrima e uso todas as minhas forças para exclamar.

— Eu nunca disse que era. Diga onde está, vou te buscar.

— Trevor, eu não pedi isso.

— Alguns minutos e já volto, Prin… Só um segundo, Rose — ele me pede para esperar e ouço a voz baixa da bolsista questionando as ações dele. — Eu disse nove horas, não é você quem diz que tempo de espera é excitante? — imagino que ela deve ter concordado com os olhos revirados. — Ruiva, ainda está aí?

— Oi, sim.

— Onde está? Na delegacia, na casa dele…

— Aquela igreja que fomos no seu quarto ano.

— Ah, aquela com gesso bem decorado, é perto. E por que estão em uma igreja?

— Estou te esperando — desligo.

Tempo. Tempo. Tempo.

Os segundos parecem minutos e esses parecem horas, como se ele não chegasse mesmo com o tempo de milênios que se passa em minha cabeça. Eu quero apenas sair daqui e nunca mais tentar me aproximar de nenhum homem que não seja Trevor.

Eu passeio com meus pés para a entrada da igreja e consigo ver o Audi R8 virar a esquina. Graças a Deus. O veículo freia em minha frente e ele se inclina para abrir a porta do carro sem sair do banco. Eu entro na velocidade da luz e o encaro. Os cabelos castanhos extremamente bagunçados de fim de sexta-feira, camisa branca aberta e arregaçada as mangas até os cotovelos, mas ao invés da calça social masculina, ele está com o moletom cinza que usa desde bolsista.

— Estava dormindo? — questiono enquanto ele abaixa o rádio.

— Uhum, tentando — ele resmunga como a Mia sempre faz. — Ela não me deixa dormir muito depois do *Halloween*.

— Não a culpo. — Eu ficaria paranoica também. Posso não amá-la, mas tenho empatia, Miranda ficou devastada. — E você está bem?

— Emocional ou físico? — ele pergunta engatando o carro.

— Os dois.

— Meio a meio de cada.

— Tem feito sexo? — questiono na lata e ele ri. Sempre riu das minhas perguntas atiradas.

— Ainda não voltamos.

— Eu também não estou fazendo.

— Você é linda, não precisa ser com esse… ah, prometi a Mia que não

xingaria, esse policial. — O elogio me faz arrepiar o corpo em um milésimo de segundo.

— Não se sente mal com a proximidade deles? — Queria muito falar disso com Trevor depois do *Halloween*.

— Eu prefiro não lembrar que ela não o detesta, mas por que estamos falando de mim? O que está fazendo aqui?

— Acha mesmo que eu sou atraente? — Assim que minhas palavras saem dos lábios ele desvia o olhar do trânsito para mim.

— Qual foi a primeira coisa que te disse quando nos conhecemos? — Ele ergue a sobrancelha e eu rio um pouco ao lembrar.

— Que eu era linda natural.

— O tempo pode mudar certas coisas, Rose, mas a sua beleza e o meu amor por Nutella, são fatos que nunca irão ser vítimas de mudança — um sorriso pequeno, mas sincero se forma tanto no rosto dele como no meu. — Sabe muito bem que nosso problema na época não era questão de beleza.

— Eu não estava falando dessa época.

— Acha que são apenas os pensamentos da Sarah que eu leio, Ruiva? Não se esqueça que são dez anos ao seu lado também — ele me lembra enquanto batuca os dedos no volante no ritmo de *December - Ariana Grande.*

— Eu só queria trocar com você.

— Queria se foder por meses com duas mulheres que me fizeram enlouquecer? Queria começar e terminar um relacionamento obsessivo em questão de semanas? Queria ficar um milênio sentindo culpa e sem transar?

— Nossa, Branco, talvez uma terapia… — debocho e rio junto com ele.

— Não, Ruiva, você não quer ter os meus problemas.

— Mas queria ter a sua vida sexual.

— Olha, se a Mia estiver de bom humor, posso convencê-la de tentarmos algo a tr… — Dou um tapa forte em seu braço. — Não atrapalhe o motorista! — ele ri alto. — Tente esquecer essa ideia até o Natal, depois eu prometo que se for realmente isso que quiser, eu encontro alguém que preste pra você.

— O que é prestar?

— Que te faça gozar? Diferente desse policial que nem isso fez com a Mia.

— Ela me disse que não foi ruim — digo com a cara de quem não quer nada, mas sei que ele vai ter um daqueles *surtinhos.*

— Como é que é? Quando conversaram sobre isso? O que ela disse? — Assim que digo ele faz a série de perguntas e estaciona em frente ao meu prédio cantando pneu.

Eu avisei.

— Ei, calma, esquentadinho. Ela só me disse que estava bom até ela chorar.

— Ela disse bom ou muito bom?

— Trevor, a mulher te ama, ainda tem dúvida disso?

— Veja quem você ama transando com outra pessoa e entenderá o que estou sentindo.

— Mas você não viu, ela sim. E tenho certeza que o seu sexo com a Sarah foi mil vezes melhor do que o deles. — Jogo a real na cara dele e sua boca se cala instantaneamente.

— Sutil.

— Eu acho que ela não gostaria muito de nada que não seja você fazendo, Trevor. Então quis tirar minhas próprias conclusões, e quer saber? Errei, você estava certo — digo para tranquilizá-lo enquanto saio do carro.

— Rose.

— Trevor. — Me viro e o encaro.

— Se for apenas curiosidade, saiba que eu já teria feito.

Isso é seu jeitinho de me dar permissão, Trevor?

— Obrigada por isso.

— Feliz que me ligou e está perdendo essa relutância de ficar sozinha comigo. Não é apenas a Sarah que te ama, espero que saiba disso — ele declara e não resisto a copiar seu sorriso de canto.

— Eu também te amo muito.

— Te vejo no Natal, Ruiva.

— Ansiosa, Branco.

Eu acho que realmente ele está certo, existem coisas que nunca mudam. Assim como o afeto que senti quando o conheci permanece forte até hoje. Mas se ele está mesmo com razão que sou atraente, por que não consigo arranjar alguém que pense o mesmo?

O meu apartamento sempre foi o maior refúgio, por mais que seja um pouco bagunçado e cheio de flores que meu pai secou e emoldurou. Tem personalidade e me faz sentir aconchegada esquecendo os problemas que martelam sempre minha mente. Tiro minhas botinhas, tranco a porta e debruço no sofá cinza. Passo alguns segundos observando a decoração salmão e cinza até que meus olhos se fecham.



Como se eu me transformasse em um vaso sanguíneo, meu corpo pulsa com o susto da campainha tocando. O que me deixa extremamente confusa, ninguém nunca vem a minha casa, sou bem solitária. Certeza que deve ser aquela esquisita do quinto andar vendendo pão.

Levanto com relutância extrema, praticamente arrastando meu corpo pelo chão com ódio pelo meu sono profundo ter sido interrompido. O som estridente toca mais alto e me passa pela cabeça que pode ser o Branco se eu esqueci algo no carro.

— Trevor, já vai! — Destranco a porta e assim que abro bem meus olhos sonolentos enxergo a figura do policial que me faz assustar e bater a madeira branca com fechadura na cara dele.

— Rose! Abra essa porta, por favor! — Ele bate várias vezes com força e

a cada contato meu corpo treme imaginando essa força me apertando.

Rose Braga!

Você. Desistiu. Dele.

Mostre isso a ele.

— ONDE CONSEGUIU MEU ENDEREÇO? — grito com fúria por ele estar mesmo vindo aqui. Esse homem não cansa, nem mesmo quando eu fujo. É um chiclete ridículo… que às vezes eu gosto de pisar e grudar.

Ah, mas você pare agora, Rose!

— ABRE A PORRA DA PORTA! — a voz altíssima e robusta autoritária, cala minha boca atrevida e qualquer possível frase que eu pudesse dizer para ofendê-lo. Cada célula dos meus tecidos encontra um estado de fervura no limite de graus de qualquer temperatura.

Cacete, Christopher, me foda logo!

Eu finjo estar com raiva ainda e abro a porta bem devagar como uma cachorrinha assustada e o vejo franzir o cenho irritado.

— Você vai me ouvir agora. — A afirmação vem com um silêncio e percebo que ele quer permissão então assinto. — Você é muito chata, azeda e o seu humor muda a cada quarenta e cinco segundos! Uma hora você brinca com o tamanho do meu pau e na outra me ofende e some. Eu odeio o fato de você ser próxima daqueles dois, odeio você ser dependente, odeio… EU ODEIO VOCÊ! — O policial gesticula e desaba as palavras como uma enxurrada em minha frente.

Nossa.

— Ah…

— Calada — ele ordena e eu obedeço. — Eu odeio o seu cabelo chamativo e cheiroso, eu odeio as pintinhas no seu rosto, eu odeio seus olhos verdes profundos que me encaram, eu odeio essa sua bunda gostosa que eu tenho vontade de estraçalhar… — Arregalo os olhos e ele trava. — Com todo o respeito — acrescenta.

Paralisada. Essa é a única palavra que eu consigo pensar para descrever

esse momento. O homem mais correto e contido chegou ao máximo limite da maior montanha do planeta terra. Berrou as ofensas em meu rosto… eram ofensas mesmo? Ele diz me odiar, mas fala da minha bunda? Chris… eu venderia até meu apartamento para sentir essas suas mãos robustas na minha bunda. Seus olhos azuis estão mergulhados em Raiva Súbita, os pulsos dele estão fechados como se fosse socar forte o primeiro ser vivo que aparecer ao seu lado e o cabelo sempre perfeitinho dele, está até um pouco bagunçado pelo surto que teve.

A minha boceta está tão encharcada que chuvas fortes de verão não são capazes de ultrapassar esse limite. Estou piscando como luz de Natal, apenas viciada e implorando para que ele exploda essa luz.

Não quero respeito de você, homem…

— Eu só vim pegar minha jaqueta.

Assim que ele diz as palavras ainda autoritário, porém baixo, percebo que continuo usando sua jaqueta. Eu poderia apenas tirar, entregar e deixá-lo se afastar da confusão que é a minha vida, mas…

— Você pode me entregar? — questiona com as sílabas que me molham ainda mais. Quando não respondo ele se aproxima, um passo apenas.

— Tira — peço mordendo meu lábio com tanta força que vai deixar marca por semanas.

Lauden ergue a sobrancelha e por alguns segundos imagino que vai me xingar por sugerir a ideia, mas não. Ele cede, se aproxima cada vez mais, até que eu consiga sentir a respiração dele em meu rosto quando ergo minha cabeça. Sou uma menininha olhando para o topo da árvore de Natal que eu queria tanto que me alegrasse. O maxilar dele está tão travado que imagino a força que gostaria de estar liberando, *por que não libera comigo, Chris? Apenas por que está sentindo raiva de mim?* Raiva é uma boa emoção, significa que está sentindo algo e que não é insignificante.

Lauden coloca os dedos no zíper da jaqueta e abaixa aos pouquinhos, tão devagar que uma tartaruga daria uma surra nessa velocidade. A cada milímetro

que desce, continua me encarando mais profundamente. Você diz que meus olhos são profundos? *Já se olhou no espelho?* Ah… continue, por favor, eu sinto tanta inveja desse zíper que está sentindo as suas mãos.

— Aproveita e me fode também — afirmo convicta, promíscua, fixa aos seus estímulos e louca para sua reação.

Em todas as brincadeiras e frases safadas que já disse a ele, sua feição sempre foi de assustado, mas agora ele apenas me encara raivoso.

— Eu te ode…

— Com todo o respeito... — Coloco minhas mãos sobre as suas abaixando mais o zíper para que meus seios quase saltem para fora. — Me fode.

— Eu disse todas ess… — Interrompo sua frase colocando o indicador em seus lábios.

— Você me odeia mesmo ou só quer saber a cor? — murmuro me elevando na ponta dos pés.

— Cor?

— A cor da minha boceta.

Quando as palavras promíscuas saem da minha boca, Chris imediatamente trava não apenas mais o maxilar, mas quase desequilibra a postura. Eu amo ver como ele fica desnorteado com frases ousadas. Chega a suar frio com um sorriso sem graça. Com certeza, ele deve ser aquele cara que transa devagarzinho *papai e mamãe.* Lançando aquelas perguntas *"está tudo bem?"* quando na realidade, você só quer dizer: Ah, por favor, foda com mais força.

Mas nesse momento, tenho a sensação de que não vai ser assim…

— Eu, e-eu não estava pensando nisso... pelo menos não no primeiro encontro. — murmura coçando a nuca caindo na realidade e eu chego a soltar um risinho. *Continue raivoso, eu gosto de você assim.*

Chega dessa inocência, você não quer isso, Sr. Policial Certinho.

Senhor, como eu queria vê-lo se enfiar entre minhas pernas, lambuzando a minha boceta com essa língua inocente. Eu estaria apertando com força todo aquele corpo que a maldita jaqueta protegia… *ah, por que policiais malham*

tanto? Cara, como pode ser tão sarado?

— Como imagina essa cor? — quebro o silêncio, pois ele está desesperado, o que me faz rir ainda mais por dentro.

— Devido ao seu cabelo ruivo incrivelmente cativante, sua pele repleta de belas sardas, e a temperatura das suas palavras... eu imagino que seja muito rosa.

Opa, por essa eu não esperava… ou sou eu que te faço ficar safado assim?

— Muito Rosa? — digo enrolando meus dedos nas minhas mechas ruivas.

— Faz jus ao nome — provoca e puxa um pouco a gola da jaqueta.

— Realmente... como você está? — murmuro molhando os lábios.

— Eu?

— Eu estou excitada — sussurro com um sorriso deixando que ele me puxe ainda mais. *Essa força, você me apertaria assim?*

— Compartilho. — Ele puxa com a força de uma mão toda a gola e me bate contra o seu corpo. Me assusto por segundos, mas sorrio. Eu sorrio tanto que minha bochecha até dói, como sou idiota. Mantenho as mãos no seu peito que parece até ser feito de veludo e me inclino para esquerda, enquanto ele para direita quase se encaixando na minha boca.

— Ainda é não para o almoço? — sussurra ainda insistente com o convite de hoje de manhã.

— Ainda é não.

— E para a *Descoberta de Cores*?

— Essa sim…

Segundos. Segundos. Segundos.

É um tempo tão rápido, mas que nesse momento parece ter parado. O tempo não passa, parou, exatamente nessa cena. Em que ele me encara com os olhos baixos franzindo o cenho se questionando de todas as ações, dizendo que me odeia, mas a verdade é que deve se odiar por estar tão perto de mim. *Eu sinto*

o seu cheiro, Christopher. É cheiro de cravo, demorei a ter certeza que realmente seria essa a fragrância, nos beijinhos de festas brasileiras. A Miranda cozinhou uma vez no jantar, tinham pequenas madeirinhas extremamente cheirosas, você cheira assim. Um doce branco que tem a face de cravo raivoso.

Modéstia à parte, eu prefiro o Cravo… e a Rosa.

Eu me inclino alguns milímetros para cima, chegando ao limite que meus pés conseguem se elevar. Eu queria poder subir mais e tocá-lo, mas sei que não depende de mim. Ele é alto, devemos ter uns vinte centímetros de diferença, um policial correto - porém depende - e extremamente *sexy*. *Por que você não me aliv…* meus pensamentos param. Paralisam assim que ele enrola as mãos no meu pescoço e puxa para si. Nossos lábios se tocam, sentindo a fervura da pele dos dois, não é um choque térmico. Eu estou quente demais e ele compartilha da mesma excitação. Fecho meus olhos com força usufruindo cada sensação que meu corpo emana, não estou mais respirando, mas eu morreria facilmente asfixiada por um beijo dele.

Desloco. Descolamos do beijo por segundos tão curtos, mas suficientes para que ele me encare louco de tesão. Eu ofego mais, arfo demais e respiro de menos em seu rosto. Encarando os olhos azuis e pedindo a todos os santos daquela igreja que ele decida continuar.

— Me ensine — ele murmura impondo seu nariz no meu. — Eu faço o que você quiser, apenas me ensine.

As frases arrepiam meu corpo todo, sinto a corrente forte de energia percorrer cada membro meu com as sílabas. *Quer que eu te ensine a ser como eu? Eu ensino, mas saiba que é uma perdição.* Tomo coragem para reagir e coloco meus dedos sobre sua mão sentindo as veias dilatadas e até um pouco de suor pela sua ansiedade. Aos pouquinhos trago e deixo que toque a minha cintura.

— Eu quero que aperte, que todas as vezes que me tocar, não deslize, aperte — sussurro pertíssimo da sua boca.

Lauden obedece e investe em força bruta na mão que me toca. Minha

cintura agradece por essa marca forte, talvez até vermelha, espero ver isso no banho hoje. Eu tento guiá-lo mais uma vez, mas ele me limita.

— Você apenas fala — restringe e eu assinto.

— Por que não estraçalha o que tanto queria? — questiono mordendo o lábio por pouco tempo até que o policial me beija.

Beija a minha boca não com selinhos como da primeira vez, estou mergulhando na fervura dos seus lábios e me enroscando na língua dele. *Cacete, como isso é gostoso.* Ele me apertando e me enroscando no beijo. *Estou tão sua, Christopher. Tão a sua mercê, apenas obedeço e copio as poucas ações que toma, faça mais, eu imploro.* Ele mordisca meus lábios, transformando o beijo intenso em brincadeiras promíscuas bem molhadas, me deixa ouvir o som. O som de pequenas investidas em minha boca.

— Vai me deixar ver? — ronrona entre os beijos me empurrando para dentro do apartamento.

— Por que não me joga naquela cama e descobre? — o faço sorrir e ele franze o cenho como reposta atrevida a minha pergunta.

Ele quer trancar a porta, é louco se acha que vou deixar se distanciar tanto de mim agora para dar atenção a *porra* de uma madeira branca com fechadura. Chris ameaça me deixar e eu o empurro contra a porta trancando-nos para dentro. O som desse empurrão acaba de criar um riacho na minha calcinha, se eu tinha uma lagoa, agora é uma tempestade. É capaz que essa água deslize por minha perna, já que tirei a calça quando cheguei. Ele nem ao menos se assusta mais, apenas sorri a cada atitude que eu tomo. O policial usa sua mão de algema e prende meu pescoço o condenando a beijá-lo, batendo-me contra o seu rosto, ele me invade tão intensamente. Como se realmente eu precisasse tê-lo atacado contra essa porta.

Eu retribuo, só isso que meu corpo faz, retribui aos estímulos dele. Mas preciso fazer algo por mim. Deslizo meus dedos pelo seu cinto e consigo sentir ao lado o distintivo que o torna o protetor da sociedade. *Tem ideia do quanto ser policial é sexy?* Brinco com a fivela o atiçando mais até que mergulha os dedos

no meu cabelo ruivo, puxando para trás assim como no tribunal.

Ah… meu senhor, isso me encharca.

— Gosta quando faço assim? — ele pergunta ainda quase colado na minha boca franzindo as sobrancelhas como um general exigindo uma resposta que ele já sabe. — Responda, Raposinha.

— S-sim, eu quero, eu gosto, eu amo — ofego as palavras em sua boca.

— É realmente uma raposa, atrevida, solitária, safada e medrosa. Você morre de medo de se aproximar de mim, mas implora por isso — ele impõe, é mesmo uma imposição? Ele tem certeza de que sou o animal mais sacana de todo o reino animália. *Sutil, mas é a verdade. Talvez eu tenha medo…* — Você foge de mim — acusa e toma minhas coxas para si, eu travo meu corpo todo, cada pequeno tecido meu arrepia ao sentir seu toque na pele. Chris me segura como se eu fosse uma pluma em seu colo. As mãos dele usam força bruta afundando os dedos como uma máquina de marcações vermelhas. — Mas me quer, você só fala e pensa em sexo comigo a todo cacete de segundo. — Enrolo meus braços em seu pescoço e invisto meu nariz no seu ansiosa para as próximas palavras. — Você me corrompe, Rose — confessa e caminha explorando minha casa sem nem ao menos observar o caminho, pois seus olhos estão fixos aos meus. — E eu deixo, porque você me mostra o quanto esse caminho parece mais excitante do que o politicamente correto.

— Christoph…

— Quieta — ele impõe, o rosto no meu me calando com um pequeno beijo. — Você queria isso, implorou e brigou comigo por isso. E agora…

— Vai descobrir a cor? — murmuro com a voz rouca de excitação.

— Não, eu vou meter a boca na sua boceta rosa, eu já sei a cor.

— Porra, Lauden, por que não fala sujo assim sempre? — provoco piscando muito mais do que qualquer luz de Natal, implorando para senti-lo em mim.

— Eu penso muito mais do que falo.

— Comece a soltar essa língua — peço quando ele chega no meu quarto

escuro.

— Você vai implorar por isso — afirma convicto e me joga na cama.

Os lençóis nas cores salmão e preto se desarrumam com facilidade com a força que ele me lança no colchão. Estou tão ansiosa, mas tão dopada de ansiedade que meu peito poderia explodir agora, tão louca para senti-lo que poderia matar alguém. Ele ameaça agachar e eu enrosco seu quadril com minhas pernas abertas o limitando.

— Tira a porra dessa camiseta — ordeno agora com raiva e mergulhada em tesão, uma dupla perfeita para um bom resultado sensual. — Por favor, eu não aguento mais imaginar — imploro, ele sorri.

— Então você me imagina? Eu já construí a imagem de você totalmente pelada na minha mente uma dúzia de vezes.

Caralho, Chris e você tem a pachorra de dizer que é certinho?

Ele desliza a camisa por seu corpo liberando aos poucos cada pequeno milímetro do seu peitoral. São como aqueles vídeos em que a câmera acompanha o corpo extremamente devagar de forma sensual. Termina e retira o tecido pela cabeça arremessando no chão.

Eu.

Estou.

Literalmente.

Travada.

Meus lábios se abrem como se eu estivesse engolindo uma garrafa inteira, paralisada, totalmente paralisada com o quanto esse peitoral é espetacular. Eu apenas estou fixa, sem conseguir tirar os olhos de cada curva de gominhos no seu abdômen e elevações do seu busto. Eu poderia viver para lamber tudo isso, todos os dias, pelo resto da minha vida.

— Rose? — ele chama quando já faz alguns segundos que me silenciei.

— A-ah…

— É como imaginou? — questiona sorrindo.

— É muito melhor, infinitamente melhor — elogio sem ao menos pensar

nas regras da Sarah de deixar que os homens nos elogiem. Sinto pena do Trevor e do Thomas, ela nunca deve ter os elogiado em situações como essa, mas eu sou incapaz. Não consigo ser tão soberba quanto ela.

Christopher é um homem gostoso para um caralho.

— Não deixe de olhar para mim — ordena e me sento um pouco no colchão abrindo minhas pernas totalmente, pronta para ele.

Eu penso que vai investir de uma vez, mas não. O policial desliza os dedos por minhas panturrilhas, joelhos e coxas, resvalando toque de ansiedade, brincando comigo, fazendo maldade comigo, pois não aguento mais. Chris coloca dois dedos sobre o tecido da minha calcinha branca, resvala de um lado para o outro e sorri. Está amando me ver tão louca por cada ação sua. Não são apenas dedos, agora ele massageia minha boceta com a mão inteira, como se estivesse com uma daquelas bolinhas gelatinosas de antiestresse. E a cada vez que aperta eu ofego ainda mais, arfando, murmurando sons que desconheço.

Faça. Faça. Faça.

Christopher me encara pela última vez com fogo nos olhos como se estivesse prestes a cometer o ataque ao reino. Desliza para esquerda o branco que me protege e me toca com a ponta da língua.

Cacete.

Porra.

Caralho.

Quantos palavrões mais existem no meu dicionário para descrever essa sensação gostosa, nossa senhora, santos também servem? Está me provocando para cima e para baixo, para esquerda e para direita. Eu não aguento, isso, essa coisa, como é gostoso. Ele está literalmente metendo a boca na minha boceta, é isso que está fazendo agora, puxando com força minhas pernas para si como se não houvesse um amanhã.

— A-anh… não pare, por favor, é sério — eu choramingo não apenas na sua boca, mas em meus lábios que não aguentam ficar calados. Eu imploro, eu poderia ajoelhar e pedir com todos os meus tributos que nunca mais me largue.

Meus gemidos o fazem deixar de apertar minha coxa e deslizar por toda a minha cintura, quadril, barriga até chegar nos meus seios. *Ah, pensa que vai me tocar com essa blusa?* Não mesmo. Eu tiro as mangas da jaqueta, as alcinhas finas e abaixo todo o tecido da blusa deixando enrolada em meu abdômen. Um convite que ele aceita largando minha boceta por segundos sorrindo, enquanto aperta os meus peitos com a força que eu implorei para sentir dele.

Mordisca. Já está tão à vontade que está brincando comigo? Puxando e provocando os meus lábios para todos os lados mergulhando como no mar que ele mesmo fez encharcar. Antes que eu possa gemer ainda mais, ele para. O que me faz ferver de Raiva Súbita. O que ele está fazendo? Não!

— O-o que está f-fazendo? — pergunto desesperada e ele não me responde apenas faz.

Retira o cinto com os equipamentos policiais e deixa caírem no chão junto a um pouco da sua calça que ele abaixa o suficiente para liberar o pau extremamente duro.

Nossa.

É lindo. Essa é palavra que consigo imaginar, e ainda parece tão simples para descrever. É tão perfeitinho, o tamanho simétrico das minhas mãos fechadas em volta do membro, rosa, é bem rosa e volumoso, algo grande que poderia me satisfazer tanto. Não tenho ideia do tamanho certo, mas pode ter certeza que vou medir com uma régua quando tudo isso acabar, se não me achar louca. Acho que estou apaixonada, caramba, é apenas um pênis, mas é um pênis lindo.

Meus lábios formam o mesmo círculo de quando botei os olhos no seu peitoral e não seria diferente, ele se diverte com isso. Está adorando ser exaltado com as minhas declarações em forma de feições.

Lauden puxa ainda mais meu corpo para a ponta da cama e tira a minha calcinha inteira dessa vez, mas antes de abandonar, abre meus lábios e dá uma boa lambida no meu clitóris que me faz apertar os lençóis e gemer como uma vagabunda. *Cacete, mas que homem acha o lugar tão rápido assim?* Ele se inclina mais para frente e segura o membro para deslizar na minha boceta.

— C-chris… pare de brincar comigo, eu não vou aguentar — gemo quando ele controla a cabeça rosa para provocar o meu ponto.

Ele nem ao menos se importa, com a outra mão enrola meus cabelos no pulso e puxa minha cabeça para beijá-lo enquanto brinca comigo. E eu obedeço, retribuo tudo que ele deseja e faz comigo. Finalmente o policial me dá uma trégua e deita sobre o meu corpo ordenando minhas pernas para agarrá-lo como se eu fosse mesmo uma raposa que ele domou.

Mas não… o quê? Não está me penetrando?

— Chris…

— Calada — ordena e apenas ofego demais em sua boca implorando para que não faça maldades comigo.

— Eu pedi que fosse mau, mas não assim — gemo entre os beijos que ele lança e enrosca minha boca e minha língua na sua.

— Você disse não pra mim — murmura mordendo meu lábio.

O peso dele em mim é tão excitante quanto os beijos que me faz retribuir, é claro, pois esse corpo em cima do meu indica sexo puro. Mas ele não… *Ah, caralho, o que está fazendo homem?* Está deslizando o pau duro na minha boceta encharcada. Para cima e para baixo me provocando e me deixando totalmente louca. É esse lugar, é esse ponto, estou sentindo o seu pênis em contato fixo com o meu clitóris e a cada vez que ele desce ou sobe, minhas pernas… *estão tremendo?* Porra, minhas pernas estão tremendo demais! Estou dançando samba por cada vez que ele me beija e desliza. Isso é bom, bom demais, mas não é assim.

— Eu quero sentir você — sussurro pedindo para que me atenda.

— Você disse não pra mim, inúmeras vezes quando te fiz aquele convite, meses dizendo e repetindo aquele não — ele aumenta a velocidade a cada palavra me provocando tanto que minha boceta está latejando, louca para jorrar.

— Christopher, não faça isso, por favor, me deixe sentir… eu quero que me pen… eu quero que me foda — imploro na sua boca.

— E eu queria que dissesse sim — rebate impondo agora o corpo todo

para frente e para trás criando o barulho carnal gostoso, são pequenos sons como se estivesse lavando as mãos com sabonete. Um som de sexo, delicioso, poderia ouvir uma orquestra dessa sinfonia. Mas não é assim que eu queria, onde estão as batidas? Estou perto, não faça isso comigo, Chris, por favor. — Você me proibiu e agora vou te proibir também.

— Eu aceito… a-aceito almoçar com você.

— Aceita e o que mais? — questiona, ele não mete dentro, mas usa força, batendo o pau na minha boceta a cada três segundos provocando tanto que minhas pernas param de tremer e o abraçam.

— Desculpe ter fugido, mas por favor, eu imploro…

— Sinto muito, Raposinha.

Christopher investe mais uma vez e é o suficiente para que eu goze melando seu pau inteiro com líquido rosa, é isso que sai da minha boceta, não é? Ele diz que é rosa, então não sairia outra cor. Eu o beijo mais uma vez com todo o ar e forças que consigo liberar, sentindo sua língua na minha, quente, é muito quente. Ele é um cretino. Tem certeza que eu sou a raposa? Até posso ser, mas você é um cão que me obedece e se revolta tão rápido que me deixa atordoada.

O cão e a raposa.

— E-eu te odeio por isso — murmuro ainda enquanto ele balança o membro querendo me sentir encharcada.

— Você gosta de mim, admita. — Ergue o corpo saindo de cima da minha barriga encharcada de líquido e puxa a blusa enrolada em minha cintura para acompanhá-lo fora da cama como se eu estivesse de coleira. — Antes que eu me esqueça… — puxa o meu queixo para si acariciando meu rosto. — Você é linda — sussurra e me beija devagar. — O seu corpo é espetacular, não é apenas você que se encantou.

— O-obrigada… mas eu não te fiz gozar — gemo em seus lábios.

— Acredite, você já me fez gozar muitas vezes na minha mente — provoca e não resisto em sorrir ao imaginá-lo me usando de objeto sexual para suas fantasias.

— Não vai levar sua jaqueta? Acho que está caída na sala… junto com a minha calça.

— Guarde pra mim, vou vir buscar, Raposinha — diz me dando mais um selinho e alertando meu lábio com o polegar.

— Posso guardar e esperar ansiosa, Policial Certin… ou talvez não tão certinho assim. — Rio totalmente hipnotizada e dopada pelo que acaba de acontecer e admiro seu sorriso com minha provocação.

É… acho que não tem mais volta, Trevor, vai ter que aceitá-lo.



CAPÍTULO TREMIA:

Árvore de Gengibre

Feliz Natal, aqui estou eu, garoto
Eu sou o presente e você sabe disso
Vou te dar o fogo que guardo aqui dentro
Te dar o beijo mais doce que você provará
Me desembrulhe e saberá, eu espero desde a meia-noite
DECEMBER - ARIANA GRANDE

TREVOR WHITE

Véspera. Dia que imediatamente antecede aquele de que se trata. Tecnicamente essa palavra caracteriza algo, certo? Sendo assim é um adjetivo, e nesse contexto teria que vir por último. Não tenho mais palavras de avelã, apenas esse fato exaltado sobre a palavra véspera.

24 de dezembro.

Natal. Natal. Natal.

Suéteres coloridos bem quentes, meias vermelhas com presentes, árvores de Natal luminosas, o frio congelante de dezembro e a minha parte favorita, a ceia, mais especificamente um item da ceia.

Não é como se eu esperasse o ano todo para preparar um doce específico, eu não sou louc… Paredes de doce, teto de doce, janelas de doce, chaminé de doce. A famosa Casa de Gengibre que me faz cair o queixo no chão quando bem decorada e de cheiro e gosto deliciosos. É claro que essa receita está no meu livro.

O Livro de Receitas White

57. Casa de Gengibre

- 6 xícaras de farinha de trigo
(farinha essa que não me deixa louco)
- 1/2 colher de fermento em pó
(se me dopasse disso… ficaria maior?)
- 4 colheres de gengibre ralado
- 4 colheres de canela em pó
(eu te faria liberar leite de canela)
- 1/2 colher de cravo-da-índia em pó
- 1/2 colher de sal
- 12 colheres de manteiga derretida
(você derrete na minha boca)
- 1 1/2 xícara de açúcar refinado
(não importa quantas vezes eu te refine, continua atrevida)
- 2 ovos grandes
(opa, não fui eu que escrevi)
- 1 xícara de melado
(meladinha, Miranda?)
- 1 colher de água
(por onde essa água sai?)

Não é como se ela fosse encontrar essas anotações, mas esse ano estou fazendo essa casinha pensando em nossa relação. Veja, no início o cimento açucarado e os tijolos gengibre pareciam tão feios repletos de obsessão, depois a pintura do *Tempo de Creme* nos deixou mais firmes, e por fim o glacê, que vem nos decorando por toda a vida.

A manhã tem sido quente e com cheiro de doce no forno. Minha casa está escura com o dia nublado e frio de inverno, um clima tão atrativo tenho que admitir, vontade de me enrolar com ela na cama e passar o dia inteiro cheirando

seu cabelo. Mas ao invés disso acordei para cozinhar e ir para a empresa.

Tal informação que Mia não sabe ainda.

Vai ficar muito nervosinha com certeza. Ela foi bem ríspida comigo, dizendo e repetindo que gostaria do feriado de Natal apenas para ela, quer dizer, antes da ceia na Sarah, óbvio. E eu como um bom namorado, aceitei. Também porque estou com pena dela que não consegue dormir profundamente desde o *Halloween*. Por mais que eu diga que foi uma fase, ela parece não querer entender e é aceitável após um trauma dessa natureza. Mas não significa que não posso tentar animá-la com frases promíscuas, doce e carinho.

Termino de assar a última fornada da casa e coloco sobre a bandeja metálica para esfriar. Apenas estava faltando o teto para que eu pudesse dar atenção a ela. Retiro meu avental preto e lavo minhas mãos quando escuto alguns sons estranhos. Franzo o cenho e caminho em direção ao quarto na tentativa de descobrir.

— Humm… isso.

Não resisto em sorrir por ver Mia resmungar dormindo. Uma das coisas que eu amo demais são esses sonhos malucos, fica tão atrativa quando enrolada no meu lençol preto remexendo pela cama inteira. Sento na minha cadeira preta em frente aos seus estímulos e cruzo os braços para assistir ao *show*. O que não me agrada é vê-la sem minha camisa branca no corpo, as manhãs eram sempre iguais até que paramos de transar. Já fazem três semanas e nem ao menos falo muito sobre isso para não pressioná-la, mas que eu odeio vê-la de pijama ao invés de totalmente pelada no meu colchão, eu odeio sim.

— M-me eduque… uhumm...

A cena do elevador, amo quando ela sonha com essa. *Ah… Miranda, você não tem ideia do quanto me excita te ver sonhando comigo assim.* Você sonha comigo te jogando naquele chão metálico, enfiando meu pau inteiro na sua boca até que não aguente mais e engasgue. Cacete, como eu sinto falta de te ver lacrimejando ajoelhada com cara de safada para mim.

É uma tortura, não acha? Te ver assim, cruzando as pernas nos meus

lençóis, resmungando as frases do nosso sexo sujo no elevador. Eu me lembro de gritar tão alto e você gritar tanto comigo, já me amava naquela época? Ainda tenho dúvidas de quando realmente foi o ponto para que eu soubesse que sentia amor romântico.

"— Perdeu alguma coisa, Sr. White?"

"Ás vezes esqueço que o mundo não para quando a admiro"

Sim, foi exatamente ali. Quando Mia vestiu a blusa Azul Royal de mangas bufantes, no almoço em que tive a primeira conversa sincera com ela, quando me hipnotizei com o macarrão em seus lábios e quando gozou nos meus dedos na cozinha. *Eu te amei no dia da Pasta Carbonara, Miranda, e você?*

— C-cretino… hum…

Eu disse que ela grita como uma gazela, me xingou, mas é a verdade e eu amo.

— Tre-evor…

Estou aqui, Princesa.

Ah, quer saber? Que se dane, ela amou quando fiz isso no seu aniversário.

Deixo de apenas admirá-la e levanto da cadeira para sentar ao seu lado na cama, gostaria de fazer tremer como fizemos depois do jantar de bacalhau da Sarah. *Nossa, como você estava gostosa com aquele vestidinho sem alças.*

— Isso… isso e-era pra incentivar? — Provavelmente na minha mente era, mas para você eu digo que te fodo mais forte e acha que é incentivo.

Essa frase realmente foi um incentivo, para mim. Não imagina o quanto está *sexy*, Mia, deitada com essa boceta para cima pronta para que eu faça algo. Deslizo na velocidade devagar de uma fila de estreia de cinema por toda a sua pele macia de mel, *eu poderia te lamber inteira, mulher.* Consigo sentir a temperatura quente dela, essa fervura que me deixa louco, o único vulcão que me atiraria seria o seu, Princesa.

Me aproximo um pouco mais do seu corpo e não posso conter o desejo de cheirar seu cabelo. *Ah… esse cheirinho de Limão e Mel que me enfeitiça.*

Encaixo minha cabeça no seu pescoço e beijo aos poucos cada pequena parte, queixo, clavícula, ombros.

— Humm…

Isso resmungue para mim, Mia, está gostando de sonhar comigo?

Resvalo minha mão um pouco mais para cima e abandono suas coxas para dar atenção a um tecido bem úmido. Se eu já te sinto assim e nem tirei essa calcinha ridícula… *É uma perdição, Miranda.* Massageio com dois dedos, apenas para sentir ainda mais o quanto ela está pulsando e piscando com essa cena do elevador.

— M-menta… linda…

Não tem ideia do quanto fica linda naquele vestido, amor.

Não apenas linda, mas gostosa e… ah, quem eu quero enganar? Quando Mia Ross não foi safada comigo? Não é o vestido e sim a garota. Deslizo o tecido para os lados e meto a mão na sua bocetinha encharcada. *Puta que pariu, Miranda!* É isso que eu faço com essa sua mente promíscua? Está inteira molhadinha para mim, eu poderia te foder tão gostoso nesse estado.

— A-ah… Trevor…

Isso, chame o meu nome, eu sou o único que te faz gemer assim, que te deixa tão úmida quanto riachos. Massageio com mais força e beijo seu pescoço percorrendo com a língua cada parte da sua derme sentindo até mesmo seus arrepios. Ela enlaça as pernas na minha mão como uma planta carnívora que não se abre por nada nesse mundo. Não se preocupe, eu nunca pararia. Meus dedos estão tão melados, caramba, deslizo para todos os lados e a escuto gemer coisas que nem mais decifro, apenas foco em admirá-la apertar com as mãos o lençol preto como se buscasse apoio para o impulso que vem forte.

— Bom dia, Princesa — sussurro em seu ouvido e ela goza arrepiando o corpo inteiro. Me lambuzando com leite de canela puro, é mais quente e deslizante que manteiga, que delícia, *porra*.

— Ah… Trevor, de novo não, eu te disse que eu não. — Beijo seus lábios ainda lhe penetrando. — Humm… que eu não. — Beijo-a mais uma vez

provando sua boca como uma degustação.

— Me disse que você ama quando te acordo assim? — murmuro entre os beijos.

— Nunca disse isso…

— Então pode parar de enlaçar suas pernas na minha mão.

— Ah, idiota! — Ela tenta me dar um tapinha no braço, mas falha, já não tem forças depois dessa masturbação de minha autoria, não é?

— Vai me dar outro tapa? — digo relembrando nossa briga do início de outubro. Caramba, não conseguimos ficar sem brigar uma única semana.

— Trevor, já me desculpei por aquilo, te machuquei? — ela questiona com os olhinhos de preocupação.

— Você não faz ideia do que é força.

— Faço sim, você me fode com força — afirma mordendo o lábio com um sorriso.

Caralho, Miranda!

— Só faço isso — indico com a cabeça minha mão em sua virilha. — Quando sonha comigo.

— Não estava sonhando com você. — Eleva o nariz e revira os olhos.

Como diria o Cortez, e eu sou o Batman.

— Que outro homem te fode no elevador?

— Ouviu essa parte? — Ela cora as bochechas de vermelho.

— Eu ouvi cada pequeno gemido, arfada e remexida que você deu nessa cama — ronrono e lhe dou um outro selinho.

— Hum, e se eu te acordasse assim, ia gostar?

— Está na minha lista de sonhos — confesso e ela ri. Assim que a vejo sorrindo me lembro como vai ficar estressada daqui alguns segundos quando contar.

— O que foi? — corta o silêncio me observando atenta.

— *Ãhn*? — franzo o cenho.

— Eu conheço você, quando quer contar algo que vai me irritar, fica

olhando para baixo mexendo a cabeça pros lados. — Ela indica o meu rosto e abaixo o olhar. — Assim!

— Não faço isso.

— Acabou de fazer!

— Tenho que ir assinar uns papéis na empresa. — Franzo o rosto todo como se estivesse me preparando para uma bomba.

— O quê?! Não, está brincando comigo? — Ela senta na cama e se desenrosca dos meus dedos melados.

— Olha…

— Olha nada! Ontem você já foi buscar a Rose, contou a ela que estava ocupado?

— Dormir é uma ocupação?

— Era o nosso cochilo de fim de tarde, eu gosto de fazer carinho no seu cabelo enquanto dorme e você foi embora… e também eu estava pensando em dar uma investida — ela faz um biquinho desviando o olhar.

— Ah, não estava não! — Limpo meus dedos no seu pijama.

— Estava sim.

— Já faz três semanas, Miranda — informo e ela abre os lábios.

— Tudo isso? — seu rosto forma uma feição de surpresa e culpa. — Sentiu muita falta?

— Eu não vou nem responder essa pergunta — ameaço levantar da cama e ela puxa o meu rosto com as mãos.

— Ei, desculpa — pede com os olhinhos brilhando que não resisto em perdoar. — Mas é quase Natal, pode me culpar por te querer aqui comigo? Só comigo?

— Você tem andado muito egoísta — murmuro.

— Não acho que eu seja egoísta, você é meu, faço o que eu quiser — afirma dando de ombros me fazendo rir um pouco.

— E possessiva — acrescento mergulhando o rosto no seu pescoço mais uma vez. — Você costuma ser tão calminha, sabe que eu acho que isso é falta…

— De que? — ela fala baixinho.

— De ser fodida com força.

— Humm.

— Eu deixei um vestido passado na poltrona da sala, vista, você vai comigo — ordeno e levanto da cama lhe dando um último selinho.

— Então foi por isso que me acordou assim, porque tinha isso para me contar, eu vou repetir: Trevor, é quase Natal! — ela se estressa e eu apenas concordo na mente, é verdade, fiz por isso mesmo e porque é excitante senti-la gozar na minha mão.

— Sei que na sua banquinha de jornais no Brasil não trabalhavam, mas pessoas normais vão até meio-dia de 24 de dezembro — provoco e visto a camisa branca.

— Trevor — ela chama e me viro abotoando o tecido.

— Miranda.

— Você vai assinar esses papéis em cinco minutos e vai voltar para essa cama. Eu planejei uma surpresa, poxa, é sempre você que faz essas coisas — revela e no mesmo segundo minha mente acende como luz de Natal.

— Surpresa? — questiono com um sorriso.

— *Uhum*.

— E a cama é participante dessa surpresa? — *Ah, por favor, eu não aguento mais.*

— Não vou dar dicas, quanto mais rápido voltar, mais rápido vou fazer.

— Mia, nem adianta, você vai comigo — repito.

— Eu acabei de acordar, homem!

— Acordou muito bem, eu diria — provoco com um sorriso de canto.

— Cretino.

— Eu também te amo, Princesa — declaro e contra todos os estímulos de raiva, ela sorri envergonhada.



Um som tão saboroso e agradável aos meus pensamentos promíscuos, não é à toa que a Ariana Grande tem todo esse sucesso, não apenas a melodia perfeita em sinfonia e ritmo, mas as letras, como eu amo as letras.

"Nós não precisamos de presentes
Não precisamos da cozinha
Não precisamos de uma obra-prima
Você sabe que eu sou saborosa como um bastão de doces
Ou um pão de gengibre"

Nos meus sonhos imagino que ela foi uma das minhas conquistas e escreve essas músicas pensando em mim. Não seria tão maluco, não é? Eu não sou tão adaptado a ler as letras antes de escutar, apenas pego as palavras por ter familiaridade com a língua, então quando descobri essa…

Suas músicas com doce são incríveis.

— *Are you with it this Christmas?* — Mia sussurra a letra enquanto rola o *feed* do *Instagram*.

— *Baby, let me know… Are you with it? Are you with it?* — completo batucando os dedos no volante. — Gosto demais dessa.

— Você ama todas as músicas dela, ursinho — solta um risinho e tenho vontade de apertá-la.

— E você? Qual seu cantor de conforto?

— Charlie, humm… Sabrina? — ergue as sobrancelhas pensativa.

— Carpenter, ótima escolha.

— Se meu avô soubesse o quanto você ama músicas pop…

— Ele já me odeia mesmo. — Dou de ombros ao lembrar do olhar mortal que me lançou quando me conheceu.

— Não é verdade, ele me disse que gostou de você, só acha que você é fraco por não saber atirar, caçar…

— Por que não falar das coisas que eu sei fazer? — Reviro os olhos.

— Sabe trabalhar, cantar, dançar, cozinhar, lutar e o meu favorito, transar.

— Eu não consigo te entender, você me provoca o tempo todo, mas não me dá o que eu quero.

— Olha só, chegamos rápido, não? — muda de assunto na velocidade da luz e abre a porta do veículo assim que estaciono.

Ah, Miranda, você não vai fugir dessa conversa.

Por mais que esteja sentindo um pouquinho de raiva dela, ainda assim, não posso negar o quanto minha Princesa de Limão e Mel está linda nesse vestido creme. Seus braços estão bem peludinhos por conta do casaco da mesma cor e a saia, por mais raro que seja, é longa. O tecido vai até seus joelhos e me levam a observar as botas pretas cano longo de couro. São muito atrativas, eu poderia ajoelhar aos seus pés, tirá-las uma por uma e mergulhar no que essa saia esconde.

— Eu também te acho muito lindo, sabia? — ela confessa o elogio lendo meus pensamentos.

Ainda me choca o quanto ela passou a me conhecer nesses meses, as brigas intensas que tivemos, as conversas íntimas e os atos do dia a dia levaram a isso. E por mais que eu ame estar mais próximo dela a cada dia, sei que também a cada proximidade, me afasta da Sarah.

Talvez Rose esteja certa, eu tenho ficado longe dela depois do *Halloween*, não é por mal. Nunca iria querer isso, mas ela mesma tem estado muito atarefada com…

Cacete, como eu posso não saber?

Mia tem sugado toda a minha atenção, eu fico tentando animá-la após toda aquela confusão que me esqueci completamente da Dama Vermelha.

E ela sofreu até mais na minha opinião…

Miranda se enrosca no meu braço e caminhamos pela entrada da empresa

com os passos coordenados. Parece até que é meu primeiro Natal nessa empresa, mas é o décimo. Décima vez que admiro as guirlandas bem coloridas, as árvores quilométricas e os biscoitos personalizados na cafeteira.

— Eu vou subir na minha sala, quando acabar te chamo. Espere sentadinha aqui, não demoro. — peço e lhe dou um selinho quando assente.

As portas do elevador se abrem quando as chamo e a melodia de Chopin invade meu corpo inteiro. As notas incendeiam minha mente e me obriga a balançar os dedos, batucando o ritmo nos botões da caixa metálica.

Posso sim ir assinar os papéis na minha sala, mas primeiro, não custa ver como está a minha Loirinha mimada.

Empurro um pouco a porta quilométrica decorada em branco e vermelho e a vejo concentrada. Poderia chamá-la, mas prefiro observá-la encostado no batente com os braços cruzados até que resolva me dar atenção.

A cabelo loiro impecável escorregando por seus ombros, os lábios vermelhos que mordiam todas as minhas canetas, a pele branquinha que se iguala aos papéis que suas garras vermelhas seguram e… ela me encara. Só estavam faltando esses olhos penetrantes azuis julgadores.

— Feliz Natal Véspera, Sarah — incentivo as boas festas com um sorriso de canto.

— Feliz Natal Véspera, Trevor. — Sorri ao me ver revirando os olhos por ter aceitado a minha frase natalina. — O que te traz aos meus aposentos? Sua presença está tão requisitada — ironiza empinando o nariz.

— Eu sempre te achei fofa com ciúmes — provoco e dou passos até sua mesa.

— Não é ciúme, é ódio. — A loira vira aos poucos a cadeira ficando de frente para mim.

— Estou sentindo sua falta — confesso e tiro um pequeno riso de sua feição irritada. O que é estranho, geralmente demora a me ceder assim. — Poderia me dar a honra de um abraço, Srta. Scott?

— Seria honra demais para um homem mais afastado que longitude de

map… — puxo suas mãos, bato seu corpo contra o meu e quando penso que ela vai resistir, não faz.

Sarah me abraça em silêncio, aos poucos soltando as unhas vermelhas que não largam o meu cabelo, enfio minha cabeça em seu pescoço e sinto o cheirinho cítrico. Enquanto ela sente o meu acariciando minhas costas.

— Está tão calminha — murmuro.

— Acredito que viciados em sexo como nós, quando estão em abstinência causa o efeito reverso.

— Ao invés de se estressar, ficamos calmos — completo.

— Exatamente, Branquinho — ela sussurra.

— Não posso acreditar que ainda não arrumou um escravo natalino — brinco ainda fixo com as mãos em sua cintura.

— Tenho ficado meio avoada desde aquela confusão, mas vou para Porto à tarde buscar suas tortas e vou me animar.

— Hum, aquelas com biscoito de gengibre vermelho? — resmungo enquanto ela se solta um pouco do abraço para me ver por inteiro.

— Sua favorita de Natal. — Seus dedos massageiam meu queixo e inclino um pouco a cabeça lhe dando mais acesso.

— Você não tem dormido direito — analisa e acerta como sempre.

— E você não tem me ligado direito — rebato.

— E você não tem aparecido nos meus jantares — e ela ataca de volta.

— E você não…

— O quê? — questiona franzindo as sobrancelhas loiras.

— E você não se afaste de mim — afirmo convicto, não demonstrando o quanto sua falta me causa carência extrema.

— Nunca, seria mais fácil ver morangos na cor Azul Royal, do que eu me afastar de você. — Sarah ri e com isso me tranquilizo.

— Bela analogia. — Descolo seu corpo do meu. — Te vejo na ceia hoje à noite? Vai se vestir de Mamãe Noel? — Me lembro de cada centímetro daquela fantasia.

— Sabe que sim… pode ir para casa — ordena e franzo o cenho sem entender. — Já assinei seus papéis.

— Falsificou minha assinatura, de novo? — chego a rir. — Espera, se você já tinha assinado, por que me fez… ah.

— Eu te amo, Trevor, mesmo você ainda sendo bem fácil de manipular — ela declara e me dá um beijo demorado no rosto.

— Eu também te amo, Sarah, mesmo você ainda sendo bem difícil de lidar — retribuo e beijo sua bochecha corada.

Caminho para fora da sala, mas meus pés me limitam obedecendo minha mente.

— Sarah — chamo e ela me encara.

— Trevor?

— Eu sei que terminaram, mas Porto no Natal deixa tudo que é cinza, colorido — provoco.

— Melhor não — ela balança em negação. — Espero você cantando na minha festa.

— Estarei lá, Loirinha — garanto e a deixo fechando a porta.

Um peso em meus ombros sumiu com essa conversa, eu odeio do fundo do meu coração diabético ficar longe dela e a cada dia fico mais feliz por Mia não só a ter aceitado, mas gostado da companhia dela com o tempo.

Desço para o térreo e encontro Miranda conversando com uma mulher muito familiar.

Minde Velez.

A doce moça de cabelos curtíssimos pretos como escuridão e nervosa como um touro quando seus olhos verdes brilham de Raiva Súbita. A perfeita fita dupla face, por mais meigo que seu rosto infantil seja, também é maluca por causas ativistas com o megafone de mascote. Sempre usando muito verde e com um cheiro de menta muito refrescante.

— Minde? — Toco seu ombro e ela se vira no mesmo instante elétrica com um sorriso enorme.

— Trevor! — exclama pulando para me abraçar. Encaro Mia com um sorriso sem graça, mas sei que ela já se acostumou. — Nossa, já faz tantos anos, você e a Sarah casaram? Se não me chamaram para esse casamento luxuoso, vocês não tinham esse direito, eu amo camafeus de cas…

Esqueci de acrescentar que ela fala pelos cotovelos.

— Minde, essa é a Mia, minha namorada — deixo de abraçá-la e puxo a cintura da minha Princesa.

— Ah, então o seu namorado que trabalha aqui é… nossa, mil desculpas, eu não tinha ideia!

— Já me acostumei, de onde vocês se conhecem? — Mia ri do desespero dela e enfia uma das mãos no meu bolso demonstrando posse.

É… eu gosto disso.

— Minde era faxineira na Thompson Mídia quando eu era bolsista. — Assim que explico Miranda franze o cenho como se achasse um absurdo.

— Mas por quê? — inclino a cabeça sem entender sua pergunta. — Você é linda demais e fala muito bem, poderia facilmente ser garota propaganda — elogia e a garota de cabelos escuros cora as bochechas.

— Acha isso mesmo? Eu gosto de limpar, mas nunca pensei nisso. Na verdade, estou procurando novas oportunidades em Porto, queria uma carta de recomendação sua — ela aponta para mim com sorriso pedinte. — E da Sarah.

— Eu ficarei feliz em escrever parágrafos para te ajudar, mas acho que deveria considerar a ideia de garota propaganda. As ideias da Mia são ótimas… e não digo isso por ser o namorado.

— *Uhum*, sei, ele é cachorrinho, não é? — ela brinca e joga o olhar para Mia.

— O mais obediente — confirma, o que me faz revirar os olhos.

— Procurando oportunidade onde? Conheço um CEO em Porto que te contrataria — recomendo.

— Agradeço, mas tenho uma entrevista no VCH.

Velez Cacau Hotel.

— Dominique Velez? Me hospedei lá uma vez numa conferência. Lindo prédio e extremamente cheiroso.

— Cheiro de quê? — Mia murmura beijando meu ombro.

— O hotel é inteiro decorado e com cheiro de chocolate. — Sorrio ao imaginar.

— Ah, então está explicado o porquê de ter amado o lugar. — Ela ri.

— O sobrenome Velez — penso comigo mesmo. — São parentes?

— É uma longa história, minha mãe era amiga da mãe dele, antes de…

— Falecer, eu me lembro da entrevista com ele de uma colunista. — Uma das únicas colunas fofoqueiras que ainda leio.

— Ele parece bem reservado e seletivo, espero que eu ser quase parente faça alguma diferença. Foi bom te ver, Trevor, e é uma satisfação conhecê-la, Mia, amarre bem esse aí!

— Pode deixar — Miranda consente e aperta com delicadeza a minha bunda.

Caramba, mulher, quando te conheci era tão inocente.

— Eu te envio um e-mail com a carta, Feliz Natal Véspera! — Lhe dou um beijo falso como despedida e seguro a mão de Mia para irmos embora.

— Feliz Natal Véspera, Trevor! — Minde ri e se dirige para o balcão, acredito que para ver Sarah.

Enlaço meus dedos com mais força nas mãos meigas da minha namorada e aperto, eu amo senti-la enroscada em mim. Ou só ela acha que pode ser possessiva? Ainda vou colocá-la contra parede pelo comportamento com a Minde.

— Trevor, aqui em Portugal dizem Feliz Natal Véspera? — a pergunta me tira dos pensamentos promíscuos e possessivos me fazendo rir.

— Não. — Ela franze o cenho sem entender a minha risada. — Ah… como eu explico — penso e digo abrindo a porta do carro para que ela entre primeiro. — Esse é o jeito correto de falar — afirmo engatando o veículo.

— Desde quando?

— Pense comigo, você não diz “Uma bonita princesa” e sim “Uma princesa bonita”, porque bonita caracteriza princesa, logo tem que vir após. “Feliz Véspera de Natal”, além de utilizar uma preposição desnecessária seria como dizer *bonita princesa*! Sendo assim, Feliz Natal Véspera, entendeu? — gesticulo.

— Caramba, Trevor, você criou isso? — Ela ri tão alto que aparenta ser uma piada. — Você não existe, homem!

— É genial, pode admitir. — Sorrio de canto elevando meu nariz assim como a Sarah faz, porque realmente agora minha autoestima se elevou.

— É até mais gostoso de falar Feliz Natal Véspera — confessa.

— Gostoso vai ser quando eu te jogar no sofá e arrancar esse vestido maldito — provoco e os lábios dela se entreabrem surpresos, apenas por segundos pois se transformam em um sorriso safado.

Deixe de me torturar, Mia.



Meus olhos estão fechados. Diga-se de passagem que por tempo demais. A ansiedade percorre meus membros e faz pulsar todas as veias já dilatadas. Pura curiosidade para descobrir o que Miranda está aprontando. Já devo estar esperando encostado nesse balcão já faz uns vinte minutos.

Cruzo os braços e amacio a lã do meu suéter, tal roupa que apenas uso no Feliz Natal Véspera. Sarah fez para mim no segundo ano de bolsista, nas cores vermelho, azul royal e branco, com desenhos natalinos de renas, flocos e pinheiros. Um dos melhores presentes que já ganhei dela, e me deixa aconchegado ao lembrar dos velhos tempos.

Coloquei o gorrinho vermelho para aumentar o espírito natalino, enquanto terminava minha casinha de gengibre. Tive que parar antes da

montagem, porque a Srta. Ross inventou essa tal surpresa.

Há. Vinte. Minutos.

— MIRANDA! — grito da cozinha na tentativa de que ela acabe com a minha sede curiosa.

— APRESSADO! — berra de volta de um cômodo que não faço a mínima ideia de qual seja já que, repito, estou de olhos fechados há vinte minutos.

Poderia até mesmo dormir, se não estivesse tão atiçado. O pior é que nem mesmo posso andar em círculos, pois ela me disse para esperar quieto. Franzo o cenho quando escuto barulhinhos estranhos, parecem sons de bolinhas mexendo em árvore natalina.

— Mia, está mexendo na nossa árvore? O presente é um enfeite?

— *Humm…* não — ela resmunga e aos poucos escuto seus passos e o cheiro de limão e mel me invade. — Está nervoso? — ela sussurra e beija o meu queixo.

— Ansioso, posso abrir? — peço fechando os pulsos com força para não tocá-la.

— Não — ela nega mais uma vez e beija os meus lábios tão devagar que aparenta estar degustando cada milímetro da minha boca.

— Me deixe abrir, por favor — imploro retribuindo outro beijo molhado que inicia uma ligação direta com a minha virilha.

— *Humm*, já disse que não — murmura com a voz tão *sexy* que tenho vontade de puni-la por me torturar tanto. Ela me provoca de dia, de tarde, de noite e quero ver quando eu cansar dessas brincadeirinhas.

— Se não me deixar abrir, eu vou te agarrar — afunilo.

— Pode abrir — obedeço de imediato. — Surpresaaaaaa! — Ela dá um sorriso gigantesco.

Nossa. Que. Porra. É. Essa.

A minha Princesa é uma… é uma árvore de Natal?

Seus braços delicados estão repletos de galhos verde-escuro enfeitados

com bolinhas vermelhas e douradas natalinas. A saia rodada em sua cintura é… é literalmente espetacular, idêntica a um pinheiro cheio de pisca-pisca que ilumina toda a fantasia.

O busto.

O. Que. É. Esse. Busto?

Seus peitos estão muito maiores amassados por um laço enorme vermelho como um espartilho da idade média. Cacete, como estão volumosos e atrativos. *Mia, o que eu poderia fazer com esses seios.* Não há alças, toda essa roupa não tem um tule para proteção, a pele dela está em evidência, cheirosa e brilhante. Ela está brilhando demais junto a estrela reluzente em sua cabeça. E como se já não bastasse estar louco por seu corpo, seu rosto está maquiado com luzinhas de Natal em suas bochechas e uma sombra verde que realça seus olhos de mel.

— Miranda Ross…

— Você gostou? — ela morde o lábio vinho ansiosa e até um pouco medrosa para minha reação.

— Eu nunca fodi uma árvore de Natal — confesso ainda com os olhos espantados com o que realmente estou vendo.

— Hum. — Mia ri bem sem graça enrolando os dedos nas mechas do cabelo que me encanta.

— Você está lindíssima, brilhante, diria que com cheiro de floresta e… esse decote aqui? — Tento ter foco, mas que tipo de foco é focado com um decote desse tamanho.

Puxo sua cintura para bater contra o meu peito e suas mãos abertas tocam a lã do meu suéter. Os enfeites e luzinhas acompanham seu movimento, deixando-a impossível de não ser reconhecida a quilômetros.

— É um laço — fala baixinho abaixando o olhar.

— E ele sai? — questiono erguendo seu queixo a trazendo para bem perto da minha boca.

Não ouse ter vergonha de mim, Miranda.

— *Uhum*… — ela resmunga piscando os olhinhos brilhantes.

— Simples assim? — pergunto franzindo o cenho apertando a parte da cintura que ela não entupiu de Natal. Amaciando sua pele como há dias não faço. *Sou viciado no seu corpo.*

— Se quiser me abrir é só puxar a fita — provoca.

— Eu vou te abrir, mas não vai ser só a fita — ironizo promíscuo.

— Você tem sido tão paciente… — os lábios dela dançam para divagar as palavras, uma dança que eu quero coordenar. *Me deixe treinar essa sua boquinha de mel, Mia.* — Mais uma prova de amor romântico sua. — *Tinha dúvida?* — Então eu… Trevor! — Não percebi mas estava brincando com a fita do seu busto enrolando em meus dedos.

— Desculpe, continue — peço e tento com força manter meu olhar em seu rosto e não nos… caramba, mas estão até mais corados, eu poderia resolver todo esse aperto. Libertá-los dessa prisão… quer dizer, libertá-la.

Eu falho. Acho que se tivesse que admitir algo que sempre vou falhar em fazer, é não olhar para cada pedacinho que acho atraente do seu corpo de mel. O amor é constituído por três fatores, o carinho, a admiração e a atração. Eu poderia te amar apenas com esse último, você sempre foi meu tipo, Mia.

E além de tudo, você ainda sente a mesma atração por mim, porque não consegue, não é? Deixo de encarar seus peitos por alguns segundos para ver seus dedos brincando com a cordinha da minha calça moletom.

Sim, Mia, está duro por essa sua ideia louca e impura.

— Você gostou mesmo? — questiona mais uma vez e enfia uma das mãos por dentro da minha cueca. Eu suspiro com o movimento atrevido e chego até a ofegar quando ela massageia para cima e para baixo sentindo o quanto ela me afeta.

— Miranda, eu amaria você até vestida com um saco de lixo — invisto em sua boca, mas ela esquiva. — Porra — xingo baixinho. — Gosta de me provocar, não é? Isso já está sendo maldade, mulher.

— Parece que algo está muito duro e não é a minha cintura de madeira

— ela brinca e por mais *puto* que eu esteja com essa provocação, escapo um riso nasalado com essas analogias promíscuas.

Essa frase só pode ser um convite. Tento puxar a fita enrolando-a em meu pulso.

— *Humm*, quietinho — ela me restringe. Não era um convite.

— Ah, Mia, por que me limitar? O presente é meu.

— Você não ia terminar sua casinha?

— Termino depois.

— E se estiver queimando?

— Queimo depois.

— O quê? — ela questiona e percebo que falei algo sem nexo por estar bêbado de excitação. — Já está ficando desnorteado, por que não me mostra a sua casinha de gengibre, falou disso por semanas.

— Eu não qu… — Ou quero? Tomo suas coxas e ela se enrosca na minha cintura com perfeita simetria assustada com meu movimento rápido. — Se eu for mostrar vai ser do meu jeito — imponho meu nariz no dela e lhe roubo um beijo que nem mesmo ela resiste por mais que tente. Sou eu quem a largo. — Mas só mostro se prometer dizer sim.

— *Humm*…

— Deixe de bancar a mocinha inocente, Miranda. Você vestiu essa fantasia decotada porque quer demais que eu te foda. Pode morder esses lábios e piscar esses olhinhos quantas vezes quiser, mas eu conheço a mulher safada que você é. — Ela entreabre a boca e eu não a deixo falar. — Quer que eu te mostre a casa de gengibre? Eu vou mostrar.

Lanço todas as espátulas, talheres, facas de corte, até mesmo assadeiras usadas no chão da minha cozinha e o som dos itens estraçalhando me energiza inteiro. Sento-a na bancada e envolvo seu pescoço apertando e puxando sua boca quase para se colar a minha.

— As regras são minhas da montagem de gengibre — afunilo, ela sorri com a minha excitação e coloco em suas mãos uma tigela com creme de

decoração. — A cada grama de glacê que engolir com essa boquinha, eu monto uma parte da casa.

Por mais que o sorriso em seu rosto de início tenha sido abismada com a minha ideia, dura poucos segundos até que se funde em um sorrisinho safado. A verdade é essa, eu sempre escutei suas ideias no trabalho e ela aceita amando as minhas.

— Então comece a se lambuzar — ordeno.

A mulher vestida de árvore de Natal enfia os dedos no pote e engole uma grande quantidade de creme usando a língua para limpar o excesso em seu queixo. *Caralho, Miranda, você tem ideia do quanto é gostosa?* Se sujando toda assim com as minhas ordens, deixando todo esse doce te invadir, eu me transformo em um louco quando brinca assim com os lábios açucarados.

— Hummm… assim? — ela resmunga inteira dopada de creme. — Sua vez.

Sorrio usando todas as minhas forças para não arrancar essa saia nesse instante, e meter dentro dessa mulherzinha atrevida. Seguro nas mãos duas paredes que deixei cortadas e lambuzo meus dedos tirando a sobra do seu rosto como rejunte da casa. Abro suas pernas com um movimento veloz e coloco a construção adocicada entre suas coxas.

— Sua vez agora. — Lhe entrego a espátula que usei e ela se mancha ainda mais com o glacê branco.

Ah, eu poderia sujar essa boquinha com outra coisa branca.

Me apronto para montar outra parte e assim que termino, ela cansa e puxa o meu suéter para si. Não, minha Princesa, você acha que é assim? Eu também fiquei cansado dessas suas provocações por semanas, agora é a sua vez de esperar. Esquivo e Mia fica boquiaberta com a minha ação que a contraria.

— Trevor, por quê? — ela murmura com um biquinho, investe mais uma vez e eu me esquivo de novo.

— É gostoso, não é? — provoco mergulhando os dedos no seu cabelo puxando sua cabeça para trás deixando-a à minha mercê. — Você ficar toda

molhada e excitada, enquanto eu te nego uma, duas, três e infinitas vezes?

É isso que você fez comigo. Quando usava essas saias nas reuniões e me limitava, quando dormia só de calcinha na minha cama, quando me deixa duro e foge sorrindo. Semanas que você me torturou e agora é a porra da sua vez.

— A casinha já está quase pronta, chega disso, por favor — ela murmura e desce da bancada. — Hum? — Franzo o cenho pensativo se devo ceder ao seu pedido. — Ou você também não quer o mesmo que eu?

Eu mantenho meu olhar fixo a cada ação dela, os seus passos curtíssimos para se aproximar do meu corpo, muito mais perto. Eu sinto a fita enorme que cobre os seus seios se esfregar no meu suéter. Ela faz essa cara de safada de propósito, molhando os lábios para que eu os imagine em volta de mim. Subindo e descendo. É só nisso que eu penso, eu quer… não. Ela me torturou, eu não posso ceder assim tão fac… suas mãos entram mais uma vez dentro da minha calça e ela não apenas toca mexendo, mas massageia de verdade o meu pau duro pela sujeira doce em seu rosto.

— Uhum, você quer sim, Sr. White — fala baixinho e rouba um beijo da minha boca. — Você quer demais me foder bem fundo, não quer? Me ouvir gemer seu nome e lambuzar tudo isso aqui…

Ah, caralho, pare com isso.

— Pare com isso — peço e ela sorri ainda mais apertando o meu membro.

— Você escolhe, você sempre mandou em mim. — Ela tira do gancho o meu avental preto de culinária, bate contra o meu peito e aponta o que está escrito. — Você é o chefe, Trevor.

Ela não ousou dizer essa frase. A *porra* da frase que me fez perder o raciocínio naquela caixa metálica. Fez com que eu mandasse qualquer profissionalismo para o quinto dos infernos e te beijasse. Beijar a sua boca como eu nunca tinha beijado, te fazer gritar naquele elevador enquanto eu te fodia tão forte que ainda sonho com as suas mãos segurando a barra de ferro. Desesperada. É isso que você estava. Desesperada para que eu te fizesse gozar.

Não devia ter dito essa frase, Miranda.

— Ah, mas você vai terminar essa casa agora — rosno promíscuo e a jogo de costas no balcão.

Deito sobre o seu corpo até que suas mãos estejam bem abertas sujas de farinha da pedra de mármore. Ela vira a cabeça para esquerda esparramando todo o cabelo para direta e sorri. Ela dá um sorriso enorme de expectativa, agradecendo aos deuses por eu ter tomado a atitude de domá-la. É essa carinha impura que eu amo.

— Não é a mulherzinha atrevida? Quer ser fodida por mim? Então, comece pelas janelas — ordeno e puxo seus cabelos para trás como uma rédea.

E ela obedece, finalmente. Suas mãos seguram a casinha e usam o saco de confeitaria para desenhar nas paredes de gengibre. *Cacete, sua visão está tão satisfatória, Princesa.* Essa sua bunda se esfregando na minha ereção, enquanto decora com glacê. Deslizo a saia cheia de pisca-pisca para cima e resvalo minha mão por suas nádegas. Sentindo a fervura dessa pele bronzeada, é tão brilhante e atrativa, cheirosa e macia. Você inteira é tão macia, quase como se me pedisse… você está pedindo. Mia percebe o quanto estou vidrado e me provoca mais ainda se empinando para trás.

Lanço um tapa fortíssimo em sua bunda e ela pula para frente com um gritinho de susto e dor. Ofegante, ela ofega como se tivesse corrido uma maratona inteira, mas não eu apenas… Estapeio sua pele mais uma vez e ela grita bem mais alto sorrindo e empinando ainda mais.

— Então, você quer mais? Quer que eu deixe a marca da minha mão inteira na sua bunda gostosa, Miranda? — Puxo ainda seus cabelos de mel para trás e ela assente.

— P-por favor — ela implora em um gemido.

— Termine essa casa — afunilo.

Ela obedece na velocidade da luz, confeitando a porta e até mesmo terminando o telhado com bolinhas e linhas simétricas. Assim que termina me empurra para trás com o quadril e se vira para mim raivosa. Suas bochechas

estão coradas e lambuzadas de glacê. Está bem vermelha, furiosa por eu tê-la feito esperar tanto.

— Janelas, telhado bem decorado e portas, satisfeito?! — ataca fazendo um biquinho. — Agora você me lembra o motivo de ter aceitado ser sua. — Dou-lhe um sorriso de canto.

— Muito bem, Miranda.

Me aproximo aos poucos do seu corpo e ela suspira. Ela ofega, arfa e procura desesperadamente respirar de ansiedade a cada pequeno movimento meu. Enfio minha cabeça no seu pescoço fervente e cheiro seu cangote sentindo cada célula de sua derme arrepiar. Esses arrepios que me excitam para um caralho. *Você reage a mim, porque sente tesão por mim, admita, não é assim, Miranda?* Deslizo minhas mãos por sua cintura até que enrolo meus dedos nessa maldita fita. Minha mais nova inimiga mortal, essa fita que esconde os peitos dela da minha visão sem pudor algum. Trilho beijos por sua pele até que subo para o seu queixo e a encontro de olhos fechados usufruindo dos meus atos.

— Olhe pra mim, Princesa — ordeno e ela obedece me encarando com os olhos de mel.

Seguro com força a ponta das fitas e a admiro ansiosa pela última vez quando arranco o laço vermelho do seu busto. Mia me deixa observá-los, os seios que me deixam louco desde a primeira vez que os vi naquela Festa Scott. Eu me lembro do quanto os apertei, o meu olhar fixo para quando subiam e desciam em sincronia a cada vez que eu a penetrava. Os peitos pequenos, bem redondos, empinados… ah, chega de olhar. Abocanho todo o seio direito deslizando minha língua para brincar com seu mamilo, enquanto ela mergulha os dedos no meu cabelo. Mia geme baixinho sem conseguir deixar de mostrar o quanto ama quando a chupo assim, e não se ache excluída. Mais alguns dias e eu poderia sair dessa para melhor sem vê-los.

— Anh… hum… — Seus sons deixam meu pau ainda mais duro e me energizam a apertar com força o seio esquerdo. — Trevor… não para não…

Resolvi dar atenção ao que apertava e alterno apenas me deliciando de

cada centímetro dela.

A semelhança entre comer e foder é o alívio próprio, mas se unir os dois, a satisfação é mútua.

Deixo de chupá-la e envolvo seu pescoço nas mãos puxando-a para minha boca. Provando seus lábios de açúcar, cacete, Mia, como eu amo sentir o açúcar no seu beijo. Foi assim que começamos, se lembra? Você me provocando, enquanto se sujava de chocolate e eu que já tinha me tornado um chefe cachorrinho louco pelo seu cheiro.

— Hum, gosto de glacê, Miranda — instigo e brinco com o polegar em seus lábios tão saborosos.

Ela sorri e se ergue na ponta dos pés para me beijar ainda mais, enroscando nossas línguas até que eu mesmo possa sentir o seu desejo árduo. As arfadas que ela solta nas poucas paradas para respirar, me fazem querer explorar ainda mais dela. Como se ela fosse realmente uma árvore de Natal, mas com galhos, bolinhas e pisca-piscas feitos de açúcar.

— Por que não lambuza outra coisa com essa boquinha? — provoco baixinho e seus olhos brilham com um sorriso. — Ajoelhe pra mim, Princesa.

— *Uhum* — ela resmunga consentindo e leva minha mão ao seu cabelo enrolado. — Pode segurar pra mim? — pede o pedido mais impossível de negação de toda a história e brilha os olhinhos passando a língua nos lábios.

Eu apenas assinto, sem conseguir reagir quando ela passeia com as mãos abertas no meu peito ao agachar no chão. Eu não raciocino corretamente nesses momentos, independente das inúmeras vezes que Mia colocou os joelhos no térreo por mim.

Todas. As. Vezes. Eu. Surto.

Seus dedos melecados puxam a cordinha da minha calça de moletom e liberam o meu membro que bate contra o seu rosto. *Ah, caralho, que sorriso é esse, Miranda?* Nem foi intencional, mas pode ter certeza que a partir de agora vai ser. Ela o envolve com as duas mãos e o que era para ser uma massagem, se torna uma dança bem ensaiada para todos os lados com uma trilha sonora

espetacular.

Ela me deixa ansioso. Me faz ficar dopado de ansiedade como na infância esperando a meia-noite por um homem barbado de vermelho. Mal sabia eu que meu maior sonho era a árvore. Me provocando mais até que resolve ceder. Miranda dá uma boa lambida no meu pau inteiro e me faz tremer de alívio.

— Ah, caralho, faça assim… — eu gemo involuntário.

Firmo meus pés no chão para não despencar com esse ataque de uma… da árvore mais safada que já tive o prazer de ter me engolindo.

Visão de mel obscena.

A estrela brilhante vai para frente e para trás junto aos seus cabelos castanhos, a saia de galhos verdes luminosos se embola em sua cintura e deixa a mostra suas coxas ajoelhadas para mim. Mas a minha parte favorita é vê-la pagando boquete, enquanto posso apalpar seus peitos que se endurecem como mágica quando os toco.

Você foi derrotada, Fita Vermelha.

Mia, acredite em mim, eu amo te ver me chupando, mas sabe que nunca vou deixar que termine sozinha. Mergulho meus dedos no seu cabelo e controlo sua cabeça para frente e para trás. Eu preciso disso.

Eu preciso te ver errar.

Ver seus erros no sexo é algo que me excita tanto, mulher. Admirar sua boca se enchendo e seus olhos me encarando lacrimejados. *Vamos, não me dê trabalho, Mia, você sabe muito bem o que eu quero.* Fodo sua boca com movimentos fundos, nem ao menos deixo que respire, por estar sendo malcriada. Meses comigo e ainda me desafia assim. Sabe muito bem que sempre consigo o que quero e agora não será diferente. Empurro seu corpo contra o balcão e enrolo todo o seu cabelo nas mãos como um cabo de guerra que eu não canso de puxar para dentro. Vamos, vamos, vamos. Eu sei que não aguenta mais. Como se não bastasse o atrevimento, ela faz questão de me encarar profundamente com os olhos de mel, mostrando que não quer ceder.

Péssima escolha.

Aumento a velocidade e se seus olhos são profundos, a minha profundidade é muito maior. Aperto seu nariz até que não aguente mais, ela bate no meu suéter e o puxa com ódio quando engasga com um barulho alto. Inteira lambuzada do meu lubrificante e toda lacrimejada, manchando os pisca-piscas desenhados em sua bochecha. Ergo seu queixo e sorrio de canto.

— Perfeito, Princesa — aprovo e por mais que se irrite por não ter aguentado, sorri por me ver satisfeito. — Sua vez.

Puxo a coleira de cabelo em minha mão e a sento na bancada. Antes que eu pense em fazer qualquer coisa, ela puxa a gola da minha camisa branca que uso por baixo e me beija. Totalmente desesperada pela minha atenção a sua boca, e com a força que puxava agora quer arrancar meu suéter. *Eu sei o quanto você ama o meu peitoral, Mia.* A imagem de você me lambendo no *Halloween* não sai da minha cabeça há meses.

Tiro o suéter e a camisa para dar alívio a ela, não me importando com o frio absurdo que está fazendo lá fora. Inclusive, mais frio do que o comum de dezembro.

— Assim? Você gosta assim? — instigo e ela nem ao menos me responde apenas me puxa para sua boca.

Abro suas pernas, deslizo minhas mãos por suas coxas na espera de encontrar alguma calcinha bizarra de madeira, mas é muito melhor do que eu imaginava. A melhor lingerie é a sua boceta completamente exposta, Miranda. E ainda se fez de difícil no início, você não vale nada e vale tudo ao mesmo tempo, Mia.

Ela se enrosca no meu pescoço sem deixar de me beijar um único segundo e a puxo para bater contra minha ereção. *Eu poderia muito bem ir devagar, mas você me deixou de castigo tantos meses…* a penetro com força bruta e ela solta um grito na minha boca quase se desequilibrando do balcão.

— Cacete, Trevor, isso era para ser sua vingança? — faço mais uma vez e ela pula para trás tentando se afastar de mim, mas a puxo de novo.

— Era — murmuro mordendo sua boca.

— Acho que não senti muito bem, porque não repet… ah, caralho, não para, é sério… — Sorrio metendo com mais força a cada vez que ela balbucia palavras.

Deito-a na bancada completamente lambuzada de farinha, glacê, confeitos até que vejo os galhos com bolinhas em seus braços se sujarem com um pouco de massa da casa de gengibre. *Árvore de Gengibre*. Como você espera que eu esqueça essa cena agora?

Essa sua visão com os peitos de fora e a boceta engolindo o meu pau para frente e para trás… *senhor, como isso é gostoso*. Te ouvir gemendo jogando os itens da bancada direto no chão. Até a minha… *porra*, Miranda, a minha batedeira não. A máquina cai no chão fazendo um barulho alto e ela tampa a boca rindo ainda dando pulinhos em sincronia com meus movimentos. Eu compro outra, que se dane.

— Desculpe — implora e abre um sorriso nos lábios.

— Se arrependeu mesmo? — questiono colocando os dedos para massagear seus lábios melados.

— Nem um pouco… você não ajuda fazendo assim…

— Assim como? Metendo dentro de você devagarinho, para frente… — eu a penetro sentindo não apenas o som impuro, mas o cheiro tão imersivo e viciante.

— E para trás… — eu consigo me ver entrando e saindo com a anatomia perfeita.

— Eu me lembro de quando você era tão apertada, Mia — arfo a frase quase sem som.

— A dor que eu senti e sentiria pelo resto da minha vida se esse fosse o preço pra te ter dentro de mim.

— Você me governa, Miranda Ross. — Apenas a frase do projetor vem em minha mente.

— Você me domina, Trevor — e ela retribui perfeitamente.

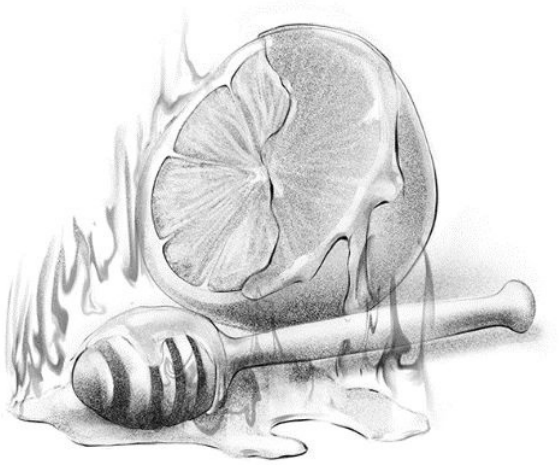
E esse… foi o seu fim.

Arranco seu quadril para bater mais em minha virilha e fodo mais forte, não com a paciência admirando os movimentos, mas com velocidade, porque já basta de sentimentalismo. Eu quero me ver rápido em você. Viciado em apertar seus seios enquanto me encaro sair e entrar dessa sua bocetinha encharcada. *Estava assim ajoelhada me chupando, não estava?* Se você soubesse, Miranda, o quanto é gostosa gemendo enquanto te fodo com força. Eu poderia gravar um vídeo seu assim, e nunca mais assistir mais nada senão essa maldita cena. Grite mais, faça mais, gema mais. Você sabe o quanto eu amo me sentir dentro do seu corpo. Chegando mais perto a cada segundo, na união perfeita contigo, sempre fomos assim. Se você chega… eu chego também.

— Anh… Anhh…era só disso…

— Era só disso que eu precisava também, Miranda. — ofego gozando em toda a sua boceta apertada. Brincando com a cabeça do meu pau para dentro e para fora liberando ainda mais misturando nossos alívios. O famoso leite branco de canela.

Valeu a pena esperar três semanas por isso, Princesa.



CAPÍTULO TREMIA:

Árvore de Gengibre

Disse "eu te amo" e eu estava falando sério
Eu posso tê-lo a qualquer hora
Ele é único verdadeiro, eu sei
Veja todas as coisas que
O meu verdadeiro amor me deu
TRUE LOVE - ARIANA GRANDE

MIA ROSS

Véspera. Dia que imediatamente antecede aquele de que se trata. Essa palavra acaba de se tornar um significado risonho e adocicado. E não é assim sempre que algo vem dele? Você cria autenticidade para as coisas mais insignificantes, Trevor, e eu amo isso em você.

Eu não estou sendo egoísta e muito menos possessiva. O homem é rodeado de mulheres, sempre foi assim e se eu pudesse o afastaria de tod…

Tá certo, eu estou sim um pouco paranoica, ele tem razão.

Mas pode me culpar?

Talvez seja por ser uma data comemorativa, é meu primeiro Natal longe dos meus avós, o primeiro sem meu pai e o primeiro com Trevor. E a cada cena e momento que temos juntos mais percebo o quanto essa relação tem ficado séria.

É o tipo de conexão que as pessoas esperam para tomar um passo maior, comprar um carro ou morar junto. Ele já me pediu para morar com ele inúmeras vezes e eu só consigo pensar em quão rápido tudo está sendo.

Mas…

É apenas o tempo de olhar para os seus olhinhos brilhantes que eu esqueço de tudo. De todos os problemas que poderíamos ter e que tivemos, as brigas, minhas inseguranças e qualquer pequeno espinho que pudesse nos atacar. Esse carinho é mútuo.

Trevor tem sido muito paciente, respeitando meus limites depois de toda

aquela confusão. Mostrando mais uma vez que ele permanece intacto como uma geleira entre as tempestades, e isso não me surpreende porque afinal de contas, ele é e sempre será leal.

O frio está tão, mas tão ridiculamente insano que eu poderia me enfiar dentro do micro-ondas que esquenta minha lasanha congelada. Ele provavelmente vai brigar comigo por ter comprado isso, sempre diz que o que eu quiser comer, ele faz. Só que estou pensando em como ele está cansado ultimamente e não quero lhe dar trabalho.

Se bem que cansado para me foder nunca está…

Eu nunca achei que fosse adicionar à nossa lista a adorável casinha de gengibre. Nunca devo duvidar dele, esse homem é extremamente criativo e eu estaria mentindo se dissesse que não o amo. Quando ele me encarou promíscuo falando de gengibre, eu derreti instantânea, ele queria mesmo que a montasse. Montei. Fiz tudinho que ele pediu e de quebra, é óbvio que o provoquei me esfregando até que ele me deu aquele tapa.

Nossa… mas que tapa foi aquele.

Delícia. É a única palavra que posso usar para descrever. A sensação deliciosa que atravessou meu corpo inteiro, me fazendo esquecer dos meus poucos princípios que restaram para me empinar mais uma vez com a minha saia repleta de galhos.

Uma fantasia espetacular!

Quando vi na vitrine de uma loja infantil tive que comprar urgentemente, parecia que eu estava sentindo ele entrar dentro de mim enquanto arrancava a maldita saia. O único problema era o busto que não me servia, então eu fiz um *upgrade*. Um laço de fita longa e fina para que ele pudesse ver o quanto meus seios o veneram. Confesso que fiquei inteira vermelhinha quando ele começou a não me olhar nos olhos. Fica tão fofo quando cego de safadeza.

— Miranda, está frio aqui fora! — ele me restringe com o rosto inteiro franzido quando me vê na porta da casa só de roupão.

— Então por que não volta para dentro? — questiono porque ele já está

arrumando os presentes e outros itens natalinos no porta-malas do carro há muitos minutos.

— Estou terminando, pode entrar, por favor, me obedeça uma única ve…

— Aquilo é neve?! — aponto de forma imediata ao ver um floco cair no seu jardim.

Meu Deus.

Meu.

Deus.

É neve de verdade, um pequeno floquinho que eu corro para ver. É muito branco, formato irregular e se mantém fixo em cima da grama verde. Eu nunca tinha visto de perto, nem de longe na verdade. É tão adorável e simplório.

— No Brasil não neva — Trevor conclui agachando ao meu lado quando toco com a pontinha do indicador o floquinho de neve.

— Eu só vi neve em filmes ou noticiários. Ela é tão branquinha e nem está suja com a grama, está vendo?

— Sim, Mia, eu vejo neve desde os meus quatro anos.

— Ela é fofinha como nas cenas? — Lembro de ver a Barbie caindo na neve fazendo o anjo.

— Depende da época, pode ser bem gelada e te causar hipotermia, mas se agasalhar bem, pode brincar sem medo — ele explica e o admiro com um pequeno sorriso.

Amo vê-lo me explicando coisas.

— Realmente muito linda.

— Tem mais de onde veio essa — ele me instiga me encarando com um sorriso que eu copio. — Gostaria que eu te levasse pra ver?

É mágica. O truque de cartas que encanta, o coelho que sai da cartola e mulher que some das caixas. Essas frases dele, repletas de paixão por querer me agradar criam um brilho nos meus olhos como mágica. Eu sei o quanto serei feliz pelo resto da vida se o tiver ao meu lado.

— Trevor…

— Por que não me responde lá dentro? Eu não quero te ver resfriada, por favor, vamos colocar um casaco, Mia — ele divaga enquanto enrola os dedos no meu cabelo.

— *Uhum* — assinto com um grande sorriso.

— Sim para *vamos entrar* ou para *a neve*?

— Os dois.

Ele me cede um sorriso de canto e puxa o meu queixo para um selinho… ou dois, ou três.

— Eu amo te fazer feliz — confessa entre meus lábios.

— Obrigada por ter me aguentado essas semanas, sei o quanto tenho te dado trabalho, e te privado. Eu sei que o sexo é essencial para manter um relacionament…

— Miranda, eu viraria um monge budista por você — declara e puxa minha boca para mais selinhos. Eu me torno vermelha nas bochechas e mesmo com toda essa friagem, é possível sentir a fervura e o quanto ele me aquece com essas declarações. — Eu quero que entenda que o que fiz foi o mínimo. E para ter certeza de que eu nunca estive com você apenas pelo seu corpo. Verdade, eu sou louco por cada pedacinho seu, mas ainda mais apaixonado pela sua companhia.

— Eu me sinto segura com você, Trevor, também amo sua companhia, mas… — rio comigo mesma. — Seria um desperdício te transformar em um monge com tantas ideias impuras para colocar em prática.

— Obrigado por aceitá-las — ele quase que ronrona e deixo meu rosto criar uma feição fofa.

— Ah, Trevor… se você quisesse me foder agora nesse jardim congelado, eu cederia. O lugar nunca importou para mim. — Dessa vez eu o beijo, várias vezes, beijando sua boca, nariz, queixo, a barba que eu amo quando me raspa e até mesmo o alto do seu cabelo castanho bagunçado.

— Eu…

— *Shh* — interrompo sua frase.

— Você vai me levar para ver neve, e vai parar por aqui, porque se não vou começar a chorar, estou muito emotiva ultimamente — confesso puxando sua mão, guiando-o para dentro.

— Realmente, tem chorado para todos os lados — ele provoca e não sei porque ainda me surpreendo com sua mudança repentina.

O homem fofo e devoto.

Para.

O homem sem vergonha e safado.

Reviro os olhos mais uma vez e tento esconder um pequeno sorriso que no fim ele sempre vê e confirma que eu amo essas provocações.



Neve. Neve. Neve.

Eu vejo neve por todos os lados. Nas folhas das árvores repletas de branco, nos prédios antigos que me encantam, na calçada que eu batia meus pés até a empresa e até mesmo no ar, pequenos flocos que caem sobre meu nariz. Eu arrepio inteira sem conseguir tirar o sorriso quilométrico do rosto.

O bairro Benfica.

O bairro que ouvi falar milhares de vezes no Brasil e sonhava conhecer. Tais construções existentes desde 1904, com o brasão da águia podendo ser visto de qualquer distância. Não apenas me sinto segura em estar tão perto do amor por futebol que tinha desde criança, mas realizo o sonho de sentir neve em meus dedos. Na minha pele, transformando cada célula em pura geada natalina.

Esfrego as luvas esquentando o que posso do meu corpo e antes que eu perceba, Trevor vem ao meu encontro abaixando o gorro de pelinhos em minha cabeça. Foi uma grande enrolação para que saíssemos de casa nesse frio, o homem me entupiu de todo tipo de roupa de frio existente em seu *closet*. Luvas,

gorro, casaco, duas blusas e uma calça bem grossa, além de uma bota de couro dele que ficou enorme em meus pés.

Ele se importa demais.

Sempre se importou demais comigo.

Seus braços envolvem minha cintura e ele encaixa a cabeça em meu pescoço abraçando-me por trás. Trevor finalmente toma essa atitude, pois antes apenas conseguia me admirar maravilhada com a neve fofinha e rara. Ele me explicou a história da neve em Lisboa, disse que é quase impossível nevar assim nos bairros e que a Serra da Estrela sempre foi o ponto turístico para ver neve.

— Trevor, estou parecendo uma bolota — brinco e ele ri beijando meu pescoço.

— Melhor prevenir do que remediar — sussurra nos meus ouvidos como se suas palavras fossem escudos para todo o mal gelado. — E então, Princesa, está sendo como imaginava?

— Muito melhor, a neve é bem mais fofinha do que eu imaginava… mas esse frio é assim mesmo? — questiono quando uma brisa forte nos envolve. Temos apenas alguns minutos para ver a neve, já que precisamos voltar para casa dele e nos trocar para a ceia da Sarah.

— Está mais frio do que o normal, bem mais — confessa e imagino que esteja franzindo o cenho.

O vento não é apenas algo frívolo que nos faz arrepiar o corpo e sim uma brisa extremamente fria que poderia causar um resfriado só de nos tocar. Acompanhada de flocos maiores de neve, não o pequeno e inocente que caiu em seu jardim, maiores, bem maiores.

— Merda — Trevor xinga quando as bolinhas brancas se endurecem e caem sobre meu cabelo machucando minha cabeça. — Chega, vamos embora.

— O quê? Sério, mas já? Não podemos ficar mais alguns minutos? — Brilho meus olhinhos em tom de persuasão, mas ele não cede.

— Não, nosso carro está longe, eu te levo na Serra outro dia. Vamos, por favor, Princesa. — Ele puxa uma de minhas mãos e por mais que eu queira

muito ficar, cedo e o acompanho.

Começamos caminhando facilmente pela cobertura branca, até que ela triplica de tamanho. E a cada vez que vejo os milímetros gelados aumentarem, a feição dele se irrita ainda mais.

— Trevor, vai dar tempo de chegarmos, ainda são sete horas — tranquilizo, mas sua feição não se exclui.

— Não é o horário, Mia… porra — ele xinga como se condenasse todo o bairro e a maldita neve. Não entendi o porquê de… *ah, nossa.*

— Aquele… aquele é o seu carro? — questiono e quando volto meu olhar para o seu rosto. Está literalmente tudo franzido, ele fecha os olhos como se estivesse punindo a si mesmo por algo que errou. — Calma, respire fundo. Por favor, Ursinho.

— Miranda, nosso carro está soterrado de neve — ele expele a frase da boca quase com o maxilar trincado de ódio.

— Não tem como tirarmos? Com uma pá ou algo assim? — eu sugiro, mas assim que digo percebo o quanto minha sugestão foi burra, pois a estrada está coberta de neve também. — É… *talvez*, não dê para tirar.

Eu tento ao máximo manter diálogo com ele, mas sei que quando fica assim, nem Deus faz com que sua Raiva Súbita suma. Trevor segura meus dedos com força e me guia até chegarmos em frente ao Audi. Com muito esforço após abrirmos com a chave manual, a porta do carro se abre e arrasta uma tonelada de neve para trás.

Ele não diz nem uma única palavra, apenas segura meu corpo e me coloca dentro do veículo como uma criança incapaz. Deve estar muito *puto*. Posso até ver uma veia saltando em sua testa. Engatinho para o banco do carona e ele entra em seguida no lugar do motorista batendo a porta com muita força.

O som do vento que nos deixava quase surdos, se silencia de forma imediata quando entramos. Não há nenhum mísero barulhinho, exceto sua respiração nervosa.

— Meu amor…

— Miranda — ele restringe com o tom mais grosso e eu me calo.

Ele não pode me culpar por me preocupar, eu quero ajudar de alguma forma, mesmo não sabendo bem o que fazer. Tento abrir o Google para pesquisar sobre nevasca, mas não há sinal. Nem internet e muito menos telefone. *Droga… quanto tempo isso vai durar?*

— Trevor, está tudo bem, quanto tempo até que a nevasca diminua? — acaricio seu ombro.

— Não está tudo bem, Miranda. Nevascas assim duram horas, isso não vai acabar hoje, não entende? — explica lançando o olhar raivoso para mim.

Mas… ele está me culpando? Tecnicamente sim, eu queria ver a neve.

— Desculpe o tom, não gosto de falar assim com você — pede perdão e eu conto meus dedos por debaixo das luvas.

— A culpa foi minha, deve ficar com raiva mesmo — digo na tentativa de libertar seu sentimento culposo.

— O quê? — ele envolve meu pescoço nas mãos. — A culpa é toda minha, eu sabia que não era comum nevar aqui e muito menos a temperatura mais baixa. Deveria ter te protegido, estaríamos na casa da Sarah se eu fosse mais atento.

— Trevor, você só queria me deixar feliz, não se culpe por isso, por favor — peço e acaricio o braço forte que ele usa para me tocar.

— Eu ferrei com tudo, Miranda. Você abriu mão de passar o Natal com seus avós, no seu país por mim, por minha causa. Era nosso primeiro Natal juntos, íamos lembrar disso para sempre e agora... e agora vai ser a porra do dia em que eu fui burro e nos coloquei nessa situação. Que belo Natal, um carro soterrado de neve! — ele desaba as palavras com tanto ódio de si mesmo que poderia dar uma surra em seu próprio rosto.

Mas eu nunca deixaria que isso acontecesse.

Nunca deixaria que alguém te machucasse tanto assim, até mesmo se for você próprio.

Deslizo o zíper do casaco volumoso que ele colocou em mim e pulo em

seu colo encaixando minhas pernas no banco do passageiro. Junto minhas mãos ao seu rosto e o ergo até que resolva olhar fixamente para mim. Eu beijo seu nariz, bochechas, testa, queixo e até mesmo a barba que eu amo sentir. Às vezes ele não sabe pedir carinho quando precisa ou não se acha merecedor.

— Trevor, eu nunca liguei para o lugar, país ou a comida da vez. Eu fiz uma escolha, passar o Natal com você por te amar muito. *In* — lhe dou um selinho. — *Con* — dois beijos. — *Dicional*. — provo seus lábios. — *Mente*. Eu te amo *incondicionalmente*, e nada mais importa se eu tenho você — declaro e ele dá um pequeno, quase imperceptível, sorriso.

— Eu não…

— Sem palavras? — questiono quando ele toca minha cintura. — É assim que me sinto todas as inúmeras vezes em que você se declarou para mim.

— Parece justo — murmura. — Eu prometo te recompensar quando sairmos daqui.

— Pode começar se enfiando por debaixo da minha blusa já que vamos ficar aqui até de manhã — brinco e ele ergue a sobrancelha com um sorriso.

— Antes de arrancar toda essa bolota de você… viu se temos sinal? — questiona e eu nego com a cabeça. — Entendi.

— Queria ligar pra ela? — pergunto e enrolo seu cabelo bagunçado em meus dedos.

— Foram nove natais juntos, sei que é injusto te falar isso, mas eu…

— Trevor. — Limito seus lábios com o indicador. — Ela foi sua única família por muito tempo, é perfeitamente normal que sinta a falta dela. Não se preocupe, com certeza Sarah está bem e assim que sairmos daqui você poderá abraçá-la com muita força, certo? — eu aguardo uma resposta, mas ele não responde. Apenas me encara com os olhos brilhantes de Amor Sublime.

— Você não era obrigada a aceitar isso.

— É um preço ridiculamente pequeno a se pagar para chamar Trevor White de meu. — Beijo seu nariz e acaricio seu rosto todo. — E, além disso, a escolha foi minha e isso só cabe a mim e a você.

Ah, agora sim! Era esse sorriso de molhar minha calcinha que eu queria ver!

Você não faz ideia do quanto eu te amo…



CAPÍTULO SCOTTER:

Fogão de Açúcar

O clima de Natal está por toda a parte
E estou tentando bancar a descolada
Mas é difícil me focar quando
O vejo passar pela sala
Estou evitando todo visco
Até que eu veja que é amor verdadeiro
Que ele acha que é
SANTA TELL ME - ARIANA GRANDE

SARAH SCOTT

Soberba. Orgulho excessivo, tendência de se considerar melhor do que as outras pessoas. O famoso pecado capital sem lógica alguma. A sociedade dita as regras de como agir, mas não te diz as consequências disso. A sobrançaria lhe dá orgulho de si e autoestima elevada. E se você realmente merecer ser superior, qual é o problema nisso? Como eu disse, não há lógica.

Me condene.

Me condene por ter gasto meu tempo mimando meu corpo para que fosse atrativo.

Me condene por ter gasto meu tempo mimando meu cérebro para que minhas ideias fossem invejáveis.

Me condene por não ter gasto meu tempo cuidando dos meus sentimentos para que eu fosse mais madura agora.

Não é racional me importar tanto assim. Trevor nunca me abandonou, pelo contrário sempre fez questão de dizer em alto e bom tom que estaria sempre pronto para mim. Afinal, ele é leal assim como eu sou a ele. É o meu subconsciente que acredita que a cada dia que ele não me liga ou responde de forma diferente, está se afastando aos poucos. E isso me faria perdê-lo.

O que seria terrível já que como todos dizem, eu sou difícil de lidar.

Poderia ter passado mais tempo participando daquelas malditas palestras de autoajuda do segundo andar. Algo sobre bondade, humildade… toda aquela porcaria que não leva ninguém ao topo.

É, julgue mais, você não está em posição de julgar essas práticas.

Não está mesmo em uma das doze cadeiras do júri… o júri que ele enfrentou por mim.

Ah, nossa, vai chorar agora?

Fraca, foque na solução.

Você quer atenção, então faça por onde.

A famosa Torta Vermelha de Gengibre.

Massa branca entupida de pasta de geleia cítrica com pedaços foscos de gengibre vermelho como sangue. Deliciosa, diga-se de passagem. Ou seria, se eu gostasse desse biscoito sem gosto algum, mas quem liga para mim? Trevor ama, então eu amo também.

Viajar para outra cidade por uma confeitaria é perfeitamente normal, até visto como prova de amor em alguns filmes e se…

O homem tem uma namorada, caramba.

Sim, eu sei disso. Estou em busca da torta apenas como um presente, e quando se presenteia alguém ocorre diálogo. Quase sempre de agradecimento e se ele disser obrigado, já estarei bem feliz, talvez até dependendo do meu humor o abrace mais uma vez.

Eu o via mais antes do *Halloween* e toda aquela tragédia, pelo menos ele ainda perguntava a minha opinião. *Mas agora?* Eu tenho consciência de que a Garota de Mel sofreu muito, mas e eu? Ele não deveria ter se importado comigo também? Todos os cuidados foram para ela, mas não esqueça, Trevor, que quando Londres voltou à tona meses atrás, fui eu quem te fez voltar a respirar.

Deveria me internar ou participar de retiros espirituais. Quem sabe eu

não vejo o fantasma do Buda ou a Madre Tereza para que tivessem pena da minha alma e me ajudassem a parar de pensar a cada segundo nisso.

Ele não precisa saber que estou pensando nisso.

Sarah, ele sabe tudo que você pensa.

Posso fingir, usar uma maquiagem diferente e dizer que se eu chorar é sombra ou algum produto cosmético que ele nunca iria pesquisar o nome.

Tenho que admitir que toda essa paranoia começou quando não consegui me comunicar com ele no Natal. Essa nevasca tomou Lisboa inteira, por completo, e até mesmo parte de Porto e cidades vizinhas.

Eu só consigo me torturar pensando se ele está bem.

Ele tentou me ligar?

Foi o sinal que o impediu?

Ou não há mais importância?

Ele está bem, Sarah, e vai te ligar quando puder.

É apenas isso, se eu conseguir levar a torta, significa que vou vê-lo bem e feliz com meu gesto. E tudo não passará de sentimentos ridículos que às vezes eu sinto antes de fazer ações das quais tenho certeza que vou me arrepender.

Porque não há motivo nenhum para eu estar em frente à porta do meu ex-namorado cogitando firmemente lhe pedir a cozinha emprestada para cozinhar a torta.

Poderia estar na minha cozinha vermelha, repleta de mármore branco e itens sangue vivo. Mas essa nevasca traiçoeira me trouxe até aqui.

Até essa porta cinza mais uma vez.

Até essa sensação odiosa de aperto no peito mais uma vez.

Até este homem egoísta mais uma vez.

Ele não merece a minha atenção, não merece nem ao menos que eu pense nele sequer um minuto da minha vida. Ele é ciumento, irônico, insistente e… charmoso.

Foi esse charme malevolente que me envolveu da primeira vez. O jeito com que ele desenrolava as frases, como as covinhas se mexiam de forma

coordenada em seu rosto, como piscava e sorria de canto ajeitando a gravata. Eu o admirava demais, afinal ele era o grande CEO do Clube Foster. É importante ressaltar que era nosso rival na época, já que Lisboa e Porto sempre tiveram essa rixa de melhor cidade.

Alô, somos uma capital! Supere, vadia.

Mas ele não sabia disso na época. Sorrio ao lembrar o quanto ele não entendia literalmente nada de publicidade e como não era competitivo. Ele sempre me deixava vencer em tudo, queria que eu me sentisse especial e única. De fato, era assim que eu me sentia com ele.

Até que ele começou a ficar possessivo. Brincando com meus sentimentos e me subornando por atenção, havia momentos em que eu ficava grande parte do meu dia dentro de trens e ônibus para poder vê-lo quando quisesse.

Ele é traiçoeiro.

Começa devagar, primeiro ele te dá tudo o que deseja, te faz sentir inédita e rara, então ele te presenteia como as rosas vermelhas diárias e te elogia demais. Elogia tanto e te trata com tanto carinho e atenção…

QUE FICA IMPOSSÍVEL NEGAR!

É literalmente impossível dizer não a ele, um feiticeiro malévolo que te engana e surrupia seus princípios até se adequar aos dele. Aos desejos *dele*. Ao que *ele* quer que você faça. E eu não me orgulho de dizer que fiz, posso ter demorado, mas fiz de qualquer maneira.

“Consente isso?”

Eu ouvi essa frase tantas vezes que já nem tem mais o significado da possibilidade de escolha entre sim e não. Minha mente só processa que meus lábios tem que balbuciar a palavra “sim”.

E esse sim não era apenas para jantares, desfiles ou sabor de bolo, mas para as práticas agressivas dele. Quando ele me apresentou o mundo mais intenso do seu sadismo e atração por alta disciplina.

Mal sabia ele que eu não apenas aceitaria, mas me tornaria vítima desse

vício incansavelmente doloroso.

Foi ali que eu entendi o porquê dele ser tão gentil e amistoso no início, para que as mulheres aceitassem e cumprissem todas as suas ordens. Ele esperava que com o tempo elas se tornassem submissas na cama e na vida.

Eu sinto.

Eu sinto muitíssimo pela sua decepção, meu amor cinza, mas eu nunca serei devota a você fora daquela cama.

E saiba que tudo o que eu aceito é para o meu prazer, não o seu.

Minhas mãos deslizam pela porta lisa acinzentada dele, sentindo nos dedos a textura e gelo da madeira. E a cada esfregada, é um pensamento negativo, algo que me diz para ir embora. Dizendo que Trevor não sentiria falta de uma torta, mas eu sinto falta da torta.

Eu amo essa torta maldita.

Os ossos de todo o meu corpo travam, com exceção da ponta do meu dedo indicador que pressiona o botão amarelo ouro ao lado da maçaneta. Um barulho estridente incomoda meus ouvidos e lança uma enxurrada de ansiedade para cada minúscula célula que compõe meu organismo.

Posso ouvir os sons de passos que se igualam ao rufar de tambores na minha mente aguçada. A fechadura desliza para o lado esquerdo, e eu respiro fundo até demais mostrando aos céus que meus seios podem alcançá-lo.

Ele abre.

Primeira instância

Thomas franze o cenho de imediato, chocado como pipoca doce vermelha. Seus lábios com gosto de baunilha se entreabrem um pouco e posso ver em suas covinhas contraídas o quanto está confuso.

Segunda instância

A boca incrédula se transforma, como terra em construção, num sorriso que toma toda a sua face. Um sorriso irônico, superior, promíscuo e… atrativo.

Os segundos de silêncio entre o choque dele e a minha admiração permitem que eu o encare por completo. A calça social preta que nunca me interessou ele estar vestindo, mas significa que não parou de trabalhar. Exceto, é claro, por deixar que seus braços quase explodam um suéter cinza grosso. Não há desenhos natalinos ou outras cores, apenas o cinza.

Tudo com ele é tão cinza.

Inclusive os olhos que me penetram profundamente com superioridade, soberba e, é óbvio, impureza. Os cabelos bem penteados para trás que eu amava soltar cada fio de gel ao fim do expediente.

Eu não devia estar observando os detalhes do seu rosto e sim focando nos talheres da sua cozinha.

— Ah… — Ele lança um riso nasalado, se sentindo o último pedaço de torta da ceia. — Em que posso ajudá-la, Srta. Scott? — A pergunta se dirige a mim, mas o seu olhar está mais para baixo do que para cima.

— Você teria uma xícara de açúcar? — Empino meu nariz mostrando meu foco, enquanto ele balança de leve a cabeça para os lados sem conter uma risada.

— Espera. — Ergue o indicador e se encosta no batente da porta. — Deixa eu entender, você atravessou o oceano…

— É uma única hora de Lisboa — acrescento e Tom me lança um olhar de restrição que me faz fechar a boca à medida que seu olhar muda de cômico para trágico.

— Você atravessou o oceano, subiu com os seus saltinhos vermelhos até a cobertura do meu prédio, apenas para me pedir uma xícara de açúcar? Só para registro mesmo.

— Você tem? — Reviro os olhos.

— Eu posso ter ou posso não ter, quem poderia dize…

— Quer saber, eu vou embora — ameaço e liberto meu *scarpin* vermelho para dar dois passos.

— Eu tenho! — ele desespera e puxa a luva vermelha que cobre meus dedos. Eu o encaro boquiaberta pela ousadia, lançando restrição instantânea, como se fosse significar algo para ele. — Eu te empresto essa tal xícara — cede.

— E mais umas coisas — adiciono.

— Aí vai depender do seu empenho. — Sorri de canto passando o polegar pela palma de minha mão, puxando cada vez mais o tecido para ter o mínimo de contato com minha pele.

— O quê? — Ergo a sobrancelha.

— Só para ter certeza de que estamos falando do mesmo assunto, essa tal xícara é sexo?

A pergunta totalmente atrevida e sem pudor me faz travar a feição no rosto impactada. Ele acha que eu sou tão fácil assim? Já esqueceu de quem namorou por um ano?

— Thomas, eu quero realmente uma xícara de açúcar. Aquele grão que é extraído da chamada *cana-de-açúcar* — explico rolando os olhos.

— Então, eu não vou ser usado? Você quer usar a minha cozinha? — A decepção está estampada.

— Sim — confirmo.

— E não eu? — insiste.

— Thomas, eu posso usar sua cozinha? — repito.

— Se pedir com jeitinho — provoca. Ele sempre amou testar meus limites.

Eu poderia dizer não. Continuar arrogante e orgulhosa, mas se fizer isso devo dizer adeus a torta do Trevor. Ele merece que eu aguente toda essa tortura infantil. Pois então respiro bem fundo buscando a tal paz que dizem nas palestras chatíssimas de autoajuda.

— Por favor. — Dou-lhe um sorriso falso.

— Caramba, deve ser uma receita muito importante para ter cedido fácil assim. — Ergue as sobrancelhas espantado.

— Estou quebrando minhas regras vindo aqui e você sabe muito bem

disso.

Regras Scott

1. Negar pedidos masculinos em massa, seja desejável e difícil acima de tudo.

2. Nunca mostrar a um homem sua própria atração.

3. Jamais correr atrás de um homem.

É claro que eu tenho um livro de regras para me manter sempre desejável, mas essas são minhas três principais e acabei de quebrar a terceira pelo Trevor. E na verdade, quebrei a primeira com ele também… e a segunda.

— Eu te empresto minha cozinha. — Parece que minha encenação de gentileza deu resultado.

— Ótimo, obrigada — agradeço e dou passos em frente para entrar em seu apartamento do chão ao teto na cor cinza.

— Se me emprestar sua boca vermelha.

A condição me faz esbugalhar os olhos e virar mais que transferidor de noventa graus.

— Chega. — Canso e volto meu caminho quando Thomas lança uma batida forte que tranca a porta instintivamente.

— Não, não, Gatinha. Você concordou com os termos quando entrou.

Eu odeio esse apelido.

E odeio ele.

Isso é um absurdo.

Era melhor ter dado em cima de um chefe de cozinha do que ceder a esse projeto de homem.

— Você disse os termos enquanto eu entrava, seu cretino! — exclamo raivosa. Ele faz meu sangue queimar.

— Eu não te pedi para entrar. — Dá de ombros.

Foda-se, Scott, jogue o jogo dele.

— Um selinho — condiciono.

— Um beijo — rebate.

— Rápido — acrescento.

— O tempo que eu quiser — argumenta.

— Sem me tocar — restrinjo.

— Te marcando inteira — impõe sorrindo com os braços cruzados.

— Não vou concordar com a última.

— Eu nunca fui de mudar de ideia, Sarah — ressalta.

— Ceder não é mudar.

— Vamos ver como você se comporta. — Ele gira a chave na fechadura e guarda em seu bolso.

Trevor, o que eu não faço por você?



CAPÍTULO SCOTTER:

Fogão de Açúcar

Estou controlando todas as luzes vermelhas
Tenho uma surpresa para você
Apanhar um voo de última hora
Não vou sentir sua falta esta noite
Não importa como, mas vou chegar até você
BABY I'M COMING HOME - ALLY BROOKE

THOMAS FOSTER

Soberba. Orgulho excessivo, tendência de se considerar melhor do que as outras pessoas. A liberdade somada a falta de disciplina me atrai como um ímã. É satisfatório demais marcar um alvo e acertar em cheio na superioridade. A dominação é um vício muito fácil de iniciar e difícil de largar. E por que largar? O tesão de dar ordens chega a ser sublime.

Ela era apenas um alvo.

Um alvo bem vermelho que estreitei de forma absurda o olhar quando a vi pela primeira vez. Me lembro como se tivesse escrito na mente, cada mísero detalhe do dia em que a conheci. Como a achei ridiculamente perfeita.

Eu nunca, até aquele dia, fui capaz de ver com meus próprios olhos tamanha beleza.

Não havia um único defeito em todo o seu corpo. Os cabelos loiros eram reluzentes como minério de ouro, vistos brilhando a quilômetros de qualquer distância. Tão simetricamente enrolados, mechas intactas que nenhum vento poderia sequer mexer em um único fio. Eu tive a certeza que nada poderia derrubá-la e nem ao menos sabia seu nome, mas já havia fantasiado diversas posições.

O rosto de extrema claridade, não como algo seco ou sem disposição de

viver, branco como uma tela de pintura em que qualquer coisa é destacada com facilidade. Afinal, ela era a estrela. E estrelas brilham. Só é necessário escolher a cor.

E a cor…

Vermelho, ela usava vermelho dos lindos saltos até o topo da cabeça com um laço enorme. Tal fita que imaginei poder arrancar e amarrar seus pulsos. Vestida com uma chamativa saia rodada vermelha e uma blusa branca lisa de mangas compridas bem decotada, pois naquele dia tudo estava frio. Tão congelante que fantasiei vê-la apenas de sobretudo vermelho, completamente nua.

Eu a queria naquele elevador.

Mesmo sem saber seu nome.

Mesmo sem conhecê-la.

Mesmo sem saber se ela tinha interesse.

O que não seria um problema, posso ser bem persuasivo. Eu a subestimei, imaginei que fosse apenas um lindo rosto de quadril largo, seios tão espalhafatosos que poderia nadar no meio deles e uma boca carnuda vermelha.

Eu a subestimei achando que cederia fácil a mim, afinal eu era um CEO e ela… uma insignificante bolsista criativa. Como ela poderia me dizer não? Pensei comigo na época, mal sabia o quanto ela me daria trabalho.

Para todas as minhas submissas em potencial, eu as agradava no início para que vissem a versão charmosa que tenho, se apegassem a essa e não a possessiva e doentia.

Pelo menos era o que meu terapeuta após o luto do meu pai dizia.

Com ela sempre foi diferente, ela me negou inúmeras vezes, demorou dias para me dizer seu nome, semanas para me dizer sim e por mais que tenha sido cansativo, me tirou da minha zona de conforto. Ela me desafia, me faz querê-la ainda mais a cada sílaba negativa pronunciada.

Todas as vezes em que eu a convidava, flertava ou até mesmo elogiava, ela era grossa. Não conseguia entender como palavras tão mimadas e chatinhas

poderiam sair de um anjo como ela.

Mas ela nunca foi um anjo.

Sarah Scott é o Diabo encarnado.

Era há cinco anos e continua sendo até hoje, inocência minha pensar que ela havia mudado, mas não que havia ficado mais distante. Nunca senti a minha Gatinha loira tão espaçada, mesmo quando estou ao seu lado. Falando com ela, ouvindo sua voz e a observando, ela não está ali.

Eu te deixo confusa, Sarah?

Você nunca sabe quem realmente é comigo, se me agrada ainda mais ou me destila mais ódio. Confesso, as duas opções são muito excitantes. Eu te domei, demoraram longas semanas, mas você estava me obedecendo.

A loirinha malcriada petulante estava ao meu dispor, não tem ideia de como foi te ver ajoelhada para mim pela primeira vez.

Te admirar completamente nua no meu quarto, pronta para satisfazer qualquer ordem e desejo meu. Foi tão prazeroso poder te machucar, mulher. Te chicotear com força bruta, marcar essa sua pele branquinha, eu ficava louco com as marcas profundas que te deixava. Amarrar suas mãos, pés, pernas e braços, te vendar para que apenas sentisse o que eu julgo que deveria.

Eu ainda sou louco pelo seu corpo.

Eu ainda sou louco pela sua alta disciplina.

Eu ainda sou louco pelos seus gemidos abafados.

Eu ainda sou louco por você, Sarah Scott.

Eu era cinco anos atrás e sou ainda agora. O que você fez comigo, como me abandonou naquele dia quando mais precisei de você, doeu. Doeu demais saber que você não se importava comigo, depois de todos os nossos momentos juntos. Nossas corridas nos estábulos, os desfiles que te fiz me acompanhar e as degustações de vinho da minha vinícola.

Você foi a primeira mulher e única que amei romanticamente.

Nunca me importei com seus defeitos e o quanto me fazia ferver de raiva com malcriação. Eu apenas pensava em você, desde o dia que nos conhecemos a

minha vida foi pensar e relembrar você, minha Gatinha. Te imaginava exatamente igual ao seu gato gordo branco, tão nervosinha, mimada e… *linda*.

Até que você me trocou.

Eu tenho ciência de que tínhamos problemas e brigas intensas, mas eu faria tudo de novo e se tivesse me dado o benefício da dúvida, eu teria me arrependido. Não teria te obrigado a sentir mais dor por mim ou o medo angustiante de me perder. Eu nunca quis te diminuir, é apenas o meu jeito para mostrar que sou um homem que te merece. Não teria lhe pressionado com o casamento, mas a verdade é que nunca tive uma única dúvida com você. Sabia que queria te esperar no altar com um lindo vestido branco e vermelho.

Mas você não estava pronta.

Nunca esteve pronta para as maravilhas que eu quis fazer por você. *Tinha tanto medo assim, Sarah?*

Talvez tivesse e talvez você tenha resolvido me esquecer na sua mente, mas eu nunca consegui te esquecer. Procurava e marcava encontros com inúmeras loiras quando você me deixou.

Eu queria encontrar uma mulher mais belíssima e mimada que você. Até mesmo pedi para que usassem vermelho, e por um tempo funcionou para aliviar meu prazer, mas nada foi definitivo. O meu corpo sempre ansiou em chegar tão perto da sua pele mais uma vez.

Na verdade, achei que tivesse conseguido esquecê-la há dois anos quando conheci a Laís.

Laís Albuquerque.

Uma mulher devota e quente de cabelos longos e lisos bem pretos. A pele me lembrava vagamente a sua, ou seja, a pele era gostosa de bater, mas nunca chegou a sua sensibilidade. Ela me amou, ela me ama pelo o que eu sou. Talvez eu pudesse ser feliz com ela.

Essa ideia some como fumaça quando coloco meus olhos acinzentados no seu mar azul.

Você me faz parar de pensar, Sarah. Parar de seguir em frente e fingir que

te esqueci. Eu não penso em mim mesmo, te entregaria todo o meu ser se você apenas pedisse por favor.

Quando soube que estava sendo indiciada, meu instinto de proteção surtou, me fez quebrar as regras do limite de ex-namorado e voltar a te encontrar. E foi naquele dia que eu tive a certeza de que nunca amaria qualquer mulher como te amo. Eu faria tudo por você.

Mas o que você já fez por mim?

— Você tem gengibre? — A voz vermelha me tira dos pensamentos melosos e dramáticos.

Já faz uma hora que Sarah está educando minha cozinha, usa meu avental cinza, meu fogão por indução, todos os talheres e potes de vidro sem se preocupar com a louça que vem deixando. Me ofereci para ajudar umas dez vezes, mas ela não quer nem que eu me aproxime. Me afasta. Tem medo demais que eu a pegue pelo pescoço e obrigue a me dar o beijo trapaceiro.

Nem ao menos sei o que ela está cozinhando e o motivo de ser tão urgente, até porque estou focado demais em como meu avental aperta seus peitos volumosos. Seios tão perfeitos, empinados e grandes o suficiente para que eu faça até mesmo espanhola. São tão chamativos que a cada vez que ela respira, enquanto mexe algo na panela, meu organismo trava.

Caralho, mulher, como você é gostosa.

Eu poderia te foder tão gostoso nessa cozinha, arrancar toda essa sua roupa vermelha e te estapear com esses talheres que circula na massa.

Sessenta minutos que estou fantasiando em cada superfície. Você me enlouquece, Sarah.

— Tom? — ela repete e balanço um pouco a cabeça voltando toda minha atenção a ela. — Você tem gengibre? — A pergunta me deixa no mínimo confuso.

— Você odeia gengibre — concluo e ela ergue a sobrancelha. Chocada que eu me lembro de cada pequena coisinha que me disse.

— O quê? — Ela trava por alguns segundos a colher de silicone na

panela.

— Você me disse isso no nosso terceiro encontro.

— Não me lembro.

— Mas eu sim. Eu me lembro porque comprei uma torta antes de terminarmos, perto do Natal, e você brigou comigo porque eu tinha esquecido.

Tivemos uma discussão muito feia, você dizia que eu não me importava e que nenhuma mulher seria capaz de me agradar a ponto de que eu decorasse conhecimentos.

Ah, Gatinha… se você soubesse o quanto de espaço você tem no meu cérebro.

— Ah… — Corto sua fala com uma linha de raciocínio, afinal, é muito estranho.

— Se você não gostava da torta, então por que quer fazer… ah não, Sarah.

Entre minhas palavras, a ficha capota na minha cara. O único homem que ela seria capaz de dar a vida e tudo o que ele pedisse. *Trevor.*

— Tom.

— O Trevor ama biscoito de gengibre, faz aquela maldita casa todo ano, não é? — afronto e me desencosto da parede em que a admirava.

— Me deixe falar — pede como se tivesse direito a algo na minha cobertura.

— Você veio até Porto atrás da mesma torta que eu te dei, porque foi com ele que você comeu a minha torta cinco anos atrás. E quando a nevasca te impediu, você veio até mim pedir a minha cozinha para fazer uma torta pra outro homem?! — eu concluo a história bizarra e torço para que ela não tenha tido a coragem de fazer isso comigo.

— Não é outro homem, é o Trevor. — Ela empina o nariz como se a resposta fosse desculpa para um crime federal.

Esse sempre foi o nosso problema. Trevor. Era sempre ele. Porque ele era mais importante, porque ele sentia a falta dela, porque ele achava que ela fazia

demais por mim. Eu não costumo ser um homem inseguro, longe disso, mas cacete, eu podia ver nos olhos do cara o quanto ele babava na minha namorada. O quanto ele tinha ciúme de quando eu a tocava na frente dele. *Eu a tirei de você. Porque você não fez o que eu fiz. Assumi-la.*

E a ironia de tudo isso, é que ela ainda, depois de anos.

Depois. De. Anos.

ELA AINDA BUSCA A SUA APROVAÇÃO!

— É a porra da mesma coisa, Sarah?! — Meu sangue que estava quente de tesão, agora ferve de Raiva Súbita. Eu não tenho raciocínio quando ela cita o nome dele. Foi por ele que Sarah se afastou de mim. — Como você não tem vergonha de fazer isso? — Ela não vê o quanto se humilha por ele. *As coisas absurdas que nem pensa mais, você sai de si mesma quando o assunto é ele.* — Você não se sente mal por me usar assim? — Eu não tenho nenhum problema em ser usado por ela, desde que seja para o seu prazer e não o dele. — Às vezes, eu acho que você mudou tanto, que eu nem mais te reconheç…

— Desculpa — ela me interrompe e a encaro incrédulo.

O que.

Ela.

Acabou.

De.

Dizer?

Quem é essa mulher e o que fez com a minha Sarah?

Nem em quatro bilhões de anos, em que a Terra se recriasse três vezes, ela me pediria desculpas fácil assim.

— O que disse? — Eu deixo todo o ódio que desenvolvi ao ouvir o nome do homem que ela é leal e lhe dou minha atenção.

Ela não está discutindo comigo, abaixou a cabeça como uma égua ferida, sentida. Você realmente se ofendeu com o que eu disse? Se importa o suficiente para isso? Eu não quis te magoar, eu fiz isso? Eu fui grosso demais? Não entendo o que está acontecendo.

— Desculpa — ela repete e mais uma vez não posso acreditar que estou mesmo ouvindo essa palavra de seus lábios vermelhos.

— Como assim? O que está acontecendo com você? Nem em um milhão de anos você me pediria desculpa por algo. — Arranco a colher de sua mão e a jogo dentro da pia. Ela nem ao menos luta comigo, apenas me deixa domá-la.

— Thomas, isso não é verdade — afirma como se realmente estivesse dizendo algo condizente.

— Eu tenho percebido o quanto você mudou desde o nosso relacionamento. Nesse tempo antes do *Halloween*, você tem sido mais arrogante, soberba, fria e eu entendi. Pensei comigo que as pessoas mudam, mas eu não entendo, em um momento você é a megera e no outro a minha bolsista criativa. Qual das duas você é? — imponho uma resposta e o seu silêncio me faz ferver. — Me diga, o que aconteceu? — repito usando todas as minhas forças para não puni-la por essa merda de comportamento repulsivo.

— Thomas, por favor — ela sussurra, tenta erguer o braço para pegar o talher e tomo seu pulso com força restringido as ações dela.

— Não, deixe disso, você entrou aqui e sabe como funciona. Minha cobertura, minhas regras. Você vai falar e vai fazer isso agora.

Eu ordeno uma resposta, com seus pulsos quentes e com veias dilatadas em minhas mãos. Eu posso sentir o quanto seu coração está acelerado, os dedos macios agora são vítimas de um suor de desespero. Por que essa pergunta a incomoda tanto? A ponto de fazer sua boca ser mordida, eu poderia morder essa boquinha vermelha e ainda jogá-la no chão para enfiar o meu pau inteiro em seus lábios. *Você acha que pode me desafiar assim, Sarah? Eu não sou Trevor que vai passar a mão na sua cabeça e aceitar essas suas malcriações. Eu quero que seja você mesma.*

— Olhe pra mim — eu afunilo com fúria correndo nas veias por ela estar tão imersa em si mesma e pouco focada em mim. — Olhe pra mim, Sarah, é a porra de uma ordem, não estou te dando escolha. — Tomo seu queixo e o seguro fixo a mim lhe obrigando a me encarar.

— Hills — ela balbucia quase sem som.

Assim que ela pronuncia o nome da mulher que a moldou, eu a solto imediatamente. Mantenho minhas mãos longe dela e apenas a encaro em sinal de respeito pedindo aos céus que ela não resolva ir embora por tê-la pressionado sobre esse assunto.

Sarah deixa de ficar frente a frente comigo e se encosta no balcão ao lado contando os pelinhos da própria luva vermelha.

— Desde que ela morreu, eu não tenho me reconhecido mais. Você está certo. Eu tenho mesmo te tratado mal, de forma arrogante e mais fria que geada. Talvez seja mesmo a megera. — Seu busto se eleva, resultando em uma respiração profunda que antecede futuras palavras que vão lhe afetar — Mas eu *nunca*, nem agora, nem no nosso antigo relacionamento, deixei de me desculpar com você quando necessário.

Estou fisgado. Totalmente fixo a ela como em uma tela gigantesca de cinema. Admirando e valorizando o momento em que ela está se abrindo comigo. Isso é tão raro. Ela sempre guardou tudo para si.

— Eu… eu e o Trevor temos nos afastado muito. E eu supervalorizei essa torta maldita, porque sei que ele ama. Por mais que eu saiba que agora ele come tortas com ela e não comigo. — A loira conta mais rápido os pelinhos da luva e morde o lábio como se estivesse se segurando para não cair de um penhasco.

— Sarah — chamo quando percebo que esse assunto não está lhe fazendo bem.

— Eu não sou criança — afirma convicta me encarando profundamente.

— Eu nunca disse que era.

— Mas a verdade é que tudo isso tem me deixado fora de mim. Tínhamos terminado e ele nem me deu tempo suficiente para respirar e começou a gostar dela. — *Eu não posso julgá-lo por se apaixonar, isso aconteceu comigo e você, minha Gatinha. Mas posso julgá-lo se não te tratou como deveria após o término.* — Eu me senti destruída com aquele término e você me conhece, sabe

que não aceitei aquilo e com tempo sabia que ele voltaria pra mim, antes dela. — Com certeza, com a Miranda fora da jogada era questão de tempo até que voltassem. *Devo te agradecer por isso, Mia.* — Antes dela, ele voltaria.

E você realmente quer isso?

— No fundo mais obscuro do meu corpo, eu admito sem nem pensar. Se ele terminasse com ela, e me pedisse para voltar, eu voltaria.

A voz dela já cria outro tom, algo mais sensível, nada como a voz que me desafiou na porta. *Sarah, você veio aqui pela torta mesmo?*

— Mas eu sei. Sei que eu nunca fui a mulher pra ele, mesmo que ele quisesse acreditar nisso por anos. E eu sei também, o quanto ele é feliz com a Miranda, eu o amo demais para atrapalhar isso. Eu quero que ele seja feliz, mesmo que não seja comigo.

Se ela não estivesse tão emotiva e sincera, se eu ouvisse isso por um telefonema ou mensagem, nunca acreditaria realmente que ela quer o ver feliz sem sua presença. Mas ela está realmente falando a verdade, posso ver em seu olhar melancólico. Ela sofre por isso, por saber que está fazendo certo.

— Thomas, eu não quero que você sinta o que eu sinto agora. Eu nunca iria querer te fazer sofrer como eu estou sofrendo.

Ah, mas, Gatinha, você não pode decidir qual dor eu devo ou não sentir.

— Sarah, seus olhos são tão lindos, mas às vezes acho que não os usa como deveria. Você não vê o quanto me ama? — A palavra amor faz com que ela deixe de encarar a luva e me dê total atenção. — Você não consegue enxergar que se importa comigo?

— Eu nunca disse que não me importava.

Mas comete as ações contrárias a isso como no nosso término.

— Eu sempre quis te fazer essa pergunta. Há cinco anos, se ele não tivesse me dado aquela surra, se estivéssemos sozinhos. Você teria me perdoado?

Simulei essa situação na mente tantas vezes, com inúmeros cenários possíveis e impossíveis, me culpando. Dizendo para mim mesmo que de qualquer maneira teríamos terminado naquela briga e que ela não me deixou por

lealdade a ele. *Você teria me perdoado?*

— Sim.

Uma sílaba.

Uma monossílaba.

Uma palavra.

Um som.

Mil sentimentos.

O que eu poderia ter feito de diferente? Se não tivéssemos subido ao nono andar para brigar, se eu tivesse calado sua boca com um beijo, se naquele dia ela estivesse usando uma blusa de frio cobrindo a marca.

Um único detalhe poderia ter mudado tudo.

Eu poderia tê-la beijado mais uma vez.

Eu poderia estar casado com ela.

Eu poderia estar acordando todos os dias com ela.

Um segundo foi o suficiente.

— Obrigado — digo quase em um sussurro. É o máximo que meu corpo consegue expressar.

— Escuta. — Ela desencosta do balcão e se aproxima do meu corpo. Sarah não me toca com as mãos, mas coloca seu corpo em contato com o meu. Não se esfrega ou se mexe, apenas permanece colada como se me transferisse sentimentalismo e força.

— Não, sério, obrigado pela franqueza. — Balanço a cabeça para os lados tentando fingir que o que ela acaba de dizer é frívolo.

— Tomy — a voz dela é carinhosa. O apelido que eu amo, que me sinto profundamente amado por ela, porque sei o quanto ela economiza dizê-lo. Suas unhas vermelhas tocam o meu cabelo e colocam alguns fios caídos do penteado atrás de minha orelha. Eu arrepio. Arrepio o corpo todo quando ela me toca por livre vontade. — Eu teria me tornado dependente de você — murmura.

— O quê? — falo baixinho esperando que ela chegue ainda mais perto de mim.

— Você era sistemático demais, ciumento e tão possessivo. Eu teria feito de tudo para te agradar — suas palavras carregam a verdade, embora doam demais.

— Teria acabado do mesmo jeito — sussurro para mim mesmo.

— Teria — ela confirma trazendo os dedos para acariciar minha barba. — Eu não estava pronta para as coisas que você queria comigo e nem há meses no tribunal. Você sempre viu mais do que eu mesma via em mim — confessa e puxa de leve o meu queixo para si.

— Então por quê? Por que você ficou comigo? — questiono e enrolo nos dedos a cordinha do meu avental cinza preso ao seu corpo.

— Porque você me acolheu. — Ela dá um pequeno sorriso contraditório, pois sinto fraqueza em suas palavras. — Me mostrou as suas práticas que me aliviaram do meu trauma e eu te amei por isso. Te amei por gostar de me infligir dor e por me dar prazer assim.

— Naquela noite…

— Eu me senti presa. Eu não conseguia te enxergar. Não por causa das vendas. — Ela me faz soltar um riso nasalado. — Você gosta das vendas, mas por não conseguir sentir que era você fazendo aquilo. Porque eu sei que tudo que fez comigo sempre foi amor. — Eu enrolo com mais força a cordinha nos dedos ao ouvi-la dizer a verdade sobre o que sempre fiz por ela.

— Você sentiu que era sua mãe? — lanço quase que me arrependendo da pergunta por saber o quanto isso a afeta.

Por favor, não pare agora.

— Eu não sei exatamente o que foi, talvez o local em que bateu, onde me prendeu, as palavras de segurança… o Rudolf — Ela ri um pouco e eu a acompanho. — Ainda usa ele?

Costumávamos cuidar do Rudolf como se fosse nosso filho. Sempre cuidando do seu estado, deixando limpo e o utilizando em momentos de carinho.

— O chicote? Não desde aquele dia. — Nunca mais cheguei perto da caixa em couro negro que o protegia.

— A culpa não foi inteiramente sua, mas quero que entenda que não fomos feitos para dar certo. — Franzo o cenho de imediato.

O quê?

Depois de todo esse carinho?

Você acha mesmo isso?

Acha que eu não te amo o suficiente?

O que mais você quer de mim, Sarah?

— E você decidiu isso. — Desenrolo a cordinha de meus dedos afastando-a de mim.

— Thomas — restringe como eu tivesse que aceitar o absurdo que ela me faz passar.

— Você sempre decide tudo — lanço sem mais me preocupar se ela vai se afetar com minhas palavras. Ela não se importa comigo, então por que eu deveria? Se eu não sou o suficiente para tentarmos?

— Eu estou me abrindo com você. — Ela tenta se aproximar de mim, mas não quero lhe dar carinho. Eu quero amarrá-la e lhe dar uma surra por falar algo tão terrível de forma tão simples. Eu te faria gritar tanto.

— Você acha que eu quero ouvir isso? Do porquê você acha e tomou para si que é verdade, esse sempre foi o problema. Independentemente da sua personalidade antiga ou a de agora. Você decide sozinha — desabafo agora dando passos em sua direção. Quero que ela me ouça em alto e bom tom.

— Eu deveria decidir com você? Que não aguentou saber o quanto eu amo o Trevor nem por um segundo no *Halloween*? — Pode ter certeza que eu sei o quanto ama, mas nunca vou aceitar isso.

Mas para quê voltar nisso?… A noite em que tive tudo e perdi tudo em questão de horas.

— Não foi isso, você sabe.

— Você é egoísta, Thomas! — joga na minha cara como se estivesse em posição de me julgar.

Vai se arrepender disso.

— E quem não seria com esse amor ridículo que você sente por ele.

— Ah, você não disse isso. — A fúria percorre todo o seu corpo, se existisse uma cor para esse sentimento, ela estaria inteira colorida. Suas pupilas dilatam, seus pulsos se fecham e seu rosto se franze inteiro. Ela está pronta para me atacar.

Você quer me atacar, Sarah Scott?

— EU FIZ MAIS POR VOCÊ DO QUE ELE! — grito em seu rosto tão alto na tentativa de que talvez assim ela entenda o quanto eu fiz por ela e ele não. O quanto eu a assumi e teria lhe dado o mundo se ele não tivesse interferido.

— ASSIM COMO CORREU PRA FODER AQUELA VAGABUNDA? — ela berra de volta com Raiva Súbita nos olhos. Não raciocina mais suas ações, apenas libera ódio e me ataca.

— PELO MENOS ELA ME AMA E NÃO TEM MEDO DE DIZER ISSO! — grito impondo meu nariz ao dela e ela me vira um tapa fortíssimo no rosto.

Permaneço virado para a esquerda, respirando fundo para acreditar no que ela acaba de dizer. Fecho meus olhos juntando minhas forças e lhe encaro mais uma vez.

— Pelo menos a Laís nunca me deixaria por outro — confesso e ela me vira outro tapa para direita.

O som estridente da palma de sua mão batendo contra o meu rosto pode ser ouvido por todos os andares desse prédio. A raiva. A fúria. A soberba… de achar que é superior a mim para me punir assim por algo que ela sabe que é verdade.

Vamos ver quem vai punir quem agora.

— Pelo menos a Laís nunca me limitou nas minhas práticas. — Eu a ataco machucando o fundo de seu trauma, porque essa é a única forma de fazê-la sofrer como faz comigo.

Sarah leva segundos rápidos, porém dignos da minha atenção para tomar uma decisão. Ela sentiu minha arma. Ela sentiu o que eu estou sentindo. Ela

ergue a mão para me estapear mais uma vez e eu agarro seu pulso limitando-a com tanta força que franze o rosto inteiro de ódio por não ser mais forte que eu.

— ENTÃO POR QUE NÃO FICA COM ELA, THOMAS? — desabafa o grito de quebrar vidros tão perto do meu rosto que tenho certeza de que se me aproximar alguns milímetros posso beijá-la.

— Acha que é assim? — Mantenho seu pulso firme e me inclino mais para investir na sua face raivosa. — Que eu escolho por quem fico louco de egoísmo e ciúme? — *Não, Sarah, bem que eu queria.* — Acha que eu não gostaria de imaginá-la comigo nos meus piores e melhores dias? — *Sentir seus dedos me afagarem com carinho e seus consolos.* — Acha que eu não queria amá-la como ela me ama? — *Você sempre será meu único amor romântico.* — Acha, você realmente acha, que não queria ter a vontade furiosa de arrancar as roupas dela, marcá-la inteira de vermelho e fodê-la até eu ver a porra do sol nascer?

Eu falho. Falho em não demonstrar o quanto ela me afeta. O quanto seus seios estão quase estourando essa blusa de tão cheios de vida e raiva. O quanto eu queria pegar esses cabelos na mão e tratá-la como um animal. O quanto sua boca está atrativa e entreaberta pronta para que eu a toque…

— Eu te detesto tanto, eu te odeio tanto, eu te…

Puxo a corda do meu avental cinza e bato seu corpo contra o meu. Mergulho meus dedos em seu cabelo e choco minha boca na sua, enroscando nossas línguas de forma desregulada. Eu não penso. Ela não pensa. Apenas fazemos. *Por que é gostoso, não é?* Excitante sentir todo esse ódio e também amar esse beijo que transborda química. Essa merda de química que eu nunca tive com nenhuma mulher. Como ela me agarra sem pudor nenhum, suas mãos apertam meu rosto e se transferem para arregaçar meu cabelo.

Não há gel no mundo que segure os desejos de Sarah Scott.

Eu a controlo. Posso sentir o controle energizando meu corpo inteiro. Amassando seu loiro nas mãos como uma coleira que dita as regras do que ela pode ou não fazer. Puxo sua cabeça para trás e ela detesta. Me encara com puro

ódio e eu sorrio de vê-la desesperada e ofegante. Toda manchada de vermelho, bochechas, queixo, até mesmo seu nariz e é claro que devo estar um reflexo idêntico.

Ela tenta. Tenta com todas as forças se soltar do aperto da minha mão, mas não consegue. Por mais nervosinha que esteja, Sarah nunca vai me controlar. *Você cedeu. Você me beijou. Eu senti sua língua brincar com a minha, porque você gosta, nunca resistiu aos meus beijos que te deixam toda exposta como agora.* Puxo seu queixo e seguro seu maxilar forçando para que me escute.

— Você me ama. Eu sei que ama. Diga que me ama — ordeno, imponho, ataco.

— N-nunca — ela balbucia entre dentes.

— Não me faça pegar pesado — ameaço e ela sorri como se nada do que eu pudesse fazer fosse ser pesado o suficiente para ela. — Me obedeça, Sarah. Diga que me ama — imploro mais uma vez e ela apenas responde com um olhar mais desafiador.

Você quer brincar? Então vamos brincar.

Arrasto sua cabeça puxando pelos cabelos loiros e a jogo de quatro debruçada no balcão. Entreabro suas pernas com a ponta dos meus sapatos, embolo seu vestido vermelho na cintura e abaixo sua calcinha. Mantenho sua cabeça bem firme, com suas bochechas em contato com o mármore da pia e tiro uma garrafa de Vinho Foster do armário de cima. *Eu não queria que fosse assim, mas você está pedindo.* Coloco a garrafa na pedra para que ela possa ver e escuto o barulho do vidro quase se quebrar.

— Você não quer que eu te penetre fundo com essa garrafa, quer? — Ela respira, expira e inspira de forma totalmente desgovernada. — Diga que me ama e tudo isso acaba — lhe dou o último aviso.

— P-pode… esquecer — murmura com a parte de sua boca fora do contato da superfície.

— Você escolheu isso.

Envolvo o vinho nas mãos e o seguro como se fosse jogar uma bola de

boliche no alvo. Entreabro os lábios de sua boceta com pura facilidade. *Caralho, você está tão molhada, Sarah, delícia do cacete.* Quanto mais agressivo, mais você se excita, é uma megera safada mesmo. Empurro a garrafa para dentro e ela pula para frente contraindo tudo por um milésimo de segundo acompanhado de um grito altíssimo.

— Chega, não quer me testar mais que isso — sugiro e quando penso que vai ser suficiente ela revira os olhos e entreabre as pernas.

O quê?!

Sarah abriu as pernas? Essa mulher é completamente maluca assim como eu, não é possível. Eu não aguento. Enfio e tiro a garrafa para frente e para trás em um movimento leve que me deixa ouvir o som gostoso da sua boceta se acostumando ao tamanho.

— Pode quebrar essa garrafa… p-pode quebrar dentro de mim e não vai conseguir que eu diga. — Ela me desafia como nunca havia feito antes. Essa coragem não era do feitio dela quando minha há cinco anos.

— Não me faça piorar — abomino.

— Você não faz pior — provoca e consigo ver o sorriso em seu rosto.

Rolo o olhar por toda a cozinha buscando algo que ela nunca aguentaria, poderia enfiar uma lata inteira de alumínio, poderia chicoteá-la com a espátula até cansar, mas nada disso seria permanent… *o fogão*.

O fogão por indução que já está queimando desde que nossa briga começou. Desde que ela me disse que nunca daríamos certo. Desde que ela disse amar mais o homem que nunca a assumiu. Desde que virou dois tapas fortíssimos na minha cara por se achar no direito de me desafiar.

Chega.

— Você vai me respeitar, Sarah, queira você ou não. — Afunilo e tiro o vinho da sua profundidade largando a garrafa na pia.

Arranco seu corpo da bancada puxando pelos cabelos e a viro para mim. Tomo suas coxas e ela puxa meu suéter cinza com toda fúria possível para que eu a beije. *Eu faço*. Eu a beijo com paixão pura raivosa, só uma mulher que eu

amo tanto seria capaz de me fazer ficar louco querendo que ela diga que sente o mesmo por mim. Seguro-a no colo e dou passos até perto das bocas ferventes com cheiro horrível. Lanço as panelas no chão que se estraçalham inteiras derramando toda a massa que ela havia feito.

— Admita pra mim — peço entre seus beijos sem pudor algum e ela permanece rígida quando perco a paciência e ameaço tocá-la na boca o que a faz largar o beijo de imediato.

— Thomas! — ela exclama com um sorriso ao sentir a temperatura ferver pertíssimo de sua bunda branquinha.

Você me pediu uma xícara… mas vou te dar um *Fogão de Açúcar*.

— Diga que me ama — ordeno lançando o olhar mais poderoso que meu corpo pode construir.

Não me teste, Sarah, eu faço.

— Você não tem coragem. — Ergue a sobrancelha até rindo achando realmente que eu não faria.

— É isso então? Você prefere ser queimada do que dizer que me ama? — indago a loucura.

— A dor física nunca me assustou, Thomas, faça o seu melhor.

— Eu faço — afirmo convicto, lhe penetrando com o olhar mais dopado de orgulho possível.

— Então faça — ela desafia.

Meu corpo quer fazê-la sofrer por tudo que me disse, pelos anos que sofri e por ela não se importar comigo o suficiente para cometer loucuras. Então eu aproximo não apenas sua bunda, mas minhas mãos que tocam antes a temperatura.

— Está quente demais. — É meu instinto romântico ridículo falando. Se importando mais com ela do que jamais se importará comigo.

— Dói muito menos do que não sentir o que quer que eu diga — confessa arranhando as mangas do meu suéter.

Por que você me instiga a te machucar? Eu sirvo apenas para isso?

— Você mente para si mesma.

— Por que não solta logo minha bunda nesse fogão? — Ela se estressa mostrando mais uma vez que apenas quer sentir dor. Me usando para infringi-la. — Você não é mais o homem que eu pensei que fosse.

— Aquele que te machucava sem sentir uma única gota de remorso?

— Você nunca sentiu remorso na vida — ela nega revirando os olhos.

— Até eu te perder.

A minha frase, as minhas palavras, as minhas sílabas a fazem paralisar toda e qualquer possível ação após isso. Não aguenta, não é? Realmente é mais fácil me ordenar lançar sua pele no fogo do que admitir que não para de pensar em mim. Se ela não vai se mexer, eu faço, mas não a queimadura. Firmo minhas mãos em suas coxas e a sento no mármore da pia envolvendo seu pescoço nas mãos. Apertando e sentindo a fervura bem mais satisfatória e quente do que a chama induzida. Meu polegar não se limita e arrasta em seus lábios viciado em se manchar de vermelho. Não são meus dedos os viciados… e sim eu.

Puxo seu queixo e lhe dou o selinho de calmaria que tinha pedido na entrada da minha cobertura. Eu te roubei o beijo que queria, mas estava devendo esse. O calmo que não te marca inteira, mas infelizmente um dos seus requisitos não vou poder cumprir. A rapidez. Eu nunca quis que nada fosse rápido com ela. Lhe dou mais um selinho e provo seus lábios até que Sarah me retribui.

Assim que eu a tiro de perto da pia, ela me abraça com as pernas e envolve meu pescoço com os braços enfiando sua cabeça no meu ombro. Seguro seu corpo firmemente e lhe abraço de volta sentindo o cheiro cítrico do seu cabelo. Ela não diz uma única palavra. Caminho com nossos corpos colados pelo apartamento e lhe trago para o meu quarto. Massageio seu cabelo com carinho e a jogo na minha cama.

Ela está tremendo.

Te assusta saber o quanto eu te amo?

Me inclino para perto do seu rosto e ela não se esquiva.

— Está com medo de mim? — murmuro com um aperto no peito

encarando-a aflito.

Sarah puxa o meu suéter para si e acaricia meu rosto. Eu aproveito cada massagem que seus dedos me concedem. Ela balança a cabeça para os lados negando a minha pergunta e se inclina para frente. Colando nossas bocas em um selinho demorado.

— Me faça gozar… não aguento mais me encharcar por você — ela geme nos meus lábios e eu não posso conter um sorriso na boca por tê-la afetado tanto.

Mas eu quero vê-la implorar.

— Não — afirmo convicto e ela franze o cenho nervosa.

— Destranque a porta — ela me afunila com raiva no olhar dopada de tesão.

Você aceitou os termos quando entrou.

— Faça tudo que eu mandar e penso no final. — Sorrio de canto.

— Cárcere privado — argumenta.

— Continue malcriada e vou te privar de outra coisa — provoco promíscuo para irritá-la, sei o quanto quer alívio.

— Eu disse des… — Corto sua fala colocando os meus dedos como escravos para satisfazê-la.

— Disse o quê? Consente isso? — sussurro em sua boca.

— Ah… — a loira arfa.

— A sua mente pensa algo e sua boca ofega outra. Comigo você sempre consente — concluo e ela sorri quando abandono seu rosto e me enfio entre suas pernas.

Abocanho toda a sua boceta vermelha encharcada. É tão deliciosa, eu poderia lambê-la assim pelo resto da minha vida. Admirando seus gemidos e como segura meu cabelo controlando para os lados.

— Você ama quando eu te chupo gostoso assim, não é? — provoco por segundos e volto a dança coordenada no seu clitóris.

— Tomy… ah… por favor, não seja mau comigo agora — Sarah implora

gemendo baixinho se esfregando na minha boca ainda mais.

— Se me chama assim… — Aumento a velocidade e abro seus lábios totalmente com meus dedos até sua perna esquerda começar a tremer com os gemidos fora de série cada vez mais altos.

— T-tomy…! — ouço meu nome pela última vez em forma de pura satisfação e a provo gozando na minha boca. Eu amo, se eu tivesse que escolher uma única bebida para tomar até o fim dos meus dias, não seria meu próprio vinho, e sim o leite vermelho que ela escorre.

Eu dou um selinho em sua boceta e ergo meu corpo encontrando seu pescoço que eu beijo com carinho. Cheirando sua pele cítrica que há meses não sinto, provocando o lóbulo de sua orelha e desacelero.

— Eu sou loucamente apaixonado por você, Sarah — declaro o que ressoa por seus ouvidos.

Os seus seios levantavam e subiam com a respiração sem lógica, mas agora param. Estão silenciados após a minha frase.

Ergo uma sobrancelha quando algo de errado acontece, eu estou mais calmo, ela gozou na minha boca era para estar satisfeita, mas seu peito que havia silenciado agora muda para acelerado até que ela deixa de esconder e escuto seu choro. Saio da trilha de beijos em seu pescoço e a vejo escorrendo lágrimas nas bochechas coradas.

Meu.

Deus.

O que.

Eu.

Fiz?

— Sarah, olhe pra mim. — Ela nem ao menos respira mais, seu busto sobe e desce de forma desregulada. — Meu amor, por favor, não chore, eu imploro. — Limpo suas lágrimas com o polegar e não tenho mais nenhuma gota de fúria, ódio ou até mesmo Raiva Súbita no corpo. Eu só quero que ela fique bem. — Foi a garrafa? A temperatura? Gatinha, fale comigo.

— D-destranca… por favor — ela choraminga aos pedaços a frase.

— Você quer ir embora? — questiono preocupado com o que fiz e ela assente. — Eu destranco, faço o que você quiser, mas não chore por minha causa — imploro e beijo suas bochechas molhadas de rímel e batom vermelho.

— M-me esqueça… p-por favor, nunca mais me diga isso.

Isso? Isso o quê?

Dizer que eu te amo te fez chorar?

— Sarah, eu não posso fazer isso. — Eu me abro com ela e começam os soluços, a minha mulher não tem mais controle de si mesma apenas chorando sem nenhuma respiração. O que me faz ceder. — Eu esqueço, tudo bem? Eu não digo mais isso — beijo cada pedacinho do seu rosto choroso. — Apenas tente se acalmar, eu não digo, o que você achar melhor para nós, concordo.

Sarah está enfiada no meu peito, sem me responder mais, mesmo minutos após sua crise. Ela não me responde uma única palavra.

Dizer que eu te amo te machuca mais que um fogão?



CAPÍTULO WHITE:

Nevasca Açucarada

Você está com meu vestido favorito
Você está muito, muito, muito, bonita
A neve cai em seu cabelo, e eu não.
E eu não quero tirá-la
Mesmo as estrelas no céu
Não podem ofuscar seus olhos
Quero ser o seu maior presente
FA LA LA - JUSTIN BIEBER

TREVOR WHITE

Natal. Celebrado no dia 25 de dezembro, traz desejo de fechamento e início de ciclos. O dia de esperar o Papai Natal[3] sob a árvore natalina, de se empanturrar de comidas bem preparadas, receber e presentear as pessoas que mais amamos. O espírito natalino é de fato sublime.

Planos são expectativas que criamos e a quebra desses nos decepciona.

Mas por que temos essa necessidade patológica de querer que tudo aconteça como imaginamos? Não é inteligente se iludir com ideias irreais.

Eu criei os maiores e melhores planos para esse Natal. Já que esse seria nosso primeiro juntos, o primeiro em que eu poderia fazer piadas safadas com ceia, o primeiro em que eu a teria como parte da minha família.

Até que tudo foi arruinado por uma maldita nevasca.

Ou pelo menos era o que eu queria impor para a minha mente perfeccionista. A verdade é que nunca importou o lugar e nem mesmo o horário, e sim a pessoa especial. Eu não consegui, de primeiro momento, perceber a importância de sua companhia porque estava depressivo demais pela possibilidade de não ter atingido suas expectativas. Quando ela apenas queria estar comigo e isso bastava.

Já faz meses que estamos juntos e ela ainda me surpreende.

Agora. Vamos. Focar. No. Natal.

Porque o Feliz Natal Véspera pode ter sido um pouco debilitado, poderia dizer muito, mas seria injusto se levarmos em conta o sexo alucinante com uma certa árvore de Natal. Agora o dia 25 será bem comemorado.

E não teria outra expressão para descrever as festas majestáticas da Sarah.

O vermelho como sempre abundando tapetes, cortinas, mesas, luzes, sofás espalhados e, em comemoração, o piano vermelho. Dançarinas vestidas de Mamãe Noel com coreografias incrivelmente bem ensaiadas e executivos que encaram cada curva. A festa de Natal da empresa sempre foi mais promíscua do que para homenagear Jesus, mas ninguém precisa ressaltar esse fato.

Relaxo encostado no balcão do bar tomando aos poucos alguns goles de *whisky*. Apenas rolando os olhos pelo salão da Mansão Scott admirando cada pessoa que considero família.

Sarah.

Por mais que seu sorriso esteja brilhando na fantasia de *Mamãe Noel Sexy*, eu vejo em seus olhos que algo está errado. Tentei de verdade persuadi-la a me contar, mas suas respostas continuam no “não se preocupe” ou “nada importante” quando isso é claramente em *Sarêhs* significa, algo péssimo aconteceu.

Pelo menos a obriguei a tomar um café comigo na terça que vem, acho que a última vez que saímos juntos assim foi perto de quando conheci a Mia. Ao mínimo eu consegui abraçá-la com força, e ela sempre me retribui, a satisfação de vê-la viva e bem ainda é inexplicável.

Não se preocupe você, Sarah, eu vou descobrir o que aconteceu e pode ter certeza que eu resolvo.

Teodoro.

Ainda estou curioso sobre como conseguiu encontrar a *porra* de uma camisa social estampada com minis *Papais Natais*. Temos melhorado nossa

relação e a cada dia me sinto mais próximo dele como amigo. E chefe, na verdade. Descobri que ele é espetacular com Ramirez.

Morgan.

Nos presenteia com sua voz espalhafatosa e de melodia incomensurável. As músicas clássicas e do meu gênero favorito, é claro, o pop. Seu vestido verde é enorme, arrasta a saia de tecido transparente no chão e um *body* cheio de galhos cobre seu busto, não me cansarei de dizer como tenho sorte em te ter como melhor amiga. Ela ficou tão preocupada comigo na nevasca… e eu com ela.

Rose.

Essa Ruiva está sorridente demais, o que é estranho já que estou acostumado a vê-la com as sardas azedas e arrogantes. Mas hoje ela está alegre, abraçando muitos convidados e bebendo doses de chocolate quente ao invés da cerveja que nunca largou.

Então o policial não foi tão ruim assim?

Miranda.

A minha doce Princesa de Limão e Mel, tão linda, cheirosa e fofa como sempre. Eu não me canso de admirá-la caminhar para todos os lados nesse vestido verde de mangas bufantes, essa maldita saia curta que ela fica colocando para me provocar. Continue assim e vamos adicionar mais uma cena ao nosso Natal perfeito.

Sei que não foi o Natal que planejamos, mas para mim, Mia, tudo com você se torna perfeito.

Eu a sigo caminhar até a mesa de Mor e enrosco sua cintura em meus braços. Ela sorri surpresa e acaricia minhas mãos.

— Toque comigo — murmuro em seu ouvido a frase que faz com que arrepie.

— *Humm*… qual música?

— Você escolhe — lhe deixo escolher e puxo mais sua bunda para bater contra a minha virilha.

Saia curtinha demais para um evento tão religioso.

— A primeira da sua *playlist* é a melhor.

— *Santa Claus Is Coming To Town*, Michael Bublé?

— Essa — confirma e eu lhe guio até o piano vermelho.

Lhe ofereço minha mão e ela aceita para se sentar ao meu lado. Eu admiro seu sorriso ao se aconchegar no banquinho e a paixão que sente pelas teclas, ansiosa para apertá-las. O ritmo inicia e nos emergimos juntos completando o acorde um do outro. *Sintonia Chantilly, eu diria.*

You better watch out
(Melhor você tomar cuidado)
You better not cry
(Melhor você não chorar)
You better not pout
(Melhor não fazer beicinho, eu direi por quê)
Santa Claus Is Coming To Town
(Papai Noel está vindo para a cidade)
He's making a list. He's checking it twice
(Ele está fazendo uma lista e a checará duas vezes)
He's gonna find out who's naughty or nice
(Ele irá descobrir quem foi malvado ou bom)
Santa Claus is coming to town
(Papai Noel está vindo para a cidade.)
He sees you when you're sleeping
(Ele o vê quando você está dormindo)
And he knows when you're awake
(Ele sabe quando você está acordado)
He knows if you've been bad or good
(Ele sabe se você tem sido bom ou mau)
So be good for goodness sake!

(Então seja bonzinho pelo amor de Deus)

Essa música sempre me fez questionar minha índole enquanto me divertia nas notas. Então partilho da sua pergunta, Sr. Bublé. Sabendo que existem mil versões das minhas atitudes. Para alguém eu fui bom demais e para outra fui o monstro. Mas me diga, eu posso controlar todas as minhas ações? E a interpretação da sociedade quanto a essas?

Impossível, mas se tivesse que arredondar, ao seu ver, eu erro mais ou acerto mais?

Eu sou malvado ou bom?

FIM.

CONTINUA EM

FIRE RELATION




CHEF



AGRADECIMENTOS

Satisfação, Princesas e Diabéticas, se é que posso chamá-las assim, já que podem ter se apaixonado por outros personagens.

Primeiramente, gostaria de agradecer a quem passou mais noites em claro no preparo deste conto, meu *Spotif*… ei, calma, sou eu.

Desculpe, mas realmente devo ter extrapolado os limites de repetição na *playlist* de Fire Christmas. Falando em nome, gostoso de falar, não? Diga aí em voz alta e me conte depois.

Abaixo estarei digitando palavras dopadas de fofura para pessoinhas leais a mim.

Agradeço à Mari Vieira, minha assessora literária, que me incentivou em primeiro momento a escrever este conto e sair da minha zona de conforto com milhares de páginas.

Agradeço à Ruth, por fazer minha leitura crítica sempre com excelência e descobrir traumas nos meus personagens que nem eu mesma sabia.

Agradeço à minha capista, Senara, que deu um show de *maravilhosidade* nessa capa.

Agradeço às minhas ilustradoras, Gabriela, sempre detalhando a perfeição nas minhas ideias malucas, Anemonaii, por conseguir desenhar as expressões corretíssimas em minha mente e a Misolace, por deixar esses capítulos cheios de referências.

Agradeço à Juliana Otelo, vulgo acortana, por se tornar meu pilar não apenas nesse conto, ficando horas em chamada comigo escrevendo, mas em toda a minha vida. Obrigada pelo apoio que sempre me deu, dizendo e repetindo o

quão talentosa e capaz eu sou, *apenas gostaria que se visse como eu te vejo.*

Agradeço à Vitorinha, vulgo vitorinhareader, por incendiar minha mente nas cenas hot natalinas, por me pressionar até que eu escrevesse a melhor cena com um fogão e por ser minha inspiração em todas as feições fofas que hoje imagino e descrevo. *Ah, um belo Feliz Natal Véspera pra você ;)*

Agradeço à Julia, vulgo andrxdeebooks, por me xingar de todos os xingamentos possíveis para me fazer levantar a bunda e escrever, por ser paciente com as nossas partidas adiadas de uno, por mandar fazer a camiseta natalina mais incrível do mundo com meus personagens e por fazer sua árvore de livros com este conto como estrela brilhante. *Reverse.*

Agradeço à Jenny por administrar minha central com posts lindíssimos e betar este conto.

Agradeço à minha revisora Andréia, que conheci há poucos dias e que tive uma conexão imediata. Obrigada pelo carinho, paciência e interesse comigo.

Agradeço ao Eduardo, meu namorado, que este ano tem me apoiado imensamente dizendo para todos que sou autora com orgulho no olhar. Desculpe por te abandonar mais um pouco para escrever o Trevor, mas agora te darei mais atenção.

Agradeço ao Senna Dog, Original Burger, Basmar e o IFood por me manterem bem alimentada, eu disse bem, não saudável.

Agradeço à todas as integrantes da Família Limão e Mel, vocês tornam meus dias mais felizes e incentivam meu trabalho muito mais do que imaginam.

E por fim, agradeço mais uma vez a mim mesma por ser forte o suficiente para ter se levantado após tantos ataques que aconteceram nesse ano. Mas você sabe que tudo foi por um bem maior, tal bem que está vendo todos os dias em suas amizades leais e as conquistas de FIRE que não param de surpreender. Esse é apenas o começo, sete meses passaram como um sopro, então imagine o que fará em *10 anos*? Apenas continue leal e autêntica que o mundo será seu.

Dramaticamente,
BRITS.

---

[1] How I Met Your Mother: um série de comédia, composta de 9 episódios, sobre um rapaz em seus vinte e poucos anos e seu romance com uma moça que será sua esposa e mãe de seus filhos. (Como Eu Conheci Sua Mãe – tradução em português)

[2] Anthony Bridgerton: integrante da família Bridgerton, filho mais velho, dedicado e que recebeu o título de Visconde após a morte do pai. “Os Bridgertons” é uma saga de livros de sucesso da autora Julia Quinn que teve os direitos adaptados para a Netflix.

[3] Papai Natal: expressão utilizada em Portugal para se referir ao Papai Noel.